



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EDH CARLOS SOARES PAGANI

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO SUDESTE COM
BASE NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL – ALIB**

Londrina
2022

EDH CARLOS SOARES PAGANI

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO SUDESTE COM
BASE NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL – ALIB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanderci Andrade Aguilera

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL.

Pagani, Carlos.

Atitudes linguísticas na região sudeste com base nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB/ Carlos Pagani. - Londrina, 2021. 166 f.

Orientadora: Vanderci Andrade Aguilera.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Atitudes Linguísticas - Tese. 2. Projeto ALiB - Tese. I. Aguilera, Vanderci Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

EDH CARLOS SOARES PAGANI

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO SUDESTE COM
BASE NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL – ALIB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Orientadora Vanderci Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Ortelan Maia Botassini
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof^a. Dr^a. Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
UNIOESTE

Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 09 de maio de 2022.

Dedico esta tese àqueles que estão, ou deveriam estar, no centro das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, o povo. Sim, o povo. É deles que emana nosso objeto de pesquisa, a língua, sem ele nada existiria. Leigos na ciência linguística, mas dominantes absolutos nos usos diários e nas muitas faces da língua, é o povo que conduz e a mantém ao longo do tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Dr^a Vanderci Andrade Aguilera, que com carinho, respeito e dedicação orientou, ensinou e mostrou caminhos para o desenvolvimento e conclusão desta tese.

Agradeço a meu esposo Felipe Martucci Pagani, sua paciência, o apoio e a crença em mim incentivaram a continuar meu trabalho acadêmico.

Agradeço às professoras da Universidade Estadual de Londrina – UEL, todas contribuíram para o desenvolvimento desta tese e, principalmente, para a minha evolução enquanto pesquisador e linguista.

Agradeço aos amigos que conheci durante as aulas de pós-graduação. Certamente as teorias, ideias e as descobertas que fizemos marcaram esta tese.

Agradeço às minhas colegas de profissão, professoras que, cientes da dedicação exigida por este trabalho, me ausentei algumas vezes do convívio e da alegria da sala de aula.

Agradeço à minha família, pois nunca duvidaram do meu esforço, mas incentivaram em todo momento o “caçula” a estudar.

Depende da região, Estado. O sotaque cada um tem o jeito, não pode falar que é mais bonita ou mais feia, cada um tem um jeito.

Informante [144/01].

PAGANI, Edh Carlos Soares. **Atitudes Linguísticas na Região Sudeste com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB**. 2022. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Os estudos das atitudes linguísticas, vertente das investigações da sociolinguística, têm auxiliado a compreensão da mudança linguística, da manutenção e as manifestações de preferência de um dialeto sobre o outro. Esta tese apresenta os resultados de uma investigação sobre as atitudes linguísticas de informantes da Região Sudeste do Brasil, observando os princípios da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 2000) e os estudos sobre crenças e atitudes (LÓPEZ MORALES, 1993; AGUILERA, 2008; BOTASSINI, 2013; CORBARI, 2013, entre outros). Investigamos a consciência linguística sobre a existência de dialetos, tanto na localidade de inquérito quanto em outras regiões, e as avaliações linguísticas que informantes de quatro estados brasileiros, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, manifestam sobre as variedades linguísticas locais e externas. Para constituição do *corpus* de pesquisa, utilizamos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, o qual entrevistou, em 250 localidades distribuídas pelo Brasil, do Oiapoque ao Chuí, 1.100 informantes, considerando as variáveis extralinguísticas sexo, idade, nível escolar e origem, dos quais examinamos as respostas dadas por 304 informantes às questões de 2 a 5 das Perguntas Metalinguísticas (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). Os dados obtidos por entrevistas gravadas foram transcritos e processados em *software* computacional, o Programa R. Dos resultados gerais, a grande maioria dos informantes da Região Sudeste não reconhece os dialetos locais e, quando os reconhece, manifesta atitude negativa apoiada em percepções como, por exemplo, o nível escolar baixo, a fala caipira e o uso de gírias. Sobre a identificação dos dialetos, ou falares de outras localidades, os informantes reconhecem muitos deles e, também, manifestam mais atitudes negativas tanto em relação aos dialetos dos estados vizinhos como aos da Região Nordeste.

Palavras-chave: atitudes linguísticas; projeto ALiB; região sudeste.

PAGANI, Edh Carlos Soares. **Linguistic Attitudes in the Southeast Region based on data from the Linguistic Atlas of Brazil Project - ALiB**. 2022. 166 p. Thesis (Doctorate in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

Studies of linguistic attitudes, part of sociolinguistic investigations, have helped to understand linguistic change, maintenance and manifestations of preference for one dialect over another. This thesis presents the results of an investigation into the linguistic attitudes of informants from the Southeast Region of Brazil. Observing the principles of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008), Pluridimensional and Relational Dialectology (THUN, 2000) and studies on beliefs and attitudes (LÓPEZ MORALES 1993, AGUILERA 2008, BOTASSINI 2013, CORBARI 2013, among others), we investigated linguistic awareness about the existence of speeches and dialects, both in the place of survey location and in other regions, and the linguistic evaluations that informants from four Brazilian states, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais and São Paulo, expressed about local and external linguistic varieties. For the constitution of the research corpus, we used data from the Linguistic Atlas of Brazil Project - ALiB, which interviewed, in 250 locations throughout Brazil, from Oiapoque to Chuí, 1100 informants considering the extralinguistic variables sex, age, school level and origin, of which we examined the answers given by 304 informants to questions 2 to 5 of the Metalinguistic Questions (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). Data obtained from recorded interviews were transcribed and processed in a computer software, the Software R. Of the general results, the vast majority of informants in the Southeast region do not recognize local speeches, and when they do recognize them, they manifest a negative attitude supported by perception such as example, low school level, hillbilly speech and the use of slang. Regarding the identification of dialects, or speaking of other localities, the informants recognize many of them and also manifest more negative attitudes towards both the dialects of neighboring states and those of the Northeast Region.

Key words: linguistic attitudes; ALiB project; southeast region.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Pontos de Inquéritos no Estado de Minas Gerais-MG.....	60
Quadro 2	- Pontos de Inquéritos no Estado de São Paulo-SP	60
Quadro 3	- Pontos de Inquéritos no Estado do Espírito Santo-ES.....	60
Quadro 4	- Pontos de Inquéritos no Estado do Rio de Janeiro-RJ.....	61
Quadro 5	- Variáveis sociais sexo e idade conforme informante.....	61
Quadro 6	- Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado de Minas Gerais	74
Quadro 7	- Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado de São Paulo.....	94
Quadro 8	- Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado do Espírito Santo.....	113
Quadro 9	- Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado do Rio de Janeiro.....	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Rede de pontos de inquéritos e informantes na Região Sudeste.....	62
Tabela 2 -	Atitudes linguísticas dos informantes do interior de Minas Gerais	74
Tabela 3 -	Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado de Minas Gerais.	80
Tabela 4 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Minas Gerais conforme a variável idade.	82
Tabela 5 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Minas Gerais conforme a variável sexo.....	83
Tabela 6 -	Atitudes linguísticas dos informantes do interior de São Paulo	95
Tabela 7 -	Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado de São Paulo.	103
Tabela 8 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do estado do São Paulo conforme a variável idade.....	104
Tabela 9 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do São Paulo conforme a variável sexo.	105
Tabela 10 -	Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Espírito Santo.....	113
Tabela 11 -	Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado do Espírito Santo.	118
Tabela 12 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do estado do Espírito Santo conforme a variável idade.	120
Tabela 13 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.	121
Tabela 14 -	Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Rio de Janeiro	128
Tabela 15 -	Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro.....	134
Tabela 16 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.....	134
Tabela 17 -	Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.....	135
Tabela 18 -	Dialetos lembrados pelos informantes do interior dos Estados da Região Sudeste.	143
Tabela 19 -	Índice de televisão por estado do Sudeste entre 2001 e 2009.....	145

Tabela 20 - Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Rio de Janeiro 150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável sexo.....	67
Gráfico 2 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável faixa etária.	72
Gráfico 3 -	Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável sexo	75
Gráfico 4 -	Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável idade.	78
Gráfico 5 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável sexo.	86
Gráfico 6 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável idade.....	90
Gráfico 7 -	Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável sexo.	95
Gráfico 8 -	Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável idade.....	100
Gráfico 9 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.	109
Gráfico 10 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável idade.....	111
Gráfico 11 -	Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.	114
Gráfico 12 -	Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável idade.....	116
Gráfico 13 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.....	123
Gráfico 14 -	Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.	126
Gráfico 15 -	Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.....	129
Gráfico 16 -	Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.	131

Gráfico 17 - Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste.....	139
Gráfico 18 - Percepção de dialetos em outras localidades e regiões.....	141
Gráfico 19 - Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável sexo.....	146
Gráfico 20 - Percepção de dialetos em outras localidades ou regiões pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável sexo	146
Gráfico 21 - Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável idade.	148
Gráfico 22 - Percepção de dialetos pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável idade.....	151

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun	31
Figura 2 -	Esquema Tradicional das atitudes.....	37
Figura 3 -	Esquema conativo das atitudes	37
Figura 4 -	Esquema das percepções e atitudes linguísticas	38
Figura 5 -	Região Sudeste do Brasil	47
Figura 6 -	Fluxo migratório interno no Brasil entre 1950 e 1970.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
CAL	Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato
UEL	Universidade Estadual de Londrina
SP	São Paulo
MG	Minas Gerais
ES	Espírito Santo
RJ	Rio de Janeiro
PB	Português Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	SOBRE OS PRINCÍPIOS E CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	20
2.1	SOBRE OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS: SEXO E IDADE	24
2.2	SOBRE A DIALETOLOGIA TRADICIONAL E A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	28
2.3	FUNDAMENTOS DAS CRENÇAS E ATITUDES	32
2.4	AS ATITUDES LINGUÍSTICAS	35
2.5	AS PESQUISAS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS	39
2.6	PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E ALGUNS ESTUDOS	42
3	REGIÃO SUDESTE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS ESTADOS	46
3.1	SÃO PAULO	49
3.2	RIO DE JANEIRO.....	52
3.3	MINAS GERAIS	53
3.4	ESPÍRITO SANTO.....	54
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
4.1	O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL-ALiB E A METODOLOGIA	57
4.1.1	Rede de Pontos	59
4.1.2	Perfil dos Informantes	61
4.1.3	Rede de Pontos	62
4.1.4	Instrumento de Coleta de Dados	62
4.1.5	Passos para a Descrição e Análise dos Dados	63
4.2	OS DESAFIOS ANALÍTICO-QUALITATIVOS DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	65
5	ANÁLISE DOS DADOS: O QUE DIZEM OS INFORMANTES DOS ESTADOS DA REGIÃO SUDESTE	67
5.1	ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES MINEIROS.....	67
5.2	ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES PAULISTAS	86
5.3	ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES CAPIXABAS	108

5.4	ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES FLUMINENSES	122
5.5	AS PERCEPÇÕES E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO SUDESTE	137
6	CONCLUSÃO	153
	REFERÊNCIAS	159
	ANEXOS	163
	ANEXO I – Pontos de inquérito no Estado do Espírito Santo-ES	163
	ANEXO II – Pontos de inquérito no Rio de Janeiro-RJ.....	164
	ANEXO III – Pontos de inquérito no Estado Minas Gerais.....	165
	ANEXO IV – Pontos de inquérito no Estado de São Paulo-SP	166

1 INTRODUÇÃO

A Sociolinguística, desde que se configurou como um ramo da Linguística, na década de 1960, ocupou-se em pesquisar a relação entre a língua e a sociedade, incorporando aos estudos da linguagem os fatores extralinguísticos, como sexo, escolaridade e contexto de produção de fala (LABOV, 2008). Desse modo, o fator mais marcante para as pesquisas sociolinguísticas é o reconhecimento da variação e da mudança na língua no contexto social. A sociolinguística debruça-se, por meio de um rigoroso critério metodológico, no reconhecimento da estratificação das variedades linguísticas presentes na comunidade de fala.

Dessa forma, as pesquisas sobre as Atitudes Linguísticas almejam preencher essa lacuna metodológica, para contribuir com os estudos sociolinguísticos e dialetológicos com padrões de análises para além do reconhecimento e da estratificação de fenômenos linguísticos, isto é, mais que apresentar o comportamento dos processos de variação na fala, a teoria busca expor as avaliações dos falantes sobre os fenômenos linguísticos no interior da sociedade.

As Atitudes Linguísticas, conforme Moreno-Fernández (2009), pode alicerçar importantes dados sobre as avaliações dos falantes, que são válidas por permitir a verificação do reconhecimento que os falantes têm sobre a própria realização linguística, também contribui para o estabelecimento de pressupostos que podem explicar a mudança e a competência linguística, a preferência por uma língua em detrimento de outra, os problemas relacionados ao bilinguismo, a inteligibilidade e o ensino de língua.

É neste campo dos estudos linguísticos que se encontra esta tese, para verificar as atitudes dos falantes da Região Sudeste sobre os dialetos locais e regionais. As questões motivadoras desta pesquisa foram: i) em qual medida os falantes dos estados do Sudeste têm consciência da diversidade linguística?; ii) para os falantes do Sudeste, quem fala diferente no Brasil?; iii) quais são as atitudes dos informantes diante de quem fala diferente?; iv) quais são os aspectos mais evidentes que caracterizam os dialetos diferentes?

Para responder a essas questões, definimos como objetivo geral: examinar atitudes linguísticas de falantes da Região Sudeste sobre os dialetos locais e regionais. Tal objetivo geral desdobra-se em outros mais específicos:

- i) Averiguar quais dialetos são considerados diferentes para os falantes do Sudeste, considerando as variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e local de origem);

- ii) Identificar quais os dialetos mais estigmatizados;
- iii) Verificar quais aspectos linguísticos da fala do outro são mais lembrados pelos falantes da Região Sudeste.

A partir das perguntas propostas e dos objetivos já descritos, as hipóteses que norteiam esta pesquisa são: (i) as variedades regionais são evidentes e caracterizadas majoritariamente por atitudes negativas; (ii) os falantes de mais idade têm maior consciência sobre os dialetos da localidade; (iii) algumas percepções frequentemente interferem de forma negativa nas avaliações linguísticas; (iv) os aspectos linguísticos recorrentes para caracterizar a fala diferente são o sotaque, denominações e expressões regionais.

Os pressupostos teóricos do trabalho provêm da Sociolinguística, em particular do estudo das atitudes linguísticas de Labov (2008), Alvar (1986), López Morales (1993), Moreno-Fernández (2009) e Calvet (2002); da Psicologia Social, com os estudos realizados por Bem (1934) e Lambert e Lambert (1967; 1972); e da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, de Thun (1998, 2000). Dentre os pesquisadores que tratam das atitudes linguísticas, baseamo-nos em Alves (1979), López Morales (1993), Gonzalez-Gonzalez (1996), Bisinoto (2000), Blanco Canales (2004), Aguilera (2008), Moreno-Fernández (2009), Silva (2012), Botassini (2013; 2015) e Corbari (2013).

O *corpus* da pesquisa constitui-se das respostas das Perguntas Metalinguísticas propostas nos *Questionários 2001 do Projeto ALiB* (COMITÊ NACIONAL, 2001) junto aos informantes do interior da Região Sudeste. As questões foram realizadas ao final da entrevista com o objetivo de verificar a consciência e as atitudes linguísticas que os falantes têm acerca da própria língua e frente a outros grupos de fala.

A metodologia utilizada para avaliar as atitudes considera a concepção mentalista e a teoria de López Morales (1993), que separa o conceito de crença das atitudes linguísticas, ressalta que as atitudes são ativadas pelas crenças e têm natureza conativa, podendo apenas ser positivas ou negativas.

Na seção 2, intitulado “Sobre os princípios da Sociolinguística”, abordamos teóricos para conceituar a Sociolinguística e desdobramos a seção em seis subseções, intituladas de 2.1. Sobre os fatores extralinguísticos: sexo e idade; 2.2. Sobre a Dialetoologia Tradicional e a Dialetoologia Pluridimensional; 2.3. fundamentos Psicológicos das Crenças e Atitudes; 2.4. As Atitudes Linguísticas; 2.5. As pesquisas de Atitudes Linguísticas; e 2.6. Percepções Linguísticas: conceitos e alguns estudos.

Na seção 3, nomeado de “Região Sudeste: uma breve contextualização histórica dos estados”, escrevemos três seções, denominadas 3.1. São Paulo; 3.2. Rio de Janeiro; 3.3. Minas Gerais; e, 3.4. Espírito Santo, que abordam uma contextualização histórica dos estados examinados.

Na seção 4, denominado “Procedimentos Metodológicos”, discorremos em duas seções sobre o projeto ALiB e a metodologia, a primeira seção é nomeada de “O projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB e a metodologia”, cuja seção se desdobra em outras cinco subseções. A segunda seção é nomeada de “Os desafios analítico-qualitativos das atitudes linguísticas”, que descreve como foram os procedimentos para as investigações aqui apresentadas.

Na seção 5, intitulado de “Análise dos dados: o que dizem os informantes de cada estado da região sudeste”, é apresentada as análises e resultados da investigação. Essa seção desdobra-se em cinco seções: 5.1. Análise das percepções e atitudes dos informantes mineiros; 5.2. Análise das percepções e atitudes dos informantes paulistas; 5.3. Análise das percepções e atitudes dos informantes capixabas; e, 5.4. Análise das percepções e atitudes dos informantes fluminenses; e, 5.5. As percepções e as atitudes na Região Sudeste. Por fim, na última seção é apresentada a “Conclusão” da tese.

2 SOBRE OS PRINCÍPIOS E CAMINHOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

A Linguística, tal como a conhecemos hoje, tem na sua gênese os pressupostos saussurianos que tanto nortearam a Linguística Estruturalista, o Formalismo e a Gerativista quanto serviram de estopim para o avanço dos estudos sociais da linguagem. Saussure (2012, p. 40) aponta que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Enquanto Bloomfield (Formalismo) e Chomsky (Gerativismo), dentre outros pesquisadores, seguiram em busca do funcionamento interno da língua e desenvolveram teorias e sistemas sobre a estrutura da língua, a sociolinguística foi na contramão, considerando e propondo que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história dos seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12).

Segundo Hora (2004), enquanto Estruturalismo, Formalismo e Gerativismo pregam um sistema homogêneo, uniforme, estático e uma língua abstrata podendo ser até estudada sem a comunidade de fala, a Sociolinguística não aceita a ideia da língua homogênea e considera que as variações são sistemáticas e determinadas por pressões sociais, não devendo ser estudadas fora do contexto social. Em contraposição à ideia homogênea de língua, a sociolinguística busca estabelecer uma heterogeneidade sistemática, ou seja, concebe que cada comunidade é heterogênea e pode ser sistematicamente analisada e ordenada. A sociolinguística se opõe às teorias que analisam a língua longe da comunidade de fala, a língua ilhada do seu contexto social (SILVA-CORVALÁN, 1989).

Um dos primeiros linguistas a confrontar a ideia estruturalista saussuriana da língua foi o francês Meillet (1866-1936). Menéndez e Montoya (2014) afirmam que Meillet foi considerado o mais alto representante da sociolinguística francesa, que se enfatizavam as diferenças entre grupos sociais e a alocação social das funções das línguas envolvidas no bilinguismo. O autor era visto como um discípulo de Saussure, porém o distanciamento se deu após a publicação do *Curso de Linguística Geral*. O marco diferenciador de Saussure e Meillet é que, enquanto o estruturalismo linguístico tenta elaborar um modelo abstrato, a sociolinguística apresentada por Meillet (1982) observa o fato social e não é possível “compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história” (CALVET, 2002, p. 15). Meillet (1982, p. 17) estabelece definições teóricas para o fato social da linguagem e ressalta que “a linguagem é uma instituição social, segue-se que a linguística é uma ciência

social e o único elemento variável a que se pode recorrer para explicar a mudança linguística é a mudança social da qual as variações na linguagem são apenas as consequências”¹.

Os estudos de Meillet, chamados por López Morales (1993) de linguística social, não têm as mesmas correntes sociolinguísticas presentes em Labov (2008) ou Hymes (1972), mas são comuns os interesses pelo contexto social.

Em 1964, William Bright se reúne com outros 25 pesquisadores em uma conferência de sociolinguística para especificar o conteúdo e os alcances da disciplina. Como a etnolinguística e a psicolinguística, a sociolinguística não era definida com precisão. Na tentativa de sintetizar e correlacionar as publicações da conferência, pois havia vários temas sob o nome sociolinguística, Bright afirma que o objeto da sociolinguística é a diversidade linguística e descreve conjuntos dimensionais que condicionam essa diversidade. Segundo Calvet (2002, p. 21), defendendo as ideias de Bright, argumenta que uma das tarefas da Sociolinguística é evidenciar que as variações linguísticas são associadas às diferenças sociais.

Bright (1966), ao publicar as atas da conferência, estabelece sete dimensões que são de interesse da sociolinguística. As três primeiras são basicamente o esquema da teoria da comunicação: identidade social do emissor, do receptor e condições da situação comunicativa. A diacronia também é considerada uma dimensão, por meio dela é possível encontrar causas históricas que motivam a diversidade atual. Outra dimensão é o estudo das crenças linguísticas, “cuja análise permite ver as diferenças entre fatos linguísticos de uma língua (ou desta em sua totalidade) e o que o falante crê, valorativamente, sobre eles” (LÓPEZ MORALES, 1993, p.20)². As duas últimas dimensões são a extensão da diversidade e a extensão da aplicabilidade.

Calvet (2002, p. 22) afirma que o resultado dessa conferência de sociolinguística tem um valor histórico, pois marca o mês de maio de 1964 como o nascimento da Sociolinguística, “que se afirma contra outro modo de fazer linguística, o modo de Chomsky e a gramática gerativa”.

Os estudos sociolinguísticos intensificam-se com as publicações de Labov (2008), além de retomar as ideias presentes em Meillet (1982). Orientado por Uriel Weinreich na dissertação de mestrado e tese de doutorado, estabelece métodos quantitativos para a pesquisa

¹ Mais du fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et el seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variantions du langage ne sont que les conséquences.

² cuyo análisis permite ver las diferencias entre hechos lingüísticos de una lengua (o de ésta en su totalidad) y lo que el hablante cree, valorativamente, sobre ellos.

sociolinguística. Labov (2008), em seu trabalho na ilha Martha's Vineyard, pesquisou a pronúncia dos ditongos /ay/ (right, white, pride, wine) e /aw/ (house, out, doubt...) a fim de verificar se a variação fonética era explicada por variáveis sociais e ainda se era possível verificar qual o grupo social. Labov (2008) constata que a variação na ilha era realmente de raiz social, uma vez que os informantes que querem permanecer na ilha utilizam a variante insular e os que desejam sair da ilha utilizam uma variação continental (pronúncia não centralizada dos ditongos). Esta pesquisa no campo sociolinguístico foi inovadora ao fazer “correlação entre essa distribuição de traços linguísticos e uma distribuição de traços sociológicos” (CALVET, 2002, p.82).

Na tentativa de analisar a língua sem monitoramento, no uso público da vida diária, Labov (2008) faz uma pesquisa sobre o (r) pós-vocálico nas lojas de departamento em Nova York. Ao analisar três lojas de departamentos, constatou que, em cada uma das lojas, o emprego do (r) é condicionado pelos fatores socioeconômicos da loja. Em outra pesquisa, Labov (2008) avança nos estudos sociolinguísticos e verifica o falar dos jovens negros no Harlem. A pesquisa apontou que a dificuldade dos jovens negros em utilizar o inglês padrão é pela supervalorização dada ao Black English Vernacular (BEV), que pode ser considerada como um subsistema da gramática geral do inglês utilizada pelos negros. Vale ressaltar que esse subsistema não é menos estruturado, mas “separado dos dialetos brancos que o cercam por certo número de diferenças estáveis e sistemáticas” (CALVET, p. 88, 2002).

Conforme Mollica e Braga (2019, p. 9), a sociolinguística é uma vertente da Linguística que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala”. Segundo as autoras, as investigações sociolinguísticas relacionam a língua e a sociedade nas diversas disciplinas (fonética, fonologia, semântica, morfologia, entre outras). Considerando que a língua é dinâmica, heterogênea e inerente ao sujeito ou grupo, a sociolinguística tem como foco central a variação, sendo a variação linguística um princípio geral e universal capaz de ser descrita e analisada cientificamente. A variação se realiza na alternância de usos que o falante faz, motivada por fatores estruturais, intralinguísticos ou fatores internos, e sociais, extralinguístico ou fatores sociais.

Na mesma concepção, Hora (2004) afirma que a sociolinguística descreve a língua e seus determinantes sociais e linguísticos levando em conta seu uso variável. Para o autor, o objeto de estudo da sociolinguística é a variação que ocorre na língua, entre línguas e na sociedade. Hora (2004) argumenta que a variação é decorrente de fatores internos e fatores sociais que interagem no ato da comunicação.

O ponto de partida para a pesquisa sociolinguística é a variabilidade e a concepção de que a língua é um recurso inerente à comunicação utilizada por falantes em determinada comunidade. Nas palavras de Hora (2004, p. 19), a sociolinguística “objetiva explicar o processo de mudança linguística em função de diversos fatores, assim subdivididos: linguísticos, variáveis internas da língua; e sociais, variáveis relacionadas ao falante como sexo, idade, grau de escolaridade, classe social, entre outras”. Essas variáveis são passíveis de serem quantificadas e revelam os ambientes que influenciam a frequência de outra variante.

Silva-Corvalán (1989, p. 01) define a sociolinguística como estudo dos fenômenos linguísticos que tem relação com fatores sociais. A autora argumenta que os fatores sociais

incluem diferentes formas de organização política, econômica, social ou geográficas de uma comunidade, os fatores individuais que têm repercussões sobre a organização social no geral, como a idade, o sexo e o nível de educação, a etnia do indivíduo, aspectos históricos, a situação imediata que rodeia a interação; em uma palavra, o que se há chamado de o *contexto externo* em que ocorrem os fatos linguísticos. (tradução nossa).³

Silva-Corvalán (1989) aproxima os estudos sociolinguísticos à sociologia da linguagem. A definição mais específica, segundo a autora, é de a sociolinguística ser uma disciplina independente com metodologia própria, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Canadá, que estuda a língua no contexto social e se preocupa essencialmente em descrever a variação linguística, a relação com os fatores sociais e o papel que a variedade desempenha nos processos de mudança.

López Morales (1993, p. 32), ao comparar a sociolinguística e a dialetologia, esclarece que uma das preocupações da sociolinguística é investigar como duas possibilidades de realização da mesma variável entram em competição e “como uma delas começa a converter-se em símbolo de status”⁴. O autor aponta que a análise da frequência de usos da variável, considerando parâmetros socioculturais, como, por exemplo, o sexo e a idade, “são indicadores que a eleição de uma variante ou de outra depende de fatores sociais específicos”⁵.

³ Incluyen los diferentes sistemas de organización política, económica, social o geográfica de una comunidad, factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social en general, como la edad, el sexo y el nivel de educación, la etnia del individuo, aspectos históricos, la situación inmediata que rodea la interacción; en una palabra, lo que se ha llamado el *contexto externo* en que ocurren los hechos lingüísticos.

⁴ Como una de ellas comienza a convertirse en símbolo de estatus.

⁵ Son indicadores de que la elección de una variante o de otra depende de factores sociales específicos.

Por fim, diante das discussões teóricas apresentadas, a sociolinguística tem como objetivo analisar a língua dentro do seu contexto social e entende que as variáveis resultantes da heterogeneidade da língua são sistemáticas e estão condicionadas a fatores sociais.

2.1 SOBRE OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS: SEXO E IDADE

Em comunidades pequenas, nas quais, à primeira vista, os subsistemas parecem homogêneos, encontramos padrões de variação que funcionam condicionados a fatores de caráter social. Os falantes que as integram desempenham papéis diferentes de acordo com a idade, o sexo, o grau de escolaridade, o *status* dentro da comunidade, entre outros.

Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 68), as relações entre língua e sociedade têm sido reconhecidas desde sempre e as situações em que ocorrem as comunicações bem como as relações entre os falantes tanto suas “características *adscritas* (grupo geracional, sexo, etnia, casta, etc.) como *adquiridas* (nível educacional, nível socioeconômico, etc.) têm mostrado refletir-se sistematicamente nos comportamentos linguísticos diferenciados”⁶. As diferenças diasssexuais e diageracionais, por exemplo, têm se mostrado, em muitos estudos, fatores sociais fortemente condicionantes para a variação linguística.

Os primeiros estudiosos a olhar para a diferença nas falas entre homem e mulher, as diferenças diasssexuais, foram os antropólogos que apontaram três motivações para a existência da diferença: a estrutura da língua, os tabus nas comunidades e a forma de viver da comunidade. López Morales (1993) aponta que certas palavras, em determinadas culturas, eram proibidas para as mulheres e cercavam-se de um vocabulário diferenciado ou geravam estruturas perifrásticas para não nomear objetos ou atividades consideradas tabus na boca da mulher. Além do tabu, a organização social, cultural, educacional e as relações familiares também são condicionantes para a variedade na fala de homens e mulheres.

García Mouton (2000), ao evidenciar as diferenças na fala das mulheres, faz um percurso histórico e social explicando que, mesmo conhecendo palavras e expressões masculinas, as mulheres, subjugadas pela religião, tabus, estereótipos, educação e papéis sociais inferiorizados, ao menos tidos como tais, não as usavam para não serem mais criticadas. Para

⁶ características sociales *adscritas* (grupo generacional, sexo, etnicidad, casta, etc) como *adquiridas* (nivel educacional, nivel socioeconómico, etc), han mostrado reflejarse sistemáticamente en comportamientos lingüísticos diferenciados.

entender a diferença na fala do homem e da mulher, é necessário observar dois momentos distintos, a concentração da população na zona rural e o êxodo para as cidades, uma vez que os papéis sociais mudam completamente.

Os estudos dialetológicos, ao investigar os dialetos, inicialmente, não examinavam a fala da mulher. As pesquisas tinham como critério de seleção dos informantes, de acordo com Zágari (2013, p. 52), o HARAS “**(homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário)**”. Tal metodologia não foi por desprezar a mulher, mas pelas condições sociais em que vivia. García Mouton (2000) descreve, dentre muitas, algumas barreiras para não conseguirem mulheres para serem informantes: os pesquisadores eram homens, assim como as representações políticas ou sociais (médicos, chefes, anciãos, sacerdotes), o que dificultava o contato com a mulher em comunidades; os homens eram donos das relações sociais e os estudos dialetais limitaram-se a fotografar a situação linguística do momento; a dificuldade em separar as mulheres dos afazeres domésticos por alguns dias para fazer a entrevista; e algumas perguntas sobre sexo e reprodução animal poderiam evidenciar “a violência que supõe cercar as mulheres”⁷ (GARCÍA MOUTON, 2000, p. 34) (tradução nossa). Por fim, a autora explica que a escolha do homem como informante ocorreu porque ele era, na maioria dos casos, o transmissor da cultura agrícola, o chefe de família e quem tinha contato com o exterior. Para superar essa barreira, o Atlas Linguístico e Etnográfico de Castilha-La Mancha (ALeCMan), de Pilar García Mouton e Francisco Moreno Fernández, inovou ao utilizar dois questionários: uma parte comum a ambos os sexos e uma parte específica.

Na França, segundo García Mouton (2000), Gilliéron, fundador da Geografia Linguística, ao elaborar o primeiro atlas francês, não excluiu as mulheres dos atlas, mas 84% do total foram homens. Diferentemente, Griera, discípulo de Gilliéron, excluiu as mulheres das entrevistas para o Atlas da Catalúnia e foi notoriamente preconceituoso ao alegar que elas: i) não conhecem a vida do campo; ii) não servem para este trabalho porque são incapazes de utilizar a razão quando respondem as perguntas, já que se movem por sentimentos e cansam bem antes dos homens; iii) demonstram impossibilidade de atenção durante alguns dias; iv) têm conhecimento limitado em alguns domínios comumente masculinos; v) manifestam falta de fixação nas ideias, que alega ser a imprecisão na denominação das coisas. É inegável que algumas dessas alegações foram motivadas por estereótipos assentados na sociedade em relação à mulher. Somente Gardette, responsável por um atlas regional, colocou quatro mulheres na

⁷ a la violencia que supone plantear a mujeres.

equipe. Devemos ressaltar que alguns dialetólogos, como Dámaso Alonso, na Espanha, defendeu as mulheres como informantes notáveis e mais autênticas que os homens por seu papel social no campo, uma vez que ficavam isoladas de influências externas e permaneciam conservadoras transmitindo a cultura herdada.

A vida no campo fez a mulher, principalmente a de mais idade, se inclinar para a conservação da língua e, devido ao isolamento sofrido por elas, tiveram menos contato externo resultando em pouca consciência das variedades linguísticas, mantendo a variedade considerada prestigiosa. Os resultados, principalmente na Espanha, não apontam para a mesma direção. Após o êxodo rural, a vida na cidade e o processo de industrialização, as pesquisas sociolinguísticas têm revelado uma mudança no comportamento linguístico e apontado que a mulher aparenta ser mais inovadora quanto ao uso das variáveis.

O ingresso da mulher na vida urbana acarretou uma série de mudanças e avanços no papel social e, como consequência, a língua foi utilizada como um recurso precioso na luta pelos direitos e equiparação das injustiças sociais. Nesse novo entorno social, a mulher continua a busca pelo prestígio, mas, dessa vez, o que é considerado prestigioso é o inovador. Segundo García Mouton (2000), o fator “contato com a norma” resulta determinante no comportamento linguístico porque as mulheres seguem manifestando sua rejeição pelo que considera linguisticamente estigmatizado e adesão à norma que implica o prestígio. O comportamento linguístico da mulher, à primeira vista, aparenta ser contraditório, antes tencionava manter a língua herdada, a fala conservadora e, depois, tende a ser mais inovadora. Não se trata, porém, de comportamento contraditório, mas de momentos históricos e sociais diferentes.

O homem, por sua vez, parece ter certo prestígio encoberto, uma variedade que se afasta da norma, como palavras ríspidas e grosseiras, que não cabem na boca da mulher sem alguma repreensão, mas é aceitável ao homem para reforçar os traços de masculinidade (GARCÍA MOUTON, 2000). García Mouton (2000, p. 64) afirma que o homem, devendo reforçar seu papel dominante, também sofre pressões sociais no tocante à língua. Aponta que o homem é orientado a ter segurança linguística, “falar forte, ser afirmativo, falar com voz de homem, dar ordens, falar primeiro e por último, ter ciência de que, caso precise, lhe é permitido falar rudemente”⁸, contrapondo a orientações das falas femininas, que são “falar pouco, falar bem, falar suave, não dar ordens, não gritar, manter na medida do possível uma forma infantil de falar, não interromper, ser cortês, não falar afirmativamente, nem expor opiniões, não

⁸ hablar fuerte, firme; ser afirmativo; dar él las órdenes [...]; hablar el primero (y el último); hablar con <<voz de hombre>>; tener presente que, llegado el caso, le está permitido hablar rudamente [...]

perguntar diretamente” (GARCÍA MOUTON, p. 63)⁹ (tradução nossa). Tais orientações, hoje vistas claramente como impróprias, são resultados de estereótipos cultural e historicamente cultivados e que, muitas vezes, foram transmitidos em instituições de ensino.

Esse fenômeno evidencia algo inegável sobre as pesquisas de variedade linguística: os comportamentos linguísticos entre homem e mulher são diferentes e mudam ao longo da história, da região geográfica, o que consideram prestígio e lutas por igualdades sociais.

No Brasil, dificilmente será possível verificar o comportamento linguístico entre homens e mulheres antes e depois do processo de industrialização, década de 1930, semelhantemente à pesquisa de García Mouton (2000) na Espanha, uma vez que as primeiras pesquisas dialetológicas antes da primeira onda de revolução industrial brasileira contemplaram os homens.

As diferenças diageracionais também são condicionantes para explicar a variedade linguística. López Morales (1993) observa que tanto em comunidades pequenas quanto cosmopolitas há diferenças na fala da criança, dos jovens e dos adultos. Para o autor, a diferença de idade está relacionada a motivações como coesão grupal, anseio de diferenciação, hiato geracional, mostra de rebeldias etc. Defende também que é raro quando as diferenças de idade não marcam distinções nos dialetos e, por serem os responsáveis por indicar a “marcha” (do processo de mudança), são os jovens mais inovadores e sensíveis às formas privilegiadas da comunidade.

Silva-Corvalán (1989, p. 76) entende que a idade, papel importante dentro da estrutura organizacional da sociedade, confere certo *status* e autoridade a um indivíduo e “as regras que controlam a interação linguística e certos traços do sistema linguístico interno são sensíveis ao fator social idade”¹⁰. Apontando os mesmos traços de López Morales (1993), Silva-Corvalán (1989) ressalta que o grupo de idade mais propenso a diferenciar linguisticamente são os jovens que, por meio do uso de vocabulários e expressões próprias, estão imersos no mundo profissional e almejam ascensão na escala social. Para a autora, o grupo de 20 a 50 anos é o que mais apresentam perfis de autocorreção.

⁹ hablar poco; hablar bien [...]; hablar suavemente, agradablemente [...]; no dar órdenes, sino puede o sugerir [...]; no gritar; mantener en lo posible una apariencia infantil al hablar; no interrumpir, saber escuchar y dar los apoyos a la conversación; ser cortés, sonreír, huir de la discusión; no ser afirmativa, ni exponer opiniones; no preguntar directamente.

¹⁰ las reglas que controlan la interacción lingüística y ciertos rasgos del sistema lingüístico interno son sensibles al factor social edad [...].

Segundo Preti (1991) existem marcas linguísticas próprias dos idosos que derivam não apenas da idade, marcas prosódicas, sintáticas, léxicas e discursivas ou conversionais, mas também marcam tais falares. Para o autor, nos aspectos da fala, “revela-se a presença da categoria *tempo* e a presença constante do passado” (PRETI, 1991, p. 28) como um ponto de referência no discurso.

Em pesquisa mais recente, Paim (2012, p. 285) argumenta que a fala dos idosos, marcada pelo espaço e tempo, apresenta marcas lexicais, como:

arcaísmos (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente, que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), expressões formulaicas (frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as formas de tratamento (um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

As marcas lexicais na fala de mais idosos não os deixam ilhados na sociedade contemporânea, segundo Paim (2012, p. 285): os próprios idosos se encarregam de buscar “artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formuladas fora de uso, a gíria de seu tempo” e são justamente essas marcas que são mais expressivas deste grupo social.

2.2 SOBRE A DIALETOLOGIA TRADICIONAL E A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A dialetologia é, de forma geral, o estudo do dialeto. Para Chambers e Trudgill (1994), devemos entender o que de fato é um dialeto para então entender os estudos dialetológicos. Os autores explicam que o dialeto foi visto como uma forma padronizada de língua, de nível baixo e rústica, usada no dia a dia, associada à classe trabalhadora, ao camponês ou a grupos desprestigiados. O dialeto também foi considerado uma língua que não tem, a princípio, uma tradição escrita, principalmente de lugares isolados no mundo. Os autores destacam que o dialeto, ao longo da história, foi avaliado, de forma errada, como desvio da norma ou aberrações da língua. Para os autores, todos os falantes pertencem, ao mesmo tempo, a um dialeto, sem distinção de superioridade ou inferioridade. Chambers e Trudgill (1994) afirmam que as línguas possuem dialetos, isto é, os dialetos podem ser considerados como submissões de uma língua. No caso do português falado no Brasil, por exemplo, temos o falado no Rio Grande do Sul, o

dialeto gaúcho, o português falado no Rio de Janeiro, o dialeto carioca, o falado em Minas Gerais, o dialeto mineiro, e assim por diante. É importante ressaltar que os dialetos existentes no Brasil não coincidem com os limites estaduais geograficamente estabelecidos e, no mesmo estado, podem coexistir dois ou mais dialetos. A propósito, Nascentes (1953) reconhece em Minas Gerais quatro dialetos: baiano, fluminense, sulista e mineiro.

Na gênese da dialetologia, segundo Cardoso (2016), dois aspectos são considerados fundamentais: o reconhecimento da diferença ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas, ou entre elas e a ausência de dados registrados a espaço e realidades prefixados.

No início dos estudos dialetológicos, a dialetologia era considerada monodimensional, tradicionalmente observava a variação diatópica e elegia o homem adulto, rural, analfabeto e sedentário (HARAS) para a escolha dos informantes e recolha do *corpus*. A disciplina nasceu a partir dos estudos históricos da língua, como uma reação à concepção dos neogramáticos sobre a regularidade e uniformidade das mudanças fonéticas, nomeadas como leis fonéticas.

Os mapas produzidos pela metodologia monodimensional apresentam uma espécie de fotografia linguística, evidenciando a situação momentânea da língua em determinada região, considerando apenas a variação diatópica para identificar a realidade linguística, que revelam áreas homogêneas e heterogêneas que podem indicar culturas e etnias diferentes.

Tempos depois, os pesquisadores apontaram que a metodologia da dialetologia necessitava de ajustes no procedimento da investigação linguística. Diante disso, passaram a refletir sobre a inclusão de variáveis sociais como fatores condicionantes dos dialetos. Concordando com a nova proposta, Cardoso (2010, p. 15) reconhece que a dialetologia passou a “identificar, descrever e situar os diferentes usos que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”, apontando que os estudos dialetológicos estão na terceira geração. Os atlas de primeira geração, como o *Atlas Linguistique de la France* de Gillierón, identificam os fenômenos e apresentam a localização espacial sem, contudo, observar alguns fatores sociais. No Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963) é um exemplo de atlas monodimensional. Esses atlas de primeira geração não apresentam dados etnográficos dos informantes, ou seja, esses mapas têm como característica “a ênfase sobre a identificação da diversidade/similaridade espacial. Os dados sociolinguísticos esparsamente e, às vezes, difusamente, vêm mantido sobre controle e esporadicamente indicados em carta”. (CARDOSO, 2013, p. 26).

Os atlas de segunda geração, como o *Atlas Linguarum Europea*, apresentam os aspectos cartográficos e análises dos dados. A partir desses atlas de segunda geração, Cardoso (2013) relata que os textos e comentários que acompanham as cartas permitiram desenvolver a estratégia cartográfica e comparar diferentes abordagens metodológicas. De acordo com a autora, modernamente, a dialetologia está na terceira geração e tende a unir os mapas a análises e ao “acesso direto à voz do próprio informante em perfeita sincronização com a indicação do ponto da rede onde se situa o falante” (CARDOSO, 2013, p. 27), como o *Atlas Linguistique de la Corse*. Entendendo toda a história da geolinguística, Cardoso expõe que o Projeto ALiB, por se iniciar no final do século XX, apresenta, em sua gênese, as dimensões geográficas, sociais e cronológicas.

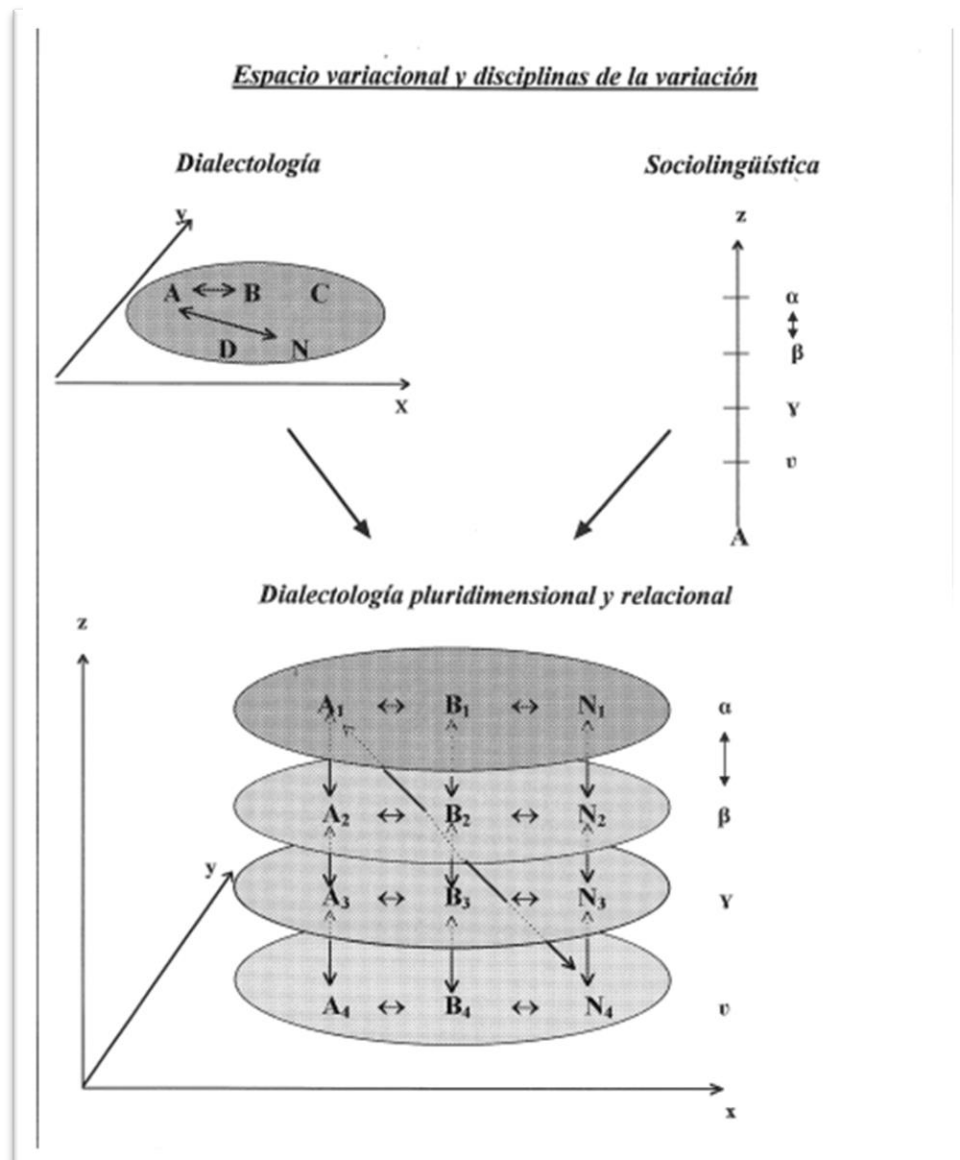
Na dimensão geográfica, a dialetologia busca determinar as diferenças regionais em determinada área. Segundo Cardoso (2010, p. 15), “o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra”.

Na dimensão social, a dialetologia busca determinar as variantes que não são explicadas do ponto de vista geográfico, mas que se justificam pelos fatores sociais, de natureza diageracional, diastrática, diassexual. Para Cardoso (2010), esses fatores sociais, quando cartografados, colocam lado a lado as informações diatópicas e as informações sociolinguísticas.

Na dimensão da cronologia, a dialetologia busca confrontar fatos que, na gênese, eram diferentes, mas que estão atualizados no momento específico. Segundo Cardoso (2010), a comparação entre sincronias permite que a dialetologia reúna sincronias distanciadas.

Thun (1998), ao elaborar o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay-ADDU*, aponta que a geografia linguística, método de pesquisa, gerou um grande avanço para as pesquisas dialetológicas. As variáveis sociais, contudo, ainda não eram observadas na dialetologia tradicional, uma vez que considerava apenas a dimensão areal na pesquisa dos dialetos. O autor propôs uma nova visão para a dialetologia, na qual reúne aspectos dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, gerando assim uma dialetologia pluridimensional e relacional capaz de fornecer parâmetros de análises. Nas palavras de Thun (2000, p. 189), “O ADDU combina, pois, a dialetologia monodimensional que é exclusivamente diatópica, com a sociolinguística e, em parte, com a pragmática, estilística e psicolinguística para abranger a variação não só na superfície”. Vejamos, na figura, o esquema desenvolvido por Thun (1998):

Figura 1: Dialetoologia Pluridimensional e Relacional de Thun



Fonte: Thun, 2000, p. 214.

Thun (2000) relacionou aspectos da dialetologia monodimensional e ilustrou que na realidade é bidimensional, eixo y e eixo x , porém a análise linguística ocorre de forma monodimensional, linear entre um ponto e outro, por exemplo, ponto A para B (\overline{AB}) e ponto A para ponto N (\overline{AN}).

No canto superior direito da imagem, os aspectos da sociolinguística, representados pelo ponto A, agregam variáveis indicadas pelas letras gregas e são variáveis linguísticas ou mesmo sociais. A partir da união dessas duas vertentes, Thun (2000) propôs o espaço variacional pluridimensional e relacional. Para o autor, além de analisar os pontos numa única superfície, ou mesmo variações de um único eixo, esse modelo é capaz de gerar dados entre

pontos de uma superfície (A1) e os pontos de outra superfície (A1 e B1), ou mesmo relações entre pontos de superfícies distintas (A1 e B2) e pontos de uma superfície e pontos de um eixo de outra localidade (A1 e β). Thun (2005) destaca que a concepção da dialetologia pluridimensional e relacional preenche o espaço deixado vazio pelos estudos sociolinguísticos.

Para esta tese, examinamos as avaliações dos informantes sobre a fala do outro, logo, sobre o dialeto ou a variedade que eles conhecem.

Sobre os termos usados neste trabalho - *dialeto* e *variedade* - cabe uma explicação. Trudgill e Campoy (2007 p. 98) definem o termo *dialeto* como “uma variedade regional ou social de uma língua que se diferencia de outra por traços específicos gramática, fonologia e léxicos e podem ser associadas a um sotaque geográfico ou social (socioleto) distintivo”¹¹No verbete *variedade* conceitua registram como “termo neutro utilizado na corrente sociolinguística da linguagem para referir-se a qualquer tipo específico de linguagem – dialeto, sotaque, socioletos, estilo ou registro”¹² (TRUDGILL; CAMPOY, 2007, p. 347) . Sendo este um trabalho também de natureza dialetológica, utilizamos ambos os termos para referir às falas identificadas ou exemplificadas pelos informantes.

2.3 FUNDAMENTOS DAS CRENÇAS E ATITUDES

As atitudes linguísticas são as atitudes sociais dos indivíduos que, de alguma forma, se relacionam com a língua e seus usos. É na Psicologia Social que encontramos a origem dos estudos das atitudes linguísticas. São duas vertentes teóricas da psicologia que definem as atitudes linguísticas: a vertente mentalista e a vertente comportamental. Seguimos, nesta tese, a vertente mentalista e recorreremos, principalmente, a Bem (1934) e a Lambert e Lambert (1972).

Os psicólogos de vertente mentalista, como Bem (1934) e Lambert e Lambert (1972), analisam as atitudes como resultado de processos cognitivos e separam desse processo o conceito de crença, constituindo certa dicotomia entre os pressupostos de crenças e de atitudes. Bem (1934) aponta que as crenças e as atitudes são fundamentadas em quatro atividades

¹¹ **Dialecto** (*dialect*): una variedad regional o social de una lengua que se diferencia de otras por rasgos específicos de gramática, fonología y léxicos y que puede ser asociada con un **acento** geográfico o social (**sociolecto**) distintivo.

¹² **Variedad** (*variety*): término neutro utilizado en la corriente sociolingüística del lenguaje para referirse a cualquier tipo específico de lenguaje – *dialecto, acento, sociolecto, estilo o registro* [...].

psicológicas do ser humano: cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais. Apesar de as crenças e as atitudes estarem relacionadas logicamente e, por muitas vezes, psicologicamente, não se deve confundi-las e tratá-las como sinônimas. Ao tratar da relação lógica entre crenças e atitudes, o autor considera a relação da lógica psicológica freudiana e a lógica clássica aristotélica, pois é essa mistura de psicológica e lógica que fundamenta a atividade cognitiva das crenças e atitudes.

Entendidas como as convicções que coletivamente formam a compreensão sobre o próprio ser humano e o meio em que vive, as crenças podem ser primitivas ou serem crenças de ordem superior. As crenças primitivas são constituídas com base na “credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa” (BEM, 1934, p. 13), resultado de uma experiência direta. Pelo fato de possuírem credibilidade básica, as crenças primitivas são aceitas como dadas. Essas crenças primitivas podem ser de ordem zero, de primeira ordem, baseadas na autoridade externa ou mesmo serem generalizações e estereótipos. Já as crenças de ordem superior estão ligadas às crenças que são mantidas conscientes e explícitas entre o ser humano e a experiência.

Para Bem (1934), a língua é mais uma crença que propriamente um sistema de convenções. O autor afirma que a língua chega a ser, para muitos, uma crença primitiva baseada na autoridade externa, mas que se valida em crenças de ordem zero ao “considerar as convenções sócio-linguísticas arbitrárias, semelhantes a ‘esta é minha mão esquerda’ e ‘hoje é terça-feira’” (BEM, 1934, p. 16). Como toda crença primitiva, a língua, muitas vezes, não é questionada pelo próprio falante e, assim, o falante credibiliza uma autoridade externa da língua e a toma como crença.

As atitudes, segundo Bem (1934, p. 29), são “as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer outros aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais”. Essas afinidades e aversões são os gostos e antipatias, respectivamente, e têm bases nas emoções, comportamentos, influências sociais e em viés cognitivo.

A diferença estabelecida por Bem (1934), no fundamento cognitivo entre a crença e a atitude, situa-se que, na crença, o ser humano emite uma espécie de juízo, em valor positivo ou não, tornando a crença avaliativa e essa avaliação é a base cognitiva da atitude, logo, é a crença que dá suporte cognitivo para os gostos e antipatias, tornando difícil, até mesmo inviável, debruçar sobre a atitude e ignorar a crença. Dessa forma, é certo afirmar que a atitude é movida

pela crença, pelas avaliações do ser humano sobre a experiência, do mundo, do objeto, de alguém.

Os fundamentos emocionais das crenças e atitudes estão ligados aos sentimentos positivos ou negativos. Para Bem (1934, p. 73), as reações emocionais não nascem naturalmente, são feitas a partir de estímulos e é importante descobrir como “são forjadas as ligações entre emoções e objetos”. As emoções são um componente da crença, pois atuam na formação da crença, ou seja, atuam na relação que o ser humano tem com a experiência. A emoção, ainda, corrobora ou prejudica a avaliação da crença e atua, rasa ou fortemente, sobre as atitudes.

Bem (1934) defende os fundamentos comportamentais a partir da teoria da dissonância cognitiva e da teoria da autopercepção, que é o comportamento que causa as atitudes e não o contrário. Para as crenças e atitudes, os comportamentos e as condições sob as quais ocorrem são fundamentalmente importantes, uma vez que, apesar das influências da cognição, emoção e do social, o comportamento “oferece base da qual deriva um novo conjunto de interferências sobre o que ele [o ser humano] sente e acredita” (BEM, 1934, p. 114).

O último fundamento de crenças e atitudes, para Bem (1934), é o fator social. Os fundamentos sociais estão relacionados a toda gama de influências que o ser humano recebe ao longo da vida e das experiências. Algumas dessas influências são superficiais e outras profundas, variam desde tentativas explícitas a tentativas implícitas que fazem, de forma não perceptível, as crenças e as atitudes se modificarem. Vale ressaltar que o fundamento social se aplica como referência de atitude de grupos sociais com os devidos conjuntos de crenças.

Concordando que as crenças e as atitudes são fundamentadas em atividades psicológicas, Lambert e Lambert (1972) focam seus estudos sobre as atitudes. Entendidas como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 77), as atitudes são formas que, aprendidas pelos sujeitos para se ajustarem na sociedade, são hábitos complexos. Para descrever os conceitos de atitudes, os pesquisadores dedicam-se ao significado social da atitude e, para isso, apresentam a natureza, a medição, a função, o desenvolvimento e a modificação das atitudes.

A natureza da atitude está relacionada com a crença, o comportamento e as emoções. Quando esses componentes estão inter-relacionados e ficam “coerentemente associados com uma maneira particular de pensar” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78), forma-se a atitude.

Para os autores, essa atitude formada diante da associação pode ser negativa ou favorável. Quando a atitude resulta numa reação de suspeita ou de hostilidade, à medida que ela acontece, torna-se uma atitude negativa; já quando há uma aproximação e uma atração de ideias, torna-se uma atitude favorável.

A medição direta da atitude, segundo Lambert e Lambert (1972), é impossível, pois se trata de processos psicológicos complexos. Para tanto, a medição da atitude é dedutiva a partir de informações acessíveis sobre a crença, as emoções e os comportamentos. Deduzir as atitudes com o auxílio de uma “escala de distância social” verificada a partir do comportamento ou de resposta direta permite escalonar em atitudes de estigma, atitudes de inferioridade, atitudes de superioridade etc.

A função da atitude é o auxílio para determinar o comportamento. Para Lambert e Lambert (1972, p. 83), as atitudes “afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos”. As atitudes, e também as crenças e as emoções, são materializadas pelos comportamentos, passíveis de serem aprendidas e seguem os princípios da associação, da transferência e da satisfação de necessidade como formas de aprendizagem.

Uma vez aprendidas, deveria ser fácil modificar ou substituir as atitudes, contudo não são modificadas com a mesma facilidade com que são incorporadas, pois elas participam da personalidade e do comportamento do indivíduo. Segundo Lambert e Lambert (1972, p. 97), “as tentativas bem planejadas para modificar atitudes só conseguem, muitas vezes, alterar o componente pensamento-crença”, pois mantêm as emoções e os comportamentos dos indivíduos e, com o tempo, essa atitude modificada volta ao estado original.

2.4 AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

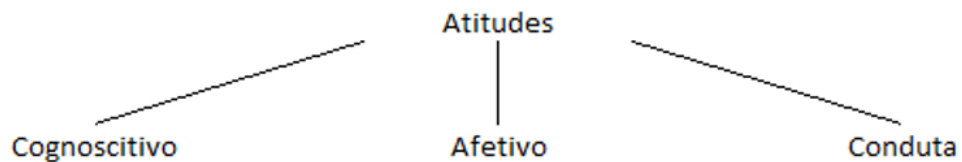
Os estudos das atitudes sociais com relação à língua, as atitudes linguísticas, têm se mostrado produtivos para explicar os processos de mudança e, além disso, a relação que o falante tem com a própria variedade e a variedade do outro. Calvet (2002, p. 57) evidencia que “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimento dos falantes para com suas línguas, para com as variantes de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise língua como um simples instrumento”.

Moreno Fernández (2009) argumenta que as atitudes linguísticas influenciam decisivamente no processo de variação e mudança linguística. Segundo o autor, uma atitude positiva pode corroborar para que a mudança linguística ocorra rapidamente e uma atitude negativa pode levar ao abandono e esquecimento, ou mesmo, impedir a difusão de uma língua ou da mudança linguística. O autor define a atitude linguística como uma manifestação da atitude social dos indivíduos que é diferenciada por centralizar e se referir especificamente a uma língua e ao uso desta língua na sociedade. Observando os dados desta tese, acreditamos que as atitudes linguísticas podem indicar as justificativas que os informantes imputam aos dialetos e às variedades linguísticas locais.

Alvar (1986) expõe que, quando o falante é instigado a responder sobre a própria língua, surgem valorações que afetam toda uma classe de âmbitos sobre a língua. Observamos que essa classe de âmbitos é de ordem cognitiva, cultural e social. Para o autor, essas valorações se movimentam entre a consciência nacional ou do grupo étnico sobre a existência de uma única língua no país, seja para valorizar ou estigmatizar a sua língua, seja para reforçar a consciência de classe.

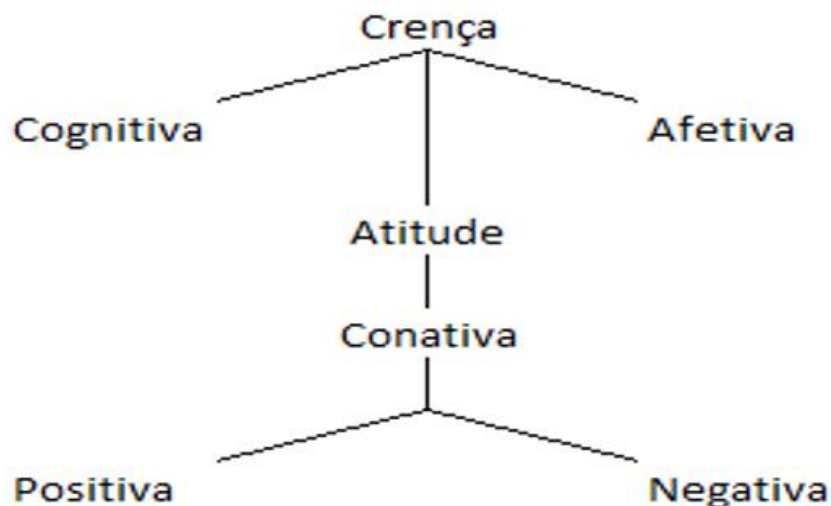
López Morales (1993), ao revisar os esquemas componenciais das atitudes, argumenta que os pesquisadores, em sua maioria, defendem uma forma estável (figura 1), na qual as atitudes são divididas em elementos cognoscitivos, afetivos e condutas. Neste modelo, as crenças participam dos elementos cognoscitivos. Para o autor, a definição de atitudes linguísticas tem origem em dois pontos de vista: alguns linguistas partem do falante "(o que disse?, como disse?, quando?, a quem se fala?); outros a definem recorrendo ao grau de influência que exercem no comportamento linguístico e na conduta em relação com a linguagem"¹³ (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 234, tradução nossa).

¹³[...](¿qué dice?, ¿cómo lo dice?, ¿cuándo?, ¿a quién habla?); otros la definen acudiendo al grado de influencia que ejerce en el comportamiento lingüístico y en la conducta en relación con el lenguaje.

Figura 2: Esquema Tradicional das atitudes

Fonte: López Morales, 1993, p. 233

Defendendo um modelo em que separa as atitudes das crenças, López Morales (1993, p. 235) afirma que as atitudes têm apenas o traço conativo e só podem ser “positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; uma atitude neutra é impossível de imaginar (pensando em sua natureza conativa): trata-se mais de uma ausência de atitude”¹⁴, conforme figura 3.

Figura 3: Esquema conativo das atitudes

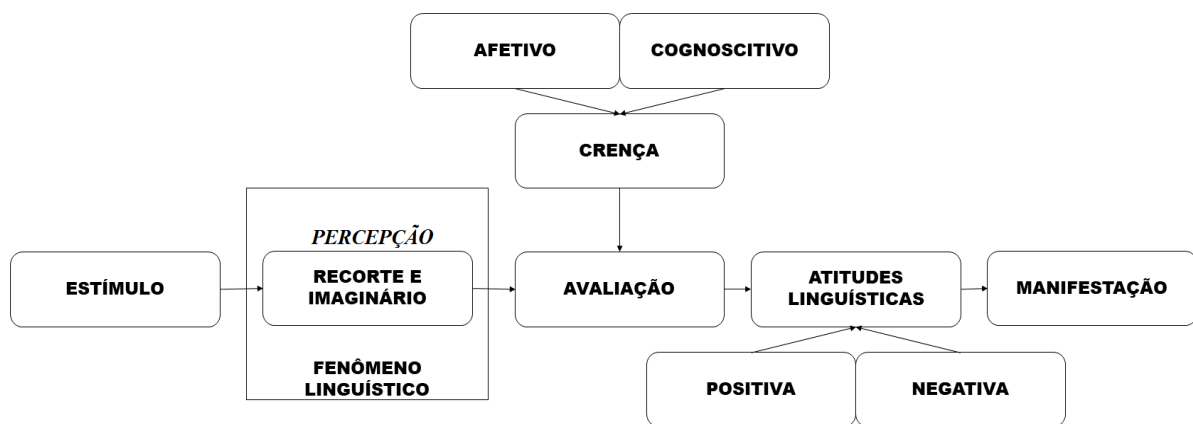
Fonte: López Morales, 1993, p. 235

Observando as considerações de Bem (1934), Lambert e Lambert (1972), López Morales (1993) e Alvar (1986), elaboramos um esquema para representar as atitudes

¹⁴[...] positivas, de aceptación, o negativas, de rechazo; una actitud neutra es imposible de imaginar (pensando en su naturaleza conativa): se trata más bien de ausencia de actitud.

linguísticas a partir do estímulo linguístico, as perguntas metalinguísticas, o fenômeno linguístico, a variação dialetal e diastrática. Partimos do estímulo sobre o fenômeno linguístico para o informante estabelecer o recorte e imaginário, fazer a avaliação que é nutrida pelas crenças que, por sua vez, constitui na sua gênese os elementos afetivos e cognoscitivos, as atitudes linguísticas e, por fim, a manifestação das atitudes, conforme ilustramos na Figura 4:

Figura 4: Esquema das percepções e atitudes linguísticas



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste esquema, o estímulo opera como uma força motriz que age sobre um recorte e imaginário que o informante faz acerca do fenômeno linguístico (o contato de línguas, o bilinguismo, o sotaque, a variedade lexical, as gírias etc.). O recorte que o informante realiza sobre determinado fenômeno é uma parcela do todo. A partir disso, o informante produz um imaginário do fato linguístico, esse imaginário refere-se à percepção que ele tem sobre o fato linguístico e é essa percepção a reforçadora das crenças, pois a percepção sofre interferência do elemento afetivo e cognoscitivo. Sobre o estímulo, Alvar (1986, p. 13) aponta que “o falante toma posições para encarar-se com sua língua: umas vezes, as mais, não as manifestam; mas outras – impulsionado por estímulos externos – responde a uma pergunta que se formula ou que lhe formulam”¹⁵ (tradução nossa). O falante nem sempre reflete sobre a língua, seja a própria variedade ou uma variedade externa, e é quando se pergunta sobre as diferenças na língua que o falante avalia e justifica as atitudes.

¹⁵[...] el hablante toma posiciones para encarar-se con su lengua: unas veces, las más, no las manifiestas; pero otras – acuciado por excitantes externos – responde a una pregunta que se formula o que le formulan.

As avaliações que o falante faz sobre os fenômenos linguísticos são condicionadas pelas crenças. São as crenças que dão suporte para as avaliações. Assumindo Bem (1934), Lambert e Lambert (1972), sobre os componentes e como eles operam, e López Morales (1993), sobre a estrutura das crenças e atitudes, consideramos que as crenças tenham dois componentes: o *cognoscitivo* e o *afetivo*. O componente cognoscitivo refere-se aos saberes, às informações, à importância das informações que os falantes têm sobre o fenômeno e o componente afetivo que são as emoções, os sentimentos e os afetos que o falante tem sobre o objeto. Ambos os componentes devem estar em concordância para que haja uma crença estável capaz de gerar avaliações, segundo González González (1996, p. 53), “por serem todas componentes de uma única atitude, devem guardar também uma estreita relação, de tal modo que geralmente exista uma influência mútua entre elas”¹⁶ (tradução nossa).

As atitudes linguísticas são entendidas como as tendências às próprias reações que se associam de uma maneira ou outro com a língua, as quais podem ser atitudes positivas (valorização, *status*, aceitação, entre outras) ou negativas (rejeição, negação). Nesse esquema da figura 4, as atitudes linguísticas nunca são neutras ou inexistentes, podendo haver certa camuflagem ou não manifestação. Consideramos camuflagem aquelas que, apesar de o informante tentar produzir um comentário sem juízo de valor, deixa indícios de julgamentos sobre o que considera diferente, isto é, uma aparente ausência de atitude. As não manifestações de atitudes linguísticas, no caso desta tese, são as não observáveis, que o informante apenas citou um dialeto ou mesmo deu exemplos, sem, contudo, comentar a diferença.

Por fim, as manifestações são as concretizações das atitudes linguísticas e é por meio delas que é possível examinar quais são as atitudes e prever quais as tendências para agir.

2.5 AS PESQUISAS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresentamos trabalhos que versam sobre atitudes linguísticas que de uma forma ou de outra contribuíram para a presente tese. Consultamos dois estudos espanhóis: de González González (1996) e de Blanco Canales (2004) e pesquisas com *corpus* do Português Brasileiro, nacionais, resultados de dissertações, teses ou artigos científicos, são de Alves

¹⁶[...] por seren tódalas compoñentes parte dunha única actitude deben gardar tamén unha estreita relación, de tal modo que adopta existir unha influencia mutua entre ellas. [...].

(1979), Bisinoto (2000), Aguilera (2008), Silva (2012), Botassini (2013; 2015) e Corbari (2013).

González González (1996) analisa as atitudes linguísticas na Galícia. Para constituir o *corpus*, realizou 38.897 inquéritos com informantes acima de 16 anos, observando a idade, o sexo e a distribuição geográfica. O autor dividiu em oito sessões as análises das atitudes e, em linhas gerais, verificou as atitudes de estudantes sobre a fala galega. O autor concluiu que a atitude linguística geral sobre a fala galega pode ser considerada positiva e tende a permanecer coexistindo com a fala castelhana.

Blanco Canales (2004) verificou as crenças e as atitudes em informantes de Alcalá de Henares na Espanha. A autora investigou quais crenças geram as atitudes, positivas ou negativas, sobre a fala dos alcalinos. Após as análises, a autora concluiu que os informantes têm uma alta valorização da própria modalidade linguística e as interferências de outros idiomas no castelhano nas últimas décadas adulteraram "o castelhano puro", o que eles avaliam negativamente.

A dissertação de Alves (1979) trata das tendências de atitudes que nordestinos residentes no Estado de São Paulo manifestam sobre o dialeto nordestino e o dialeto paulista. Respeitando o controle de quatro variáveis sociais estabelecidas, o nível social, procedência (Pernambuco ou Baiano), proveniência (capital ou interior) e tempo de permanência em São Paulo (recém-chegado ou com mais de dois anos), analisou oito grupos de pernambucanos. A autora partiu de duas hipóteses: a primeira, que atitudes positivas sobre o dialeto Paulista estão relacionadas com um nível socioeconômico baixo dos nordestinos em São Paulo, e a segunda, as atitudes linguísticas mais positivas sobre o dialeto nordestino estariam relacionadas aos nordestinos com o nível socioeconômico mais alto. Isto é, nordestinos da camada socioeconômica baixa avaliam positivamente a fala do paulista e tencionam reproduzi-la e camuflar a própria variação. Segundo a autora, por meio do levantamento indiscriminado de vogais, palatalização e substituição de léxicos, os nordestinos, a fim de conquistar a aceitação do grupo, tentam camuflar a origem, sendo assim desleais. Alves (1979) conclui, ainda, que esses nordestinos criam um falar híbrido, nem o dialeto da origem nem o dialeto paulista.

Bisinoto (2000) analisou as atitudes sociolinguísticas na cidade de Cáceres em Mato Grosso, considerando como o processo migratório interfere nas avaliações do dialeto cacerense. Em linhas gerais, o objetivo da pesquisa foi verificar se o dialeto de Cáceres estava passando por um processo de estigmatização com a migração e se possivelmente, no futuro, o dialeto pode desaparecer. Para verificar esse fenômeno de estigmatização, a autora entrevistou 12

profissionais e 12 não-profissionais, frente a frente numa entrevista gravada, a fim de conhecer e descrever o fato linguístico. Após as análises, Bisinoto (2000) concluiu que a hipótese se confirmava: a variedade linguística em Cárcere-MT é estigmatizada socialmente e existem formas estereotipadas que revelam o enfraquecimento e um possível desaparecimento desse dialeto. É interessante ressaltar, segundo a autora, que a estigmatização do dialeto não ocorre de forma unilateral, ou seja, as atitudes preconceituosas não são somente dos migrantes, mas existe uma autorrejeição do dialeto por parte dos seus falantes, evidenciado na negação da origem, inadmissibilidade das diferenças e na vergonha do próprio falar.

Aguilera (2008) discutiu as crenças e atitudes linguísticas na fala de informantes de 25 capitais brasileiras. Observando os procedimentos metodológicos do Projeto ALiB, analisa o total de 200 informantes, considerando as variáveis idade, sexo e nível escolar. A autora constatou que a grande maioria ratifica a denominação ‘português’ ou ‘língua portuguesa’ para a própria língua e as manifestações minoritárias são corrigidas em favor da crença majoritária de falar a língua portuguesa.

Silva (2012) estudou as atitudes linguísticas sobre o /r/ caipira, rótico retroflexo, no Triângulo Mineiro. Para verificar a manutenção ou não do uso do /r/ caipira nessas localidades, a autora investiga, em tempo real e em tempo aparente, o uso deste rótico. Para constituir o *corpus*, a autora utiliza três conjuntos de dados: sete cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, entrevistas *in loco* e materiais inéditos do Projeto ALiB. Sobre as conclusões da análise de crenças e atitudes linguísticas, Silva (2012) aponta que existe um estigma acerca do /r/ retroflexo no dialeto caipira, mas os informantes se identificam com o rótico retroflexo e, mesmo estigmatizado, existe certo prestígio velado em utilizar a variante retroflexa, como uma marca de identificação e pertencimento ao grupo.

Botassini (2013) descreveu e analisou as crenças e atitudes linguísticas que informantes do Norte do Paraná têm sobre os róticos em coda silábica. Para isso, a autora analisou 48 informantes, sendo 16 do Norte do Paraná, 16 cariocas e 16 gaúchos, todos residentes pelo menos há oito anos no Norte do Paraná. Para constituir o *corpus*, Botassini (2013) realizou entrevistas gravadas com cinco partes: narrativa, descrição, questionário fonético-fonológico, leitura e perguntas capazes de subsidiar a análise das crenças e atitudes dos informantes. Ao final da pesquisa, Botassini (2013) confirma duas das quatro hipóteses sobre as crenças e as atitudes dos informantes: os informantes do Norte do Paraná são mais desleais que os demais informantes e os informantes mais escolarizados são menos preconceituosos.

Corbari (2013) investigou a fala de informantes das cidades paranaenses Santo Antônio do Sudoeste e Irati, que apresentam cenários complexos pelo contexto de fronteira e/ou imigração, no intuito de verificar se as línguas de contato geravam atitudes linguísticas diferenciadas nas comunidades em razão das diferenças sócio-históricas e geográficas. Para constituir o *corpus* de pesquisa, a autora utilizou o material do projeto Crenças e Atitudes Linguísticas-CAL. Nessas localidades foram entrevistados 18 informantes estratificados segundo a faixa etária, nível de escolaridade e sexo. Ao final da pesquisa, Corbari (2013) afirma que os informantes manifestam atitudes positivas sobre as línguas e sobre os falantes da comunidade, embora ocorram casos de preconceitos constituídos em visões estereotipadas.

Quando se fala em atitudes linguísticas quase sempre o termo preconceito linguístico vem à tona. A análise de atitudes examina o julgamento dos informantes sobre a variedade que já tenham algum tipo de contato e sobre elas manifestam avaliações. Sendo assim, é frequente os informantes criticarem jocosamente algum dialeto, apresentando, assim, preconceitos sobre a fala do outro. Bisinoto (2000, p. 36) afirma que as avaliações relativas à linguagem têm “a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceito”.

Sobre o conceito de preconceito, Botassini (2013, p.66) argumenta que “o termo preconceito linguístico refere-se à atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente. Normalmente está voltado a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social”. Isto é, o preconceito linguístico, além de ser manifestações negativas sobre o dialeto do outro, está associado a grupos desfavorecidos socialmente.

2.6 PERCEPÇÕES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E ALGUNS ESTUDOS

Os resultados de pesquisas sociolinguísticas têm indicado que não há um consenso sobre quais são as variedades consideradas corretas ou incorretas. Variedades que tendem a se distanciar do padrão ou da norma culta são comumente atribuídas ao erro e, assim, desprestigiadas, alvos de preconceito linguístico. Desta forma, faz-se necessário compreender quais as percepções dos falantes sobre dialetos diferentes.

Os estudos sobre as percepções linguísticas são decorrentes da Dialetoлогия perceptual e caminham lado a lado com os estudos das atitudes linguísticas. De acordo com Ferreira (2009, p. 253), os pontos de contato entre as percepções e as atitudes linguísticas “destacavam-se de

tal modo que as atitudes foram então integradas nos estudos de Dialetologia perceptual”. A autora argumenta que as atitudes são os reflexos concretos das percepções e que, diante disso, é possível pensar nas percepções e no percurso que os falantes têm para a tomada de atitude.

Ferreira (2009), ao defender que as atitudes são decorrentes das percepções, explica que a consciência linguística e a consciência sociolinguística estão relacionadas e, portanto, as crenças acerca do prestígio de cada variação e as mudanças dentro das realizações são percepções e, por sua vez, produzem as atitudes linguísticas. A autora, observando os pressupostos metodológicos do *Handbook of Perceptual Dialectology*, de Preston (1999) e adaptados à realidade de Portugal, verificou as percepções geográficas e atitudinais de 132 informantes, no ano de 2003, da cidade de Coimbra. Ferreira (2009, p. 257) concluiu que “as percepções geográficas dos falantes coincidiam com as áreas dialetais traçadas pelos dialetólogos” e, ao fazer a comparação entre elas, concluiu que os falantes de seu universo de pesquisa têm uma capacidade de percepção dialetal relativamente fiel à realidade.

Oushiro (2021, p. 318) ressalta a importância dos estudos sobre as percepções declarando que “o combate ao preconceito linguístico deve incorporar os resultados dos estudos sobre avaliações e percepções que se debruçam sobre os mecanismos de associação entre determinadas variantes e certos significados sociais”. Para a autora, os significados sociais podem perpassar as identidades geográficas, os grupos sociais e as características pessoais dos falantes. Dessa forma, o preconceito linguístico comumente está correlacionado a um preconceito social. A autora relata que os trabalhos da Sociolinguística têm se dedicado a sistematizar os padrões de variações e as mais diversas variáveis, entretanto, existe um número bem menor de estudo sobre as percepções e as avaliações dessas variáveis sistematizadas, isto é, existem poucos trabalhos que evidenciam as percepções dos falantes sobre o que falam e como falam.

Oushiro (2015), em sua tese de doutoramento, pesquisou a avaliação, a produção e a percepção linguística na cidade de São Paulo-SP sobre quatro realizações sociolinguísticas: o /e/ nasal como monotongo ou ditongo, a pronúncia do /r/ em coda silábica como tepe ou retroflexo, a concordância nominal de número e a concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural. Concluiu, entre os muitos resultados, que existem diferentes tendências dentro da comunidade e a classe social se sobressaiu ao nível de escolarização (OUSHIRO, 2015). No tocante aos testes de percepções, a autora (2015, p. ix) demonstrou que “os moradores da cidade também são consistentes em suas reações subjetivas à variante de (-r)”.

Freire (2016) pesquisou, na cidade de Jacaraú-PB, as realizações das laterais /r/ e /r̄/ bem como as avaliações, atitudes e percepções dessas realizações. A autora entrevistou 36 informantes para constituir o *corpus*. Os resultados apontaram que as realizações podem ser marcadas ou não marcadas socialmente e sinalizadas por variantes diferentes. Em seu trabalho, para o Nordeste rural, se sobressaíram as realizações [r̄, r̄, r̄] e para o Nordeste urbano a realização [r̄]. Sobre a atitude e a percepção, Freire (2016, p. 184) observou que a realização [r̄] acontece independentemente do sexo e é “associado aos aspectos amigável, familiar e confiável”.

Lopes e Mota (2019) analisaram as valorações sociais que o pronome *tu* e *você* podem assumir no português europeu. As autoras fizeram teste de aceitabilidade com 34 informantes portugueses e os resultados evidenciaram que os sujeitos têm percepção e uma alta aceitabilidade do pronome *tu* e certa recusa na realização do pronome *você*. Ainda sobre a percepção, Lopes e Mota (2019, p. 164) alegaram que a análise, ainda que experimental, mostrou-se produtiva e que as diferentes correntes teóricas podem auxiliar a Sociolinguística no que se associa ao “problema de avaliação na mudança linguística”.

Nas pesquisas sobre percepção linguística, os questionários interferem nas respostas que os informantes possam manifestar. Os questionários funcionam como estímulos para os informantes avaliarem e manifestarem os juízos sobre a língua e, muitas vezes, para alguns informantes pode ser a primeira vez que são levados a refletir sobre o que consideram diferente. Disso, os informantes podem recorrer ao próprio questionário para adjetivar a língua. No Questionário do ALiB, as perguntas metalinguísticas utilizam o termo *diferente* para estimular o informante, o que levou à alta incidência desse item lexical nas respostas.

O uso do termo *sotaque* para caracterizar o que é diferente, como “sotaque diferente”, também pode acontecer com muita frequência. Lima Neto (2018, p. 47) descreve que “a maioria das pessoas reconhece por **sotaque** a existência de dialetos distintos” e que, mesmo em veículos de comunicação de grande alcance, a denominação *sotaque* e *dialeto* são realizadas como sinônimas. Em seguida, argumenta que existem diferenças conceituais e aponta que o *sotaque* tenciona as diferenças na fonética e na prosódia, como alofones que não geram mudança no significante, enquanto o *dialeto* é compreendido por natureza diversa.

Essa seção tratou de fazer um percurso sobre a Sociolinguística apresentando autores que conceituam e descrevem esse campo de pesquisa. As seções abordaram teoricamente os fatores extralinguísticos, a Dialetoologia Tradicional e Pluridimensional, os fundamentos de

crenças e atitudes, as atitudes linguísticas e pesquisas relacionadas às atitudes e às percepções linguísticas.

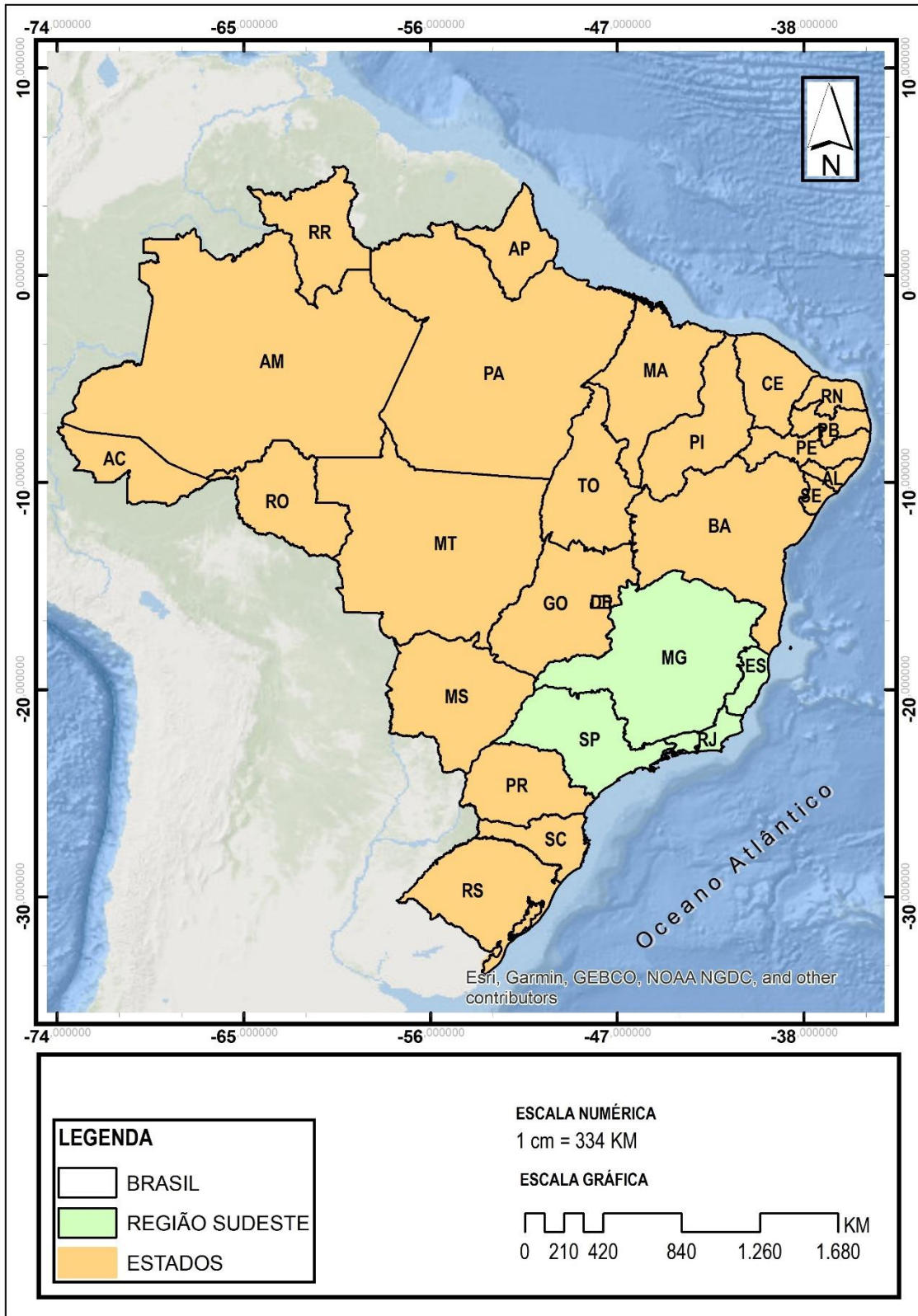
3 REGIÃO SUDESTE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS ESTADOS

A Região Sudeste é considerada a mais populosa do Brasil, formada pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, e estima-se 89.632.912 habitantes (IBGE, 2021). Os primeiros habitantes dessa região foram os índios e, em seguida, os colonos portugueses. Foi nessa região que se estabeleceram as primeiras vilas do litoral brasileiro, decorrentes do povoamento para o transporte de pau-brasil. Após décadas de exploração e exportação do pau-brasil e a diminuição deste comércio, a Região Sudeste, principalmente em São Paulo, passou por um período crescente/intenso de atividades agrícolas com plantações e comercializações do café. Concomitantemente a essa atividade agrícola em São Paulo, no Estado de Minas Gerais, a extração de ouro incentivou a migração de povos de todos os estados brasileiros para a Região Sudeste. Outros fatores que colaboraram com o povoamento da Região Sudeste foram a abertura de ferrovias e a instalação de indústrias.

Acreditamos que a Região Sudeste seja uma região que agrega um imenso repertório de diversidade na língua, tanto do ponto de vista da escrita quanto da fala, uma vez que as interações de povos, os recursos financeiros, as culturas, o conhecimento, a tecnologia e a constante atividade turística sugerem um intenso contato linguístico.

A figura 5 apresenta o mapa com a localização da Região Sudeste dentro do território brasileiro.

Figura 5: Região Sudeste do Brasil



Fonte: EDUEL, 2014. 212 p. il. ISBN 978-85-7216-705-5

Elaboração: Jessica Siqueira, 2021.

O contato de diferentes etnias, culturas e crenças, bem como o desenvolvimento industrial e tecnológico da Região Sudeste, favoreceu uma miscigenação de povos e, por sua vez, o contato de diferentes línguas. A Região Sudeste, pela sua história de povoamento e desenvolvimento, oferece um mosaico de diversidade linguística importante para compreender tanto os cenários sociais da língua em uso no Brasil como as atitudes e os preconceitos linguísticos que podem advir desse encontro de dialetos.

O fluxo migratório interno no Brasil pode ter colaborado para intensificar o contato linguístico e as percepções dos informantes sobre os dialetos do nordestino. Na carta elaborada por Simielli (2006), podemos verificar a movimentação de nordestinos para todas as regiões e, em particular, para o Sudeste.

Figura 6: Fluxo migratório interno no Brasil entre 1950 e 1970



Fonte: Simielli, 2006, p. 121.

O intenso fluxo migratório do Nordeste para todo o Brasil, principalmente para o Sudeste, pode explicar o contato linguístico e a familiaridade que os informantes de São Paulo têm sobre os dialetos procedentes daquela região. Baeninger (2005) analisa que, quanto ao “Estado de São Paulo na retenção da migração, observa-se que, nos anos 70, este figurava no contexto interestadual como *área de média absorção migratória* (IEM de 0,43), com um ganho líquido populacional de quase 2 milhões de pessoas”. Contudo, o fluxo migratório vai além de mero deslocamento geográfico, afinal o deslocamento é realizado por sujeitos munidos de conhecimento, experiência, cultura, valores e língua que se deslocaram para determinada região.

Nas seções que se seguem, descrevemos o contexto histórico dos quatro Estados da Região Sudeste. Apresentamos informações sumárias sobre a formação, a demografia, a geografia e alguns movimentos sociais que consideramos sobressalientes para a formação dos Estados.

3.1 SÃO PAULO

São Paulo faz divisa com os Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, possui 645 municípios, sua área total é de 248.219,627 km² (IBGE, 2017) e estima-se 46.649.132 habitantes e representa 21,9% da população do país (IBGE, 2021). Conforme o Censo Demográfico do IBGE (2010), o Estado de São Paulo possui 166,23 habitantes por km².

Deu-se início à sua colonização em 1532 quando Martim Afonso fundou a Vila de São Vicente:

Outros brancos, assaz numerosos para o tempo, umas poucas dezenas talvez, quase todos portugueses, congregaram-se nas cercanias de São Vicente e mantiveram contato com D. Manuel I e D. João III, o que determinaria a expedição de Martim Afonso de Sousa e a conseqüente fundação oficial, da primeira povoação estável do Brasil, a de 22 de janeiro de 1532 (TAUNAY, 2004, p. 23).

A fundação da Vila de São Vicente teve como propósito capturar novos povos para serem evangelizados, com isso, alguns jesuítas iniciaram as buscas partindo da Serra do Mar

até o Planalto de Piratininga, onde fundaram uma escola em 1554, iniciando rapidamente a construção das primeiras casas e criando assim o povoado de São Paulo de Piratininga.

A primeira atividade econômica foi por meio da agricultura de subsistência e, logo após, a implantação da lavoura de cana-de-açúcar, iniciada no período colonial com a intenção de atender os interesses da Coroa Portuguesa em lucrar com o fornecimento de açúcar para a Europa. Segundo Vicente, Junior e Aidar (2013, p. 29), “as primeiras lavouras foram plantadas em 1532 na Capitania de São Vicente, quando também foi instalado o primeiro engenho para refino do açúcar”. Nesse período, as lavouras de cana ocupavam a atual região de Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Araraquara, Piracicaba e Mogi-Mirim.

No Estado de São Paulo, as plantações de café substituíram as de cana-de-açúcar ocupando o primeiro plano econômico nacional. A cultura do café favoreceu o aumento das vias férreas do País necessárias para o transporte desse produto. De acordo com o site do IBGE (2017), “o mesmo período também foi marcado pela vinda de imigrantes em massa para substituir a mão-de-obra nas plantações de café, com o fim da abolição da escravatura em 1888”.

Após esse período, dois grandes papéis políticos nacionais procedem do Estado de São Paulo na expansão cafeeira, e do Estado de Minas Gerais com a pecuária, iniciando a chamada “política do café-com-leite”, que fora um acordo entre esses dois estados em se manterem sempre na Presidência da República. Para Negro e Brito (2013, p. 198), no entanto, “Minas Gerais via São Paulo mais como um parceiro a ser temido do que um aliado plenamente confiável”.

O Estado de São Paulo vivenciou posteriormente grandes lideranças, imposições políticas e transformações, a partir do crescimento urbano exacerbado dentro de um curto período, principalmente em sua capital também nomeada São Paulo. Em decorrência desses fatores, houve muitas movimentações sociais significativas, sendo uma delas o “Diretas Já”, movimento que expandiu os espaços democráticos nacionais em 1980. Gohn (1997, p. 286) destaca que “foram os movimentos dos desempregados e das ‘Diretas Já’, que se definiam no campo da ausência do trabalho e na luta pela mudança do regime político brasileiro”.

A comunicação no estado paulista inicia pela mídia impressa com a fundação, por volta de 1894, do jornal A Tribuna de Santos que, “a princípio, circulava duas vezes por semana, somente em 1896 passou a ser diário até os dias de hoje” (MIRANDA, 2007, p. 17). Posteriormente, as rádios tiveram grande avanço em 1929:

[...] surgiram como suas co-irmãs cariocas, porém não foram fundadas por personagens relacionados com a elite cultural, estes empresários buscavam oferecer não apenas cultura, mas também diversão e lazer. Uma vez sendo a publicidade proibida, o quadro técnico de funcionários e de artistas era mantido ao mínimo. A rádio era considerada pela classe artística são-paulina como uma mídia capaz de fazê-los mais conhecidos e populares, porém não como um meio de vida (MIRANDA, 2007, p. 25).

A rádio era considerada pela classe artística paulista como uma ferramenta de alta desenvoltura para popularizar canções, eventos, produtos e notícias, mas não era avaliada como um meio mais efetivo de consolidação, pois naquela época havia muitos problemas técnicos e as manutenções eram de custos elevados.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a ter uma televisão e emissora regularmente. Após uma árdua fase de adaptação, em setembro de 1950, São Paulo consolidou esse marco histórico. Posteriormente, o segundo estado brasileiro a ter uma emissora associada foi o Rio de Janeiro, e seu estúdio improvisado transmitia com aparelhos instalados no alto do Pão de Açúcar (MIRANDA, 2007).

A televisão chegou ao Brasil nesse período marcado por todas as dificuldades comuns à época, como, por exemplo, pouca acessibilidade, falta de programas televisivos e normas de transmissão. Ao passar dos anos e com mais acessibilidade às famílias, a televisão tornou-se um importantíssimo recurso para publicação, comunicação e entretenimento brasileiros. Com o avanço televisivo, inicia-se, no Brasil, um processo de (re)conhecimento das diferenças socioculturais e econômicas evidenciadas por meio de novelas e jornais.

Segundo Baeninger (2005, p. 85) nos anos 60 a migração aconteceu “por *forças centrípetas*, com a migração rural-urbana em direção às grandes cidades do Sudeste, particularmente para a Região Metropolitana de São Paulo”. Assim, a urbanização, início dos anos 70, aconteceu por balizadores cada vez mais concentrados que pretendiam privilegiar grandes centros urbanos do Sudestes porque concentrava riqueza, trabalho e indústrias. O impacto da migração gerou uma densidade populacional grande, segundo o IBGE (2010) havia aproximadamente 7 milhões em 1950 e em 1970, trinta anos depois, a densidade já era de aproximadamente 17 milhões, quase 10 milhões mais.

3.2 RIO DE JANEIRO

O Estado do Rio de Janeiro possui 92 municípios e faz divisa com os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. O litoral faz divisa com o Oceano Atlântico, sua área total é de 43.750,426 km² e estima-se uma população de 17.463.349 (IBGE, 2021). Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), o Estado do Rio de Janeiro possui a maior densidade demográfica do país, com 365,23 habitantes por km².

O Rio de Janeiro é inicialmente mencionado na expedição portuguesa comandada por Gaspar Lemos em 1502. Quando chegaram à baía, o pensamento foi que se tratava de um rio, por isso o nome de Rio de Janeiro:

Vinte e oito anos depois, em 1530, a corte portuguesa se interessou em mandar uma expedição para o Rio de Janeiro e lá colonizar. Se depararam com os franceses, sob o comando do cavaleiro Nicolas Durand de Villegagnon, que lá estavam desde o início do século (IBGE, 2017).

O Rio de Janeiro iniciou as atividades econômicas com a extração do pau-brasil e, em 1502, o rei de Portugal arrenda o monopólio de pau-brasil a um grupo de comerciantes conduzidos por Fernando de Noronha:

O único produto digno de consideração é a árvore ibirapitanga ou *caesalpinia brasiliensis*, na qual os portugueses reconhecem uma variedade de pau-brasil. Reduzido a pó e fermentado, o pau-brasil fornece uma tintura que vai do vermelho ao marrom, ideal para tingir tecidos comuns (ENDERS, 2015, p. 27).

Nota-se, também, a propagação da cana de açúcar pelo atual território ocupado pelo Estado do Rio de Janeiro, principalmente em sua capital. Conforme Carvalho (1990, p. 41), “os engenhos de açúcar são os primeiros a se multiplicar”, período árduo da escravidão.

Com a expansão territorial e o avanço da urbanização, foram consolidadas algumas medidas governamentais não muito favoráveis a classes mais pobres do Brasil, como condições de trabalhos exploratórias. Em contrapartida a essas medidas, ocorreram também ações sociais para frear tais atitudes, esses movimentos sociais vão ao encontro de movimentos vindos de São Paulo.

Nessa época, foi importante o salto na comunicação do Rio de Janeiro, que se deu no início de abril de 1891, com o surgimento do Jornal do Brasil, fundado por Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco. Conforme Miranda (2007, p. 17), as notícias se relacionavam “às causas abolicionistas e republicanas”.

Quanto à radiodifusão em território brasileiro, as primeiras demonstrações ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, em 1922, ao longo das comemorações do Centenário da Independência. Diversos alto-falantes foram instalados pela Companhia Telephonica Brasileira em vários pavilhões da Grande Exposição do Centenário (MIRANDA, 2007).

O impacto da migração na cultura do Rio de Janeiro também foi grande. O IBGE (2010) aponta que havia a estimativa de três milhões e subiu consideravelmente para quase nove milhões de habitantes. Esse aumento populacional implica em uma mistura de povos, culturas, variedades linguísticas e crenças.

3.3 MINAS GERAIS

O Estado de Minas Gerais possui 853 municípios, com extensão territorial de 586.513,993 km² (IBGE, 2020) e estima-se uma população de 21.411.923 (IBGE, 2021), segundo estado mais populoso do Brasil. Faz divisa com São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Bahia e Espírito Santo. Conforme o último Censo Demográfico (IBGE, 2010), tem 33,41 habitantes por km².

A primeira vila do Estado foi Mariana, habitada inicialmente em 1696, porém se tornou cidade apenas no ano de 1745 por ordem de Dom João V (IBGE, 2017). Em concordância com o portal da Prefeitura de Mariana (2021), a “primeira capital, primeira vila, sede do primeiro bispado e primeira cidade a ser projetada em Minas Gerais”. O contexto histórico de Minas Gerais é marcado pelo intenso processo de expansão religiosa, pela vida artística e pela extração do ouro, conhecidas como “pedras preciosas”. Atualmente, Minas Gerais é mais lembrada pelo pioneirismo de uma região que há três séculos guarda riquezas que nos remetem ao tempo do Brasil quando era uma Colônia de Portugal.

A partir de 1908, encontraram, no Estado mineiro, uma qualidade elevada de Quadrilátero Ferrífero, reforçando a visão para a exploração do minério:

Equipes de prospecção europeias e estadunidenses passaram a competir pela compra de terrenos na região de Itabira do Mato Dentro. Nas três décadas seguintes, o vale do Rio Doce transformou-se em um corredor de exportação, principalmente a partir de investimentos em infraestrutura de investidores ingleses e estadunidenses. (DIAS, 2018, p. 460).

Nessa época, instalou-se uma indústria siderúrgica no alto do vale que, conforme Dias (2018 p. 460), “visava ao abastecimento do mercado interno e era movida a carvão vegetal, o que provocou um acelerado processo de desmatamento da região”. No ano de 1942, ocorreu o acordo de “Consenso de Washington” com os Estados Unidos, uma união que visava à exploração do minério de ferro na região de Itabira, levando o vale do Rio Doce a se tornar região-chave.

Um marco nas movimentações sociais em Minas Gerais decorre do maior desastre ambiental brasileiro que atingiu o município de Mariana, em 2015. Outros municípios da região, até Regência no Estado do Espírito Santo:

No dia 5 de novembro de 2015 começou a ocorrer o maior desastre ambiental da história do Brasil e o maior do mundo relacionado a barragens de rejeito: o rompimento da barragem de rejeitos minerários de Fundão no município de Mariana (MG) e de parte da barragem de Santarém, pertencentes à empresa de mineração Samarco, empresa controlada pela BHP Billiton Brasil Ltda. e pela Vale S.A. (SILVA; FERREIRA; SCOTTI, 2015, p. 136).

O Estado de Minas Gerais vivenciou uma grande mobilidade social com a intenção de ajudar o município de Brumadinho (MG), pois fora o mais atingido pelos rejeitos liberados após o rompimento da barragem. Muitas famílias perderam os seus entes queridos e, com esse desastre ambiental, a mobilidade ganhou força no país todo. Eventos como os citados mudam a organização da comunidade, até com deslocamento geográfico, e tais mudanças na comunidade modifica também o comportamento linguístico.

3.4 ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo faz fronteira com o oceano Atlântico, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Sua área é de 46.074,447 km² e possui 78 municípios (IBGE, 2020). Em concordância

com dados do IBGE (IBGE, 2021), a população é estimada em 4.108.508, com densidade demográfica de 75,25 habitantes por km².

Vasco Coutinho desembarcou na capitania no dia 23 de maio de 1535, na atual Prainha de Vila Velha, onde fundou o primeiro povoamento:

O primeiro contato com a terra revelou os tropeços que aguardavam aquele pugilo de aventureiros: os índios preparavam uma recepção nada cordial. Postando-se armados em grupos na praia, mostravam-se dispostos a impedir o desembarque. Alguns disparos das peças de bordo, porém, anularam a pretensão, afugentando-os para a floresta (OLIVEIRA, 2008, p. 37).

O topônimo Espírito Santo é uma homenagem católica. Conforme Oliveira (2008, p. 38), “como tudo tivesse ocorrido no dia pela Igreja dedicado à terceira pessoa da Santíssima Trindade, ao rio e à vila logo iniciada foi dado o nome de Espírito Santo, depois estendido a toda a capitania”.

A capitania, atualmente o estado do Espírito Santo, foi dividida em sesmarias, terras abandonadas durante a sua colonização, e, partindo da inclusão deste sistema, era necessário ser cultivadas, fomentando a agricultura e a produtividade:

Esses "lotes" foram distribuídos entre os 60 colonizadores que vieram com ele. Como em Vila Velha não oferecia muita segurança contra os ataques dos índios que habitavam a região, Vasco Coutinho procurou em 1549 um lugar mais seguro e encontrou numa ilha montanhosa onde fundou um novo núcleo com o nome de Vila Nova do Espírito Santo, em oposição ao primeiro, que passou a ser chamado de Vila Velha. (BRASIL, 2021).

Os conflitos entre os portugueses e indígenas perduraram até setembro de 1551. Para marcar a vitória dos colonizadores durante esses conflitos, o território passou a se chamar Vila da Vitória, hoje conhecida como Vitória, a capital do estado do Espírito Santo.

A economia do estado baseia-se principalmente no cultivo de cana de açúcar, que perdurou por mais de três séculos e, de acordo com o Governo do Estado do Espírito Santo (2021), foi um produto que reinou absoluto até 1850, quando foi substituído pelo café.

O desempenho da atividade cafeeira no Estado foi o primeiro elemento a se destacar no período republicano:

No transcorrer deste período a expansão da cafeicultura, fundada em bases familiares, imprimiu ao Espírito Santo uma certa urbanização, caracterizada sobretudo pela proliferação de pequenos núcleos, seguindo a “rota do café” (BUFFON, 1992, p. 16).

As condições de transportes influenciaram fortemente a localização desses pequenos núcleos para que os cultivos pudessem percorrer pelo país. É importante destacar que os estados da Região Sudeste fizeram parte de perfis socioeconômicos que resultam dos desdobramentos da economia cafeeira.

Os movimentos sociais em escala nacional levam em consideração a década de 1960. Nesse período, movimentos operários aumentavam de uma forma intensa ao longo dos anos. No Estado do Espírito Santo, em 1970, algumas entidades iniciaram movimentos sociais ligados a questões ambientais. A preocupação com o meio ambiente estava ganhando forças e, em 1972, a realização da Conferência de Estocolmo discute a relação entre a humanidade e o meio ambiente (LERBACH, 2015, p. 62).

A mobilização de estudantes de biologia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e da Associação Espírito-Santense de Biologia-AESB viabilizaram a causa ambiental em peso no Estado, mas somente em 1979 houve a primeira grande ação nesse sentido.

Através da informação de que a empresa Nuclebrás estaria realizando um estudo para instalar uma usina de processamento de lixo nuclear no município de Aracruz, um grupo de ambientalistas (em sua maioria universitários e profissionais ligados às discussões que já estavam ocorrendo) que estavam organizando a ACAPEMA – Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente fez uma forte campanha de divulgação desse projeto e dos riscos que ele acarretaria. (LERBACH, 2015, p. 62).

Diversos atos sociais foram planejados, tais como, reuniões, ações, pichações em muros, panfletagens e convocação da população para manifestações.

A migração e o avanço tecnológico midiático, como a televisão e a rádio, têm papéis relevantes para a formação da cultura, do conhecimento e da política dos estados. Tais aspectos influenciaram na formação e na percepção dos informantes sobre o outro e sobre a própria identidade.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, expomos os pressupostos metodológicos divididos em duas seções. Na primeira seção, discorreremos acerca do projeto Atlas Linguístico do Brasil que deu suporte a esta tese e sobre os encaminhamentos metodológicos realizados pelo projeto para a constituição do *corpus*. Na seção seguinte, relatamos os percursos trilhados nas análises, bem como as dificuldades, as barreiras e os processos para a resolução.

4.1. O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL-ALiB E A METODOLOGIA

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, idealizado na Universidade Federal da Bahia, é o resultado de esforços organizados por diferentes Instituições de Ensino Superior localizadas em diferentes regiões do país para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil. Para Cardoso (2004), a ideia de produzir um Atlas linguístico para o Brasil estava latente no imaginário de filólogos antes de 1996, ano de referência dos primeiros passos do Projeto ALiB. Cardoso (2004) aponta que Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi, em meados do século XX, manifestaram e produziram trabalhos relacionados à descrição das variantes linguísticas no Brasil com vista a um atlas linguístico. Esse interesse estendeu-se à área governamental manifestado pelo próprio governo brasileiro no decreto 30.643/20.03.1952, que instituiu a Casa Ruy Barbosa como um centro de pesquisa em filologia com o objetivo de produzir trabalhos em diversas áreas da linguística e com a “finalidade principal a elaboração do ‘Atlas Linguístico do Brasil’” e portaria 536 de 26 de maio de 1952, que regulamentou a execução de um atlas linguístico do Brasil.

Em novembro de 1996, na Universidade Federal da Bahia em Salvador, aconteceu o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil* e nesse encontro de pesquisadores motivou o desejo de dar vida e forma ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Uma equipe de pesquisadores, compartilhando dos mesmos ideais, propõe a execução de um projeto nacional, no qual reunisse exemplos linguísticos de todas as localidades do território brasileiro, do Oiapoque ao Chuí (CARDOSO; MOTA; PAIM; RIBEIRO, 2013).

Para a execução do projeto, os organizadores que compõem o Comitê Nacional, isto é, os representantes das Instituições de Ensino Superior que participam da coordenação do projeto, realizaram reuniões, workshops, apresentação de artigos e comunicações em diversos

encontros nacionais e internacionais, além de mesas redonda, trabalhos em grupo e minicursos, e, posteriormente, produziram o livro Documentos 1 (2004), que apresenta o Projeto ALiB, os pressupostos metodológicos, os objetivos e os caminhos a serem percorridos pelo projeto.

O Projeto ALiB produz resultados inéditos na constituição de atlas linguísticos no Brasil. Mesmo com dificuldades enfrentadas, como a falta de pesquisadores da área de dialetologia, a grande extensão do território do Brasil, o pouco apoio financeiro e a dificuldade de locomoção, o Projeto ALiB vem incentivando pesquisadores a elaborar atlas regionais, estaduais e locais que corroboram com os dados do projeto.

O projeto ALiB permite, por cobrir pontos estratégicos do território nacional, exibir uma fotografia da realidade linguística e suas possíveis áreas dialetais. Segundo Cardoso (2004, p. 28), os estudos do português do Brasil, com a contribuição do Projeto ALiB, enfim apresentam recursos para identificar as variedades linguísticas que de fato retratem o português brasileiro, as possíveis áreas dialetais e rompe com, nas palavras da autora, ‘euachismos’, uma vez que o Projeto ALiB apresenta pesquisas com base científica de princípio dialetal e sociolinguístico.

O comitê do projeto, após analisar a viabilidade de realização e aplicar 16 inquéritos experimentais (CARDOSO, 2013), definiu os objetivos, os pressupostos metodológicos, a rede de pontos e os critérios para escolha dos informantes que norteariam o Projeto ALiB.

O Comitê Nacional, em novembro de 2000, apresentou seis objetivos para o Projeto ALiB. Estes objetivos são (i) retratar a realidade do Brasil a partir das diferenças diatópicas; (ii) oferecer recursos a estudiosos, a pesquisadores e a professores; (iii) estabelecer isoglossas em mapas linguísticos; (iv) examinar os dados correlacionando com outras áreas do conhecimento no intuito de estabelecer e propor teorias sobre implementação e desenvolvimento da Língua Portuguesa no Brasil; (v) oferecer volume de dados para que profissionais de diversas áreas do estudo da língua produzam documentos e materiais e, assim, diminuir as intolerâncias linguísticas; (vi), por fim, conscientizar que a língua portuguesa no Brasil é um instrumento social de comunicação diversificado e conta com vários usos além da unidade sistêmica/normativa.

Para Cardoso (2013), o Projeto ALiB é uma contribuição importante para o entendimento da língua e das variantes no Brasil, pois os resultados que decorrem do Projeto ALiB minimizam as visões distorcidas sobre o *status* da variante tida como culta contraposta

com o desprestígio das demais variantes. Segundo a autora, essas visões distorcidas causam prejuízos ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa do Brasil.

4.1.1 Rede de Pontos

No tocante à rede de pontos, o Projeto ALiB estabelece 250 localidades distribuídas em todos os Estados Federativos. Para a constituição de rede de pontos, o Comitê Nacional considerou a extensão de cada região, as características demográficas, culturais, históricas e o processo de povoamento. Segundo Cardoso (2013, p. 49), a definição da rede de pontos de inquérito teve como “pressuposto o estudo sistemático da realidade brasileira, do processo de povoamento e de desenvolvimento sócio-político econômico de cada área” e, para isso, obteve auxílio de antropólogos, geógrafos, historiadores e indigenistas. A distribuição dos pontos de inquéritos nos Estados Federativos seguiu critérios como, por exemplo, a existência de zonas já delimitada em pesquisas anteriores, a importância da localidade no Estado ou região e os limites interestaduais e internacionais. A localidades selecionadas coincidem com 134 localidades propostas por Nascentes, em 1958, e com 44 localidades de atlas linguísticos regionais publicados até a definição da rede de ponto. De acordo com Cardoso (2013), os critérios como antiguidade e grau de isolamento não foram norma prioritária, diferenciando-se assim dos trabalhos tradicionais de natureza dialetal.

Nesta tese, são analisadas as respostas dos informantes de cada um dos estados que compõem a Região Sudeste do país, a saber: Espírito Santo-ES, com quatro localidades; Rio de Janeiro-RJ, com 13 localidades; São Paulo-SP, com 37 localidades; Minas Gerais-MG, com 22 localidades, resultando em 76 localidades do interior da região. As capitais estaduais não entraram nas análises desta tese, uma vez que já foram analisadas por Aguilera (2008).

Os Quadros 1 a 4 identificam as cidades que formam a rede de pontos para esta tese.

Quadro 1: Pontos de Inquéritos no Estado de Minas Gerais-MG

MINAS GERAIS			
Ponto	Localidade	Ponto	Localidade
127	Januária	139	Ipatinga
128	Janaúba	140	Passos
129	Pedra Azul	141	Formiga
130	Unai	142	Outro Preto
131	Montes Claros	143	Viçosa

132	Pirapora	144	Lavras
133	Teófilo Otoni	145	São João del Rei
134	Diamantina	146	Muriae
135	Uberlândia	147	Poços de Caldas
136	Patos de Minas	148	Juiz de Fora
137	Campina Verde	149	Itajubá

Fonte: CARTA VIII, Projeto ALiB.

Quadro 2: Pontos de Inquéritos no Estado de São Paulo-SP

SÃO PAULO - SP			
Ponto	Localidade	Ponto	Localidade
150	Jales	169	Assis
151	Votuporanga	170	Bernardino de Campos
152	São José do Rio Preto	171	Botucatu
153	Barretos	172	Piracicaba
154	Franca	173	Campinas
155	Andradina	174	Bragança Paulista
156	Araçatuba	175	Taubaté
157	Ribeirão Preto	176	Guaratinguetá
158	Lins	177	Itapetininga
159	Ibitinga	178	Sorocaba
160	Mococa	180	Caraguatatuba
161	Presidente Epitácio	181	Itararé
162	Adamantina	182	Capão Bonito
163	Araraquara	183	Itanhaém
164	Teodoro Sampaio	184	Santos
165	Presidente Prudente	185	Ribeira
166	Marília	186	Registro
167	Bauru	187	Cananéia
168	Moji Mirim		

Fonte: CARTA VIII, Projeto ALiB.

Quadro 3: Pontos de Inquéritos no Estado do Espírito Santo-ES.

ESPÍRITO SANTO - ES			
Ponto	Localidade	Ponto	Localidade
188	Barra de São Francisco	191	Santa Teresa
189	São Mateus	192	Alegre

Fonte: CARTA VIII, Projeto ALiB.

Quadro 4: Pontos de Inquéritos no Estado do Rio de Janeiro-RJ.

RIO DE JANEIRO-RS			
Ponto	Localidade	Ponto	Localidade
193	Itaperuna	200	Petrópolis
194	São João da Barra	201	Nova Iguaçu
195	Campos dos Goytacazes	203	Niterói
196	Três Rios	204	Arraial do Cabo
197	Nova Friburgo	205	Barra Mansa

198	Macaé	206	Parati
199	Valença		

Fonte: CARTA VIII, Projeto ALiB.

4.1.2 Perfil dos Informantes

Sobre os informantes, o Comitê Nacional estabeleceu quatro por localidade do interior e oito nas capitais. Os informantes dos pontos no interior dos Estados Federativos são dois homens e duas mulheres, a variável social *sexo* para aferir a variação diasssexual, e duas faixas etárias, a variável social *idade* para verificar variação diageracional, sendo a faixa etária I de 18 a 30 anos e a faixa etária II de 50 a 65 anos. As variáveis *sexo* e *idade* ficaram distribuídas da seguinte maneira:

Quadro 5: Variáveis sociais sexo e idade conforme informante.

Informante 1 Homem Faixa etária I (H.FI)	Informante 2 Mulher Faixa etária I (M.FI)
Informante 3 Homem Faixa etária II (H.FII)	Informante 4 Mulher Faixa etária II (M.FII)

Fonte: Projeto ALiB, 2001.

O Projeto ALiB deliberou também que, atendendo à dimensão topoestática, os informantes fossem naturais e moradores da localidade em estudo, tendo passado ali pelo menos três quartos de suas vidas. Para que representassem de fato a localidade, deveriam ter endereços e profissões definidas, evitando-se informantes que, por algum motivo, estivessem marginalizados da comunidade local. Sobre o nível escolar, no início do projeto, a orientação era de informantes com formação até a 4.^a série, atualmente o 5.^o ano do ensino fundamental. Entretanto, no andamento da pesquisa e recolha dos dados, em função das dificuldades em encontrar informantes prototípicos, ampliou-se até a 8.^a série, atualmente o 9.^o ano do ensino fundamental. Isto é, para os pontos de inquéritos do interior dos Estados, os informantes poderiam ter cursado, no máximo, o ensino fundamental.

4.1.3 Rede de Pontos

Levando em consideração as 250 localidades de inquéritos distribuídas por todos os Estados Federativos e o número de informantes por localidade, oito para capitais estaduais e quatro para interior, os pesquisadores do Projeto ALiB realizaram 1.100 entrevistas, 3.500 horas de gravação e percorreram 257.851 km (CARDOSO *et al.*, 2014, v. 1). Para esta tese, o *corpus* se constituiu das respostas de 304 informantes, conforme expomos na Tabela 1.

Tabela 1: Rede de pontos de inquéritos e informantes na Região Sudeste.

Estado	N.º de informante por variável sexo	N.º de informante por variável idade	N.º de pontos de inquéritos	Total de informantes
Minas Gerais	2	2	22	88
São Paulo	2	2	37	148
Espírito Santo	2	2	4	16
Rio de Janeiro	2	2	13	52
Total			76	304

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do ALiB.

4.1.4 Instrumento de Coleta de Dados

O Comitê Nacional do Projeto ALiB elegeu o gênero entrevista, participando apenas o inquiridor e o informante sem intervenção de terceiros, gravada em áudio, como método para o levantamento de dados. Em 2001, a Editora UEL publicou os Questionários do Projeto ALiB direcionados para a verificação dos aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexical e morfossintático, aspectos relativos à pragmática e perguntas metalinguísticas. Este último questionário é a base para o desenvolvimento desta tese.

As perguntas metalinguísticas são realizadas ao final da entrevista, após 435 questões relativas aos demais aspectos e, aproximadamente, duas horas de entrevista. As questões metalinguísticas objetivam “apurar a variação de referencial, relacionando a língua-objeto, que se registra no discurso do informante ao seu conhecimento da realidade linguística ou a sua

sensibilidade para depreensão de outras variantes” (MOTA, 2004, p. 43) e constam de seis questões:

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em _____ (*citar a cidade onde está*)? *Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”.*
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “*que falam diferente*”?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (*citar a cidade onde está*)?
5. Pode dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui? (ALiB, 2001, p. 46).

A partir das respostas às perguntas metalinguísticas, é possível verificar o domínio que o informante tem sobre a própria língua, sobre a consciência acerca das diferenças linguísticas, tanto de características diatópicas ou diastráticas, como ainda no direcionamento da crença que o informante utiliza para adotar ou rotular uma variante linguística.

As perguntas metalinguísticas se relacionam com a variação diarreferencial dos informantes. Segundo Cardoso (2013, p. 30), essa modalidade de variação intenta “relacionar a língua-objeto e o conhecimento que o indivíduo tem ou acredita ter de sua realidade linguística”. Esta tese descreve e analisa as respostas dos informantes sobre as questões metalinguísticas 2 e 3, 4 e 5, constituindo um *corpus* de 304 respostas para cada pergunta, no total de 1.216 respostas.

4.1.5 Passos para a Descrição e Análise dos Dados

Para a descrição e análise dos dados, trilhamos o seguinte percurso:

- I. Identificação de cada informante no *software* Excel considerando as variáveis sexo, localidade e faixa etária;
- II. Transcrição das respostas dos informantes e extração das informações afirmativas e negativas sobre as perguntas 2 e 4;
- III. Levantamento dos dialetos exemplificados de outras regiões;
- IV. Análise dos percentuais com auxílio do Programa R;

V. Releitura das transcrições, levantamento e análise dos argumentos dados pelos informantes para justificar o que é considerado dileto diferente;

VI. Verificação das respostas dos informantes e confronto com a localização geográfica.

A primeira etapa consistiu em levantar e distribuir em tabelas as informações sobre o ponto de inquérito, o informante, as variáveis sociais *sexo* e *idade*, o reconhecimento da fala local, o reconhecimento de fala regional e a citação de cada falar diferente. Para a identificação da localidade e informante, utilizamos o código [ponto de inquérito e nome da localidade /informante], por exemplo, [189-São Mateus/2] indica o nº do ponto São Mateus e o informante é feminino da faixa etária I.

A segunda etapa tratou da extração das respostas em áudio para a escrita e consistiu em transcrever literalmente a fala de cada informante.

A terceira etapa consistiu em distribuir os dados por fatores sociais (sexo e faixa etária), tanto os dialetos locais, quanto os dialetos de outras regiões. É necessário ressaltar que alguns informantes identificaram mais de um dialeto; outros afirmaram reconhecer diferenças embora não soubessem citá-las.

A quarta etapa consistiu na rodagem dos dados quantitativos no Programa R e a geração de índices percentuais com os quais foi possível desenvolver os gráficos sobre os dialetos locais e regionais e as tabelas com os dialetos identificados, todos conforme as variáveis sexo e faixa etária.

A quinta etapa correspondeu à releitura das transcrições para verificar detalhadamente as características que os informantes julgaram diferentes na fala do outro.

A sexta etapa consistiu na verificação das indicações dos dialetos a partir do ponto de inquérito e com auxílio do mapa, objetivando analisar geograficamente a distância ou a região dos dialetos argumentados.

4.2. OS DESAFIOS ANALÍTICO-QUALITATIVOS DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

A análise das atitudes linguísticas transita por limites frágeis e, muitas vezes, difíceis de verificar, além disso, de compreender quais são os julgamentos e as avaliações que os

informantes manifestam sobre as variedades locais ou regionais. Uma vez selecionado o *corpus*, procedemos à audição das respostas para corrigir eventuais erros de transcrição e melhor observar outros recursos da fala que pudessem intervir na análise da percepção dos falantes, como risos, hesitações, alongamentos vocálicos, pausas, entre outros.

Uma vez constatado que os informantes têm consciência da existência de diferentes dialetos, buscamos estabelecer padrões de respostas que os informantes argumentaram sobre o que consideram diferente.

Outra informação importante que os dados apontaram e que auxiliou para estabelecer os caminhos da análise qualitativa é a recorrência de padrões de julgamentos. Os informantes, na manifestação das atitudes linguísticas, tenderam a valorizar ou a depreciar o dialeto do outro e, assim, produziram padrões que podem indicar se as atitudes são positivas ou negativas. Estabelecemos os seguintes padrões de julgamento:

- Críticas ou elogios por meio de adjetivação de dialetos, como *diferente, engraçado, estranho, difícil, bonito* etc.
Ex. *Os cariocas falam diferente daqui que falam puxando a gíria doida deles* [193-Itaperuna/3].
- O comparativo de melhor ou pior, normal ou anormal.
Ex. *Tem o sotaque diferente do nosso, é um sotaque, eles não falam a língua nossa normal né, a língua deles é diferente da nossa* [203-Nitérói/4].
- O deslize da percepção linguística para o comportamento social.
Ex. *Eu mesmo trabalhei muito com baiano, pernambucano, cearense e são pessoas muito boas, trabalhadoras, gente esforçada, gente do trabalho mesmo, não são vagabundos que nem uns paulistas* [163-Araraquara /3].
- Alguns recursos da oralidade, como o riso, o deboche e o sarcasmo.
Ex. *Ô carioca, você não sabe falar direito, não? Ah, quando a gente vai chamá ele, a gente fala assim, o cario[ki□], cario[ki□]* [189-São Mateus/1].

O padrão intitulado de ‘críticas ou elogios’, como o nome sugere, são as avaliações que os informantes fazem, explicitamente, sobre o que consideram diferente por meio de adjetivos que tendem a ser desfavoráveis, como *estranho*, ou favoráveis, como *bonito*.

No padrão ‘comparativo de melhor ou pior, normal ou anormal’, o informante estabelece, de forma oposta, uma variante que considera satisfatória e rejeita outra. É comum o

informante eleger apenas o que considera normal, deixando no anonimato o que considera anormal. Esse padrão é como se o informante definisse uma grandeza de medida, a partir de seus conhecimentos e crenças, capaz de eleger o que é normal ou anormal.

O padrão sobre o ‘deslize da vertente linguística’ é quando o informante recorre ao comportamento social de pessoas de outras regiões, muitas vezes de pessoas com quem tem ou teve contato, para justificar a aceitação ou rejeição da variante linguística. Sobre esse padrão, o inverso também pode acontecer para avaliar atitudes sociais: o informante recorre a aspectos linguísticos para avaliar o comportamento do falante.

Os ‘recursos da oralidade’ é quando torna possível constatar atitudes linguísticas por meio de risos, normalmente derrisórios, deboche ou propriamente o sarcasmo. Nesse padrão, também se incluem as tentativas de imitações com teores valorativos ou depreciativos.

É importante ressaltar que esses padrões não podem ser observados de forma restrita, ou seja, desconsiderando o contexto da fala. Muitas vezes, o texto transcrito não permite identificar a intenção do falante, logo, é necessário que o exame seja em conjunto com o áudio da entrevista.

5 ANÁLISE DOS DADOS: O QUE DIZEM OS INFORMANTES DOS ESTADOS DA REGIÃO SUDESTE

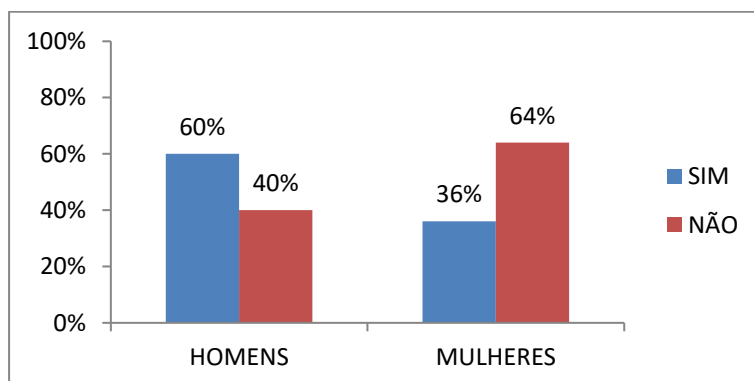
O interior da Região Sudeste reúne 76 pontos de inquéritos, resultando em 304 informantes. As seções que seguem abordam as análises das respostas sobre as percepções linguísticas dos informantes de cada estado da Região Sudeste, obedecendo à sequência: Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

5.1 ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES MINEIROS

As respostas dadas à pergunta metalinguística “Tem gente que fala diferente aqui em _____ (citar a cidade onde está)? Se houver, identificar os grupos ‘que falam diferente’”, evidenciaram as percepções que os informantes têm sobre as diferenças locais. Os falantes do interior mineiro, de modo geral, identificaram que, na localidade em que vivem, existem diferentes dialetos. Uma parcela deles alegou as próprias realizações como diferentes, isto é, afirmaram que realizavam um falar caipira, semelhantemente a falantes procedentes de zonas rurais. Como síntese das respostas dadas, elaboramos os Gráficos 1 e 2, correlacionando as afirmações e as negações com as variáveis sexo e idade.

O Gráfico 1 apresenta os índices das percepções de dialetos locais conforme o sexo.

Gráfico 1: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB

De acordo com o Gráfico 1, no Estado de Minas Gerais, 60% dos homens alegam existirem diferenças linguísticas na localidade, enquanto apenas 36% das mulheres as

identificam, o que nos leva a reconhecer que a variável sexo foi significativa, pois os homens, nesta amostra, foram mais atentos à percepção da variação linguística local. Os excertos (1), (2) e (3) ilustram tais percepções.

- (1) Todo mundo fala igual aqui [137-Campina Verde/Inf. 2 M.FI].
- (2) De sotaque, mas a língua é igual, gírias, os rapaz novinhos [137-Campina Verde/Inf. 3 H.FII].
- (3) Falam com mais gírias, ‘muleque, tá ligado’ [143-Viçosa/Inf. 1 H.FI].

A informante mais jovem do trecho (1), de Campina Verde, não percebe dialetos diferentes na localidade, porém o informante mais idoso da mesma localidade, excerto (2), relata que a língua é igual, mas reconhece que o sotaque pode variar e que os rapazes utilizam gírias. Sobre o sotaque, constatamos que o informante afirma que ‘a língua é igual’, sugerindo que o conceitua por diferenças na realização. Nesse aspecto, concordando com o descrito por Lima Neto (2018) que argumenta ser o sotaque reservado ao escopo fonético e prosódico.

Uma língua marcada por gírias é mencionada também pelo informante da faixa etária 1 da localidade de Viçosa que exemplifica com ‘muleque’ e ‘tá ligado’, atribuindo-as aos mais jovens, conforme mostra o excerto (3).

Outro aspecto diferenciador da fala local é a referência ao falar caipira, conforme ilustramos com os exemplos (4) a (9):

- (4) **Roça fala diferente da cidade**, na cidade ‘vamos dormir’ na roça ‘vamos posar’, ‘desce’ e ‘apeia’ [145-São João del Rei/Inf. 1 H.FI].
- (5) Nesses fundos de roças eles falam ‘ocê’, daí por diante, vai falando umas palavras **esquisitas** que custa entender, mas dá pra entender [130-Unai/Inf. 3 H.FII].
- (6) **Caipirão**, mais **atrapalhado** que o caipira, falam mais **errado** [141-Formiga/Inf. 4 M.FII].
- (7) Tem gente que fala **caipira**, bem **arrastado** o /r/, po[ɾ]ta, po[ɾ]teira, às vezes sai sem querer [147-Poços de Caldas/Inf. 4 M.FII].
- (8) O **estudo**, se **veio da roça**, se é **mais nova ou mais velha**, tem um **modo** de fala. **As mais novas falam com gírias** [139-Ipatinga/Inf. 1 H.FI].
- (9) Amigos da roça, ‘memo’ ‘vamu’, conversa de **roceiro**, conversa **errado, português muito errado** [141-Formiga/Inf. 1 H.FI].

Os adjetivos utilizados para avaliar o dialeto local, nesses excertos, são *diferente*, *esquisito*, *caipira*, *caipirão*, *atrapalhado*, *arrastado*, *errado*, atitudes em que o componente afetivo se sobressai ao cognoscitivo.

O informante do excerto (4), de São João Del Rei, argumenta que o vocabulário e expressões das pessoas da cidade e das pessoas da roça são diferentes, e, para corroborar sua assertiva, exemplifica com ‘*vamos dormir*’ e ‘*desce*’ para a fala urbana e ‘*vamos posar*’ e ‘*apeia*’ para a fala rural. Diferentemente de outras comparações realizadas entre a fala rural e a urbana, este informante não recorre às diferenças no sotaque ou aos desvios da norma, isto é, não faz uma avaliação sobre qual é melhor ou pior. Ao contrário, o informante do fragmento (5), da localidade de Unaí, manifesta certa atitude de distanciamento e reprovação, exemplifica a fala rural com o ‘*ocê*’ e a qualifica como *esquisita*. Não se trata de demonstrar conhecimento das características do dialeto caipira, como consta de Amaral (1920), mas de deixar evidente o elemento afetivo na avaliação da variante que o informante considera caipira. Ainda sobre a fala rural e urbana, a informante do trecho (6), da localidade de Formiga, denomina a fala de ‘*caipirão*’ e a identifica como ‘*mais atrapalhada*’ e ‘*mais errado*’, manifestando assim uma atitude de reprovação dessas formas. Já a informante do relato (7), de Poços de Calda, justifica que a fala caipira arrasta o /R/, como po[ɾ]ta¹⁷, po[ɾ]teira. É possível constatar que, na fala monitorada dessa informante, o rótico retroflexo é evitado, sendo substituído pelo glotal.

O informante do fragmento (8), natural de Ipatinga, demonstra maior consciência linguística sobre as variedades realizadas na localidade, tais como as relativas ao nível de escolaridade, à fala rural e à idade, reconhecendo as gírias como próprias da fala dos jovens. Essas variáveis sociais contribuem para o estabelecimento do elemento cognoscitivo, logo, o informante acredita que o *saber* é o componente principal para manter uma fala diferente.

O informante do trecho (9), de Formiga, tem a percepção de que a fala caipira é diferente e manifesta uma atitude negativa, discriminatória, ao relatar que quem fala diferente na cidade são os roceiros, que têm um ‘*português muito errado*’.

Observamos nos exemplos (10), (11) e (12) as percepções dos informantes associadas ao nível de instrução.

- (10) Pessoas com menas cultura **fala errado** as palavras, às vezes, é... igual ontem eu tava na casa de uma menina, invés deles falar ‘tropeçar’ falam ‘tropicar’, ‘dormir’ é ‘drumi’, ‘eu drumo’ [135-Uberlândia/Inf. 3 H.FII].

¹⁷ Para as transcrições utilizamos o International Phonetic Alphabet - IPA

(11) Alguns fala palavra de **grau de estudo menor**, outros com **maior estudo** usa palavras que encaixa melhor, da roça **puxa** muito o /r/, porta, quer **gastar** mais [149-Itajubá/Inf. 3 H.FII].

(12) A língua que **aprende na escola**, dá pra saber quem foi na escola, o jeito de fala. Os estudantes aprendem aquelas linguagens diferentes [127-Januária/Inf. 3 H.FII]. (Ver p. 8 – escolaridade)

O exemplo (10) ilustra como o informante julga negativamente o dialeto local, atribuindo à falta de cultura o falar *errado*. Este informante manifesta uma atitude negativa e exemplifica com ‘*tropicar*’, ‘*drumi*’, ‘*eu drumo*’, variantes desprestigiadas, em vez de ‘*tropeçar*’ e ‘*dormir*’.

Da mesma forma, de acordo com o informante do trecho (11), da localidade de Itajubá, o *nível escolar* leva o indivíduo a se expressar melhor. No tocante à fala rural, o informante discrimina o uso puxado do /R/. Contribuindo com a percepção do *nível escolar*, o informante do fragmento (12), de Januária, reforça que variação linguística se realiza porque aprende na escola.

O fator diageracional, segundo depoimentos dos informantes, é outro aspecto que pode distinguir as variedades locais, conforme comprovam os excertos (13) e (14):

(13) Os mais idosos usam palavras **antigas**, mas quase tudo **igual** mesmo [140-Passos/Inf. 1 H.FI].

(14) Aqui neste bairro mesmo tem, igual tem gamela eles falam ‘gomela’, ‘lápiz é lapi’, ‘botão fala botão’, que mais, ‘carne fala cane’, muita coisa assim, **velhinha** que fala **errado**, mais velha que fala [128-Janaúba/Inf. 2 M.FII].

O fragmento (13) evidencia a percepção do informante sobre a variação diageracional, mas acredita que, apesar das diferenças, a língua tende a manter-se praticamente igual, sem grandes diferenças entre as gerações. Concordando com esse informante, a jovem do trecho (14) também relata que os mais idosos falam diferente e exemplifica essas diferenças com os itens lexicais ‘*gomela*’, ‘*lapi*’, ‘*botão*’ e ‘*cane*’ em vez de ‘*gamela*’, ‘*lápiz*’, ‘*botão*’ e ‘*carne*’. Essa informante fez um recorte no imaginário que ela acredita ser da realização dos mais velhos e os avalia como uma variante errada.

Alguns depoimentos não são tão objetivos, mas estão associados ao elemento da afetividade, conforme podemos observar nos excertos (15) e (16):

(15) Só os **mongoloides** que vão pra Belo Horizonte e voltam falando **diferente** [129-Pedra Azul/Inf. 2 M.FI].

(16) As pessoas daqui conversam **normal**. Unaiense fala **bonito**, a maioria fala bonito [130-Unai/Inf. 4 M.FII].

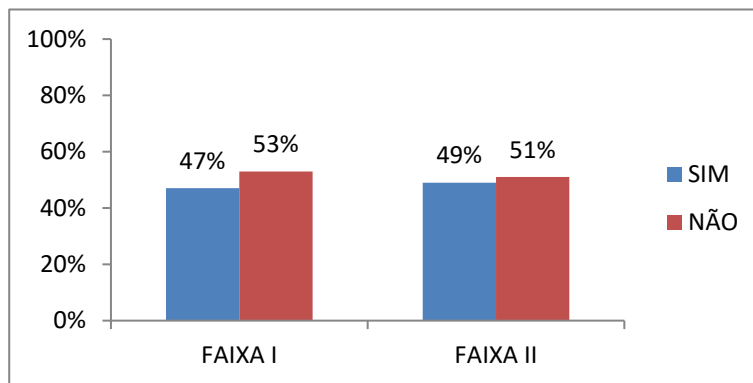
A informante do excerto (15), de Pedra Azul, manifesta uma atitude de rejeição e considera ‘*mongoloides*’ as pessoas que viajam a Belo Horizonte, se mostram desleais às origens linguísticas e retornam falando como os moradores da capital. Existe, por parte da informante, um sentimento de apego ao próprio linguajar, acrescido da aversão aos que se deixam “contaminar” pela variante belo-horizontina. Conforme o exemplo, constatamos que o elemento afetivo, na constituição da crença desta informante, sobressai-se na avaliação que ela tem sobre o que considera diferente. Por extensão, existe um preconceito contra a variante belo-horizontina.

Quanto ao excerto (16), trata-se de uma informante de Unai da faixa etária 2 que mantém uma atitude positiva frente a próprio dialeto. Argumenta que a fala na localidade é *normal* e manifesta uma atitude positiva, de aprovação, ao considerá-la *bonita*. A adjetivação *normal* pressupõe o reconhecimento de uma variedade comum a todos os falantes, aquela que obedece a uma norma convencionada pela comunidade de fala¹⁸.

Após examinar a consciência linguística sobre as variedades locais conforme a variável sexo, analisamos as respostas de acordo com a variável faixa etária como mostra o Gráfico 2, elaborado com as respostas dadas pelos informantes do Estado de Minas Gerais sobre a existência de dialetos locais.

¹⁸ Nesta tese, concebemos comunidade de fala como o conjunto de falantes que compartilham o mesmo repertório verbal e as mesmas normas de comportamento linguístico (TRUDGILL; CAMPOY, 2007).

Gráfico 2: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável faixa etária.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 2, em ambas as faixas etárias, existe um equilíbrio quanto à percepção de diferenças no dialeto local, demonstrando que a variável idade não influenciou, neste caso, a consciência linguística, isto é, a pouca diferença nos índices de uma mesma faixa etária não possibilita determinar se os jovens ou os idosos são mais conscientes sobre dialetos diferentes no interior de Minas Gerais. Ilustramos com trechos dos depoimentos dos falantes, lembrando que os numerais 1 e 2 referem-se aos mais jovens (entre 18 e 30 anos) e 3 e 4 aos menos jovens (entre 50 e 65 anos).

Constatamos que nos dois itens lexicais mencionados existe a queda do /s/ em coda, logo, o apagamento da sibilante é vista por ele como errada e associada a pessoas procedentes da zona rural.

O trecho (17) demonstra a percepção de um informante da Faixa II sobre o dialeto local:

(17) Uns falam **meio cantado**, outros **lentinho**, fala bem **devagarzinho**, pensa mais pra falar [145-São João del Rei/Inf. 3 H.FII].

O informante do excerto (17), de São João del Rei, faz um recorte no imaginário e considera a prosódia de alguns sujeitos como diferente, isto é, reconhece que existem entonações diferentes. Para este informante, as pessoas falam '*meio cantado*' e '*lentinho*'/'*devagarzinho*'.

O fragmento (18) ilustra como o informante mais jovem do ponto 130 tem uma percepção mais abrangente da fala local:

(18) Tem, tem gente que gosta de falar umas letras **estranhas**, tem gente aqui que... oh o povo de Unaí não fala você, que é mineiro, né, mas o povo gosta de falar ‘você’, tem uns que fala ‘tu’, mineiro fala ‘uai sô’, o mineiro legítimo não são de Unaí, Unaí não tem mineiro legítimo não, Unaí é muito próximo de Brasília e o povo **puxa** você, esses trems, por mineiro na verdade fala ‘uai’, ‘uai sô como é que tá’ ‘o senhor’, ‘uai’, tudo é ‘uai’. A maioria fala **bem**, a maioria **fala mal, muito enrolado**, às vezes não sabe explicar nada [130-Unaí/Inf. 1 H.FI].

Comparando com a fala da informante do trecho (16), mulher unaiense da faixa etária II, que avalia positivamente a fala local (*As pessoas daqui conversam **normal**. Unaiense fala **bonito**, a maioria fala bonito*), verificamos que o informante do relato (17), também de Unaí, homem da faixa etária I, argumenta que algumas pessoas falam palavras diferentes e sustenta que, na localidade, no tocante à fala, não há mineiro legítimo, porque a proximidade com a capital do país, Brasília-DF, faz com que as pessoas da cidade sejam desleais com o próprio dialeto. Para este informante, os mineiros utilizam expressões como ‘uai’, ‘uai sô, como é que tá’, ‘o senhor’. Este informante é indeciso no tocante a como a maioria das pessoas conversam, mas acredita que, às vezes, as pessoas não conseguem se expressar linguisticamente devido à fala ser ‘*muito enrolada*’.

O trecho (19) mostra como o informante considera o próprio dialeto:

(19) Minha linguagem é **misturada** com paulista com mineiro, por causa do trabalho, tô satisfeito com a minha [147-Poços de Caldas/Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (19), de Poços de Caldas, é consciente de que sua fala sofre interferências de duas variantes, mas manifesta atitude positiva e admite estar satisfeito com a própria variedade. Bem (1934) aponta que essas afinidades são gostos que têm bases nas emoções, logo, é possível deduzir que este informante tem apreço pelo dialeto paulista, com o qual tem contato no trabalho, e pelo dialeto mineiro vigente na localidade.

Os dados coletados no interior de Minas Gerais acerca da diversidade de dialetos na localidade onde vivem possibilitaram agrupá-los em sete percepções. Para alguns informantes, as primeiras percepções da diversidade linguística dizem respeito ao (i) *desvio da norma*, (ii)

ao uso de gírias e (iii) à *fala caipira*; esta última foi a percepção mais recorrente. Já as diferenças motivadas pelo (iv) *sotaque diferente* e (v) das pessoas mais escolarizadas (*nível de escolarização*) foram menos frequentes e sinalizadas geralmente pelos homens mais idosos; a percepção da diferença na (vi) *fala dos idosos* foi apontada pelos informantes de ambos os sexos da faixa etária I; por fim, (vii) a *migração* também foi lembrada como um fator determinante da diversidade linguística local.

Sobre as percepções indicadas pelos informantes, elaboramos o Quadro 6:

Quadro 6: Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado de Minas Gerais

<p>Homens jovens <i>Desvio da norma</i> <i>Uso de gírias</i> <i>A fala caipira</i> <i>Nível de escolarização</i> <i>A fala dos idosos</i></p>	<p>Homens mais idosos <i>Uso de gírias</i> <i>Nível de escolarização</i> <i>Desvio da norma</i> <i>A fala caipira</i> <i>Sotaque diferente</i> <i>Migração</i></p>
<p>Mulheres jovens <i>Desvio da norma</i> <i>Uso de gírias</i> <i>A fala caipira</i> <i>A fala dos idosos</i> <i>Migração</i></p>	<p>Mulheres mais idosas <i>Uso de gírias</i> <i>A fala caipira</i> <i>Sotaque diferente</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB

As percepções do *desvio da norma*, *a fala caipira*, *a fala dos idosos* e *o uso de gírias* foram quase sempre relacionadas a atitudes negativas conforme observamos nas avaliações expressas como *erradas*, *enroladas*, *mal*, *antigas* etc.

Refletindo sobre as atitudes negativas e positivas observadas nos depoimentos dos informantes mineiros, elaboramos a tabela 2 considerando as variáveis sexo e faixa etária.

Tabela 2: Atitudes linguísticas dos informantes do interior de Minas Gerais segundo as variáveis sexo e faixa etária

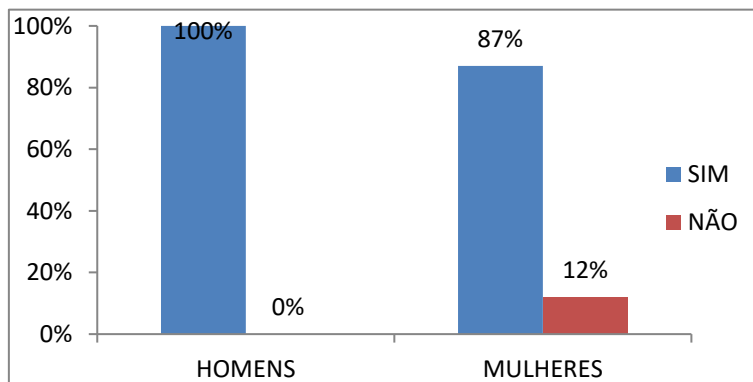
Sexo	Atitude positiva	Atitude negativa	Faixa etária	Atitude positiva	Atitude negativa
Homens	8%	48%	Faixa I	6%	46%
Mulheres	8%	36%	Faixa II	10%	38%
Total:	16%	84%	Total:	16%	84%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do projeto ALiB

De acordo com a tabela 2, constatamos que as respostas dadas pelos informantes homens, de ambas as faixas etárias, apresentaram mais atitudes de preconceito sobre a variedade local. Os informantes tenderam a quase sempre responder com realizações que consideram erradas, ou seja, a pergunta metalinguística abre margem para diversas possibilidades de respostas, não necessariamente ao que os informantes consideram errado, mas a maioria tencionou a exemplificar com falas que desaprovam.

Na sequência, examinamos as respostas da quarta pergunta metalinguística e elaboramos o Gráfico 3 que apresenta o índice dos resultados sobre a existência de dialetos regionais conforme o sexo.

Gráfico 3: Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável sexo



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB

O Gráfico 3 mostra que os homens foram unânimes em reconhecer a existência de dialetos diferentes em outras localidades, enquanto 12% das mulheres declararam não perceber tais diferenças.

Ilustramos com algumas falas dos informantes que reconhecem diferenças dialetais em todos os estados do Sudeste:

(20) Carioca, paulista. Rio de Janeiro incluem o /S/ no final das palavras, nos nói/□/, em São Paulo eles coisa o /t/, po/t/ta [139-Ipatinga/Inf. 2 M.FI].

(21) Paulista é um povo mais escamoso, difícil de mexer, até o carioca é **diferente**, o mineiro que mora no interior não combina com aquele povo lá, porque a gente tem a vida melhor, mora em casa boa, mas aquele povo que mora na favela é nervoso, povo revoltado, não pode fazer muita amizade não, mas tem muita gente boa, educada, não é todos não. Eles **rasta** muito o /S/, o **sotaque diferente** o carioca **rasta** o /S/, as mulheres e os homens falam diferente. Belo Horizonte não fala muito diferente, é **mais ou menos igual**.

São Paulo, Rio de Janeiro, **o gaúcho é diferente**. O gaúcho é um **sotaque diferente usa muito o /S/ também, o catarinense é diferente**; o gaúcho gosta muito de churrasco, é diferente a conversa, **arrasta o /S/ demais**, quase tudo que vai pôr o /S/. **Nordestino tudo diferente**, usam ‘tu’, o ‘você’, as professoras nordestinas quando falam soltam o verbo mesmo, **falam mais bonito** [137-Campina Verde/Inf. 3 H.FII].

(22) Se mudar o Estado já muda tudo. Carioca **puxa** o /S/, você[□], tudo do [□]. O paulista fala po/ɾ/ta. Sul de Minas também **igual** po/ɾ/ta, po/ɾ/teira. No Sul tem **sotaque meio cantando**, ‘orra tchê’, o paranaense fala **diferente** [148-Juiz de Fora/Inf. 3 H.FII].

Os informantes mineiros reconhecem e apresentam atitudes negativas sobre os dialetos paulista e carioca. A informante da Faixa I de Ipatinga do trecho (20) argumenta que o carioca inclui o /S/ no final das palavras e o paulista realiza a retroflexa do /R/, como em [‘pɔɾtɐ]. O informante da Faixa II, do exemplo (21), de Campina Verde, a partir de uma pergunta metalinguística, rompe com as percepções apenas sobre a língua dos paulistas e manifesta atitude linguística de preconceito e atitude social de rejeição contra o paulista, sobressai-se na avaliação do informante o elemento afetivo associado a alguma experiência social negativa. Este informante argumenta que o carioca arrasta o /S/ e o gaúcho usa muito e arrasta o /S/, entretanto ele manifesta uma atitude positiva em relação à fala das professoras nordestinas. É relevante destacar que a atitude positiva está correlacionada apenas à professora, classe profissional com nível de escolarização superior.

Além das considerações sobre o dialeto paulista e carioca, o informante do trecho (22) relata que no sul de Minas Gerais também se realiza o /R/ retroflexo e, no Sul do Brasil, as pessoas tendem a falar cantado e usar a expressão ‘orra tchê’.

Os informantes dos trechos (23), (24) e (25), todos da Faixa etária II, reconhecem que, no interior de Minas Gerais existem dialetos diferentes:

(23) Minas tem dois **sotaques**, de Formiga para lá é outro sotaque, cidade de Formiga é outro, aqui é mais paulista, lá é mais fo/ɾ/miga. Pra mim, **fala normal**, elas falam po/ɾ/ta, ca/ɾ/ne, ve/ɾ/de, é próprio mineiro, mas é de Divinópolis pra lá, mais perto de Bahia que fala tudo assim. Paraibano fala **normal** e é nordeste também, baiano **usa o pronome ‘tu’**, não fala ‘você’. São Paulo fala mais **diferente**, mais sotaque diferente, dentro do São Paulo, ‘centium’, ‘centidois’ [140-Passos/Inf. 3 H.FII].

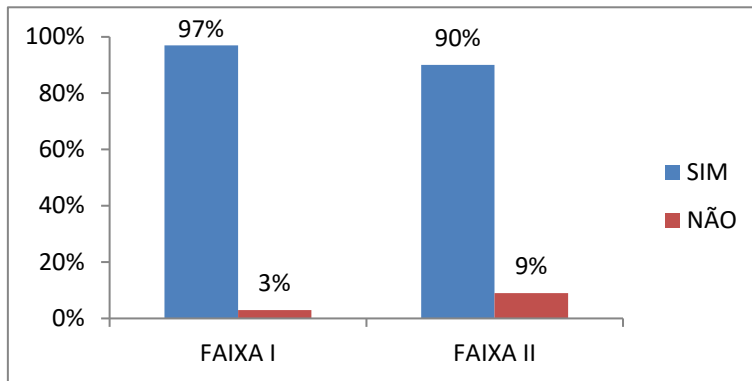
(24) No sul de Minas puxa o /R/, /coɾta/. Paulista é **igual** a mineira. O baiano tem um monte de **sotaque**, ‘bichim’. Carioca, o **problema** é que gosta de fala em **gíria**, dá uma volta bem grande pra chegá onde queria [145-São João del Rei/Inf. 3 H.FII].

(25) Não... tem, em Belo Horizonte o **sotaque**, sotaque **diferente**, por aqui nós estamos em Minas, mas o sotaque é como se fosse da Bahia, nosso sotaque aqui é **bem diferente** deles lá, uma coisa que a gente aqui fala eles acham **engraçado**, a gente chega lá e fala assim, ‘uma vaca’, uma coisa assim, ‘me enrabou’, a gente fala assim, eles acham tão diferente, enrabou, né, nem sei porque... ‘enrabou fulano’, acham bem diferente, me chamam lá a ‘baiana doida’ [129-Pedra Azul/Inf. 4 M. FII].

Os três informantes (excertos 23, 24 e 25) reconhecem a existência de outras variedades dentro de Minas Gerais, entretanto o informante do trecho (23), de Passos, afirma que, no Estado de Minas Gerais, existem dois sotaques, um ao norte próximo à Bahia e um ao sul próximo a São Paulo, e argumenta que, a partir da cidade de Formiga e Divinópolis em direção ao norte, é outro sotaque. Para o informante, o paraibano fala normal e, no Estado da Bahia, as pessoas usam o pronome ‘*tu*’ em vez do pronome de tratamento ‘*você*’. Sobre o dialeto paulista, o informante afirma que, dentro do Estado de São Paulo as pessoas realizam as formas sincopadas ‘*centium*’ e ‘*centidois*’. Já o informante do fragmento (24), de Juiz de Fora, reconhece que existem dialetos diferentes no sul de Minas, que as pessoas do sul utilizam o /R/ retroflexo semelhante a São Paulo, esse informante manifesta uma atitude negativa sobre o dialeto carioca. Diferentemente dos exemplos (23) e (24), a informante do excerto (25), de Pedra Azul, no norte de Minas próximo à divisa estadual, alerta existirem diferenças na fala da região quando comparada com a fala da capital Belo Horizonte, porque a fala da região é mais próxima à fala dos baianos. A informante relata que algumas pessoas da capital consideram engraçada a variante da cidade Pedra Azul e exemplifica com a palavra ‘*enrabou*’. Essa informante apresenta uma aceitação da própria realização, e conseqüentemente uma atitude positiva, o elemento efetivo de aprovação está velado em ‘*me chama lá a baiana doida*’, de forma carinhosa.

Continuando nossa análise, elaboramos o Gráfico 4 que mostra a percepção dos informantes sobre dialetos de outras localidades ou regiões de acordo com a variável idade.

Gráfico 4: Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado de Minas Gerais conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 4, os informantes de ambas as faixas etárias alegaram majoritariamente existirem dialetos em outras regiões do Brasil. Assim, a variável idade, observando a proximidade dos índices, não se revelou um fator determinante para esse reconhecimento. Ilustramos com os exemplos (26), (27) e (28), extraídos da fala dos informantes:

(26) **Diferente** assim, o **sotaque** mesmo né, o paulista, o carioca, diferente **assim na conversa**, no jeito de tratar as pessoas, tem uns que vai... se eu mudar, acho que não mudo a língua, não [128-Janaúba/Inf. 1 H.FI].

(27) Paulista fala **diferente**, **sotaque diferente**, **vê pela TV** outros sotaques, baiano tem sotaque [149-Itajubá/Inf. 4 M.FII].

(28) O pessoal **mais estudado**, a gente **vê na televisão** [127-Januária/Inf. 3 H.FII].

Os informantes dos exemplos (26), (27) e (28) têm a percepção do *sotaque* e atribuem à televisão a influência sobre a variedade local. O informante do excerto (26), de Janaúba, reconhece que o paulista e o carioca conversam diferente e relaciona a variação linguística com a forma de tratamento às pessoas. Afirma, também, que se ela se mudasse de localidade não seria desleal ao próprio dialeto. A alegação do informante conota que tem consciência de que as pessoas tendem a ajustar as realizações linguísticas ao grupo em que estão inseridas, mas acredita que ele mesmo não seria desleal com as raízes linguísticas.

A informante do excerto (27), de Itajubá, alega que o paulista e o baiano têm sotaque diferente e admite que conhece os dialetos por meio da televisão. O informante do trecho (28) reafirma que a televisão é a responsável pelo contato linguístico e tem a percepção de que o

nível de escolarização pode contribuir para as diferenças linguísticas. A televisão, diante desses e de outros relatos, tem se mostrado um produto que interfere no conhecimento linguístico, isto é, além dos contatos linguísticos realizados no trabalho, em viagens, convivência em família, entre outros, o contato também está acontecendo por meio midiático.

O trecho (29) ilustra como o informante tem consciência da variação diatópica e é tolerante com os demais dialetos:

(29) Depende da região, do Estado, o **sotaque** cada um tem o jeito, **não pode falar que é mais bonita ou mais feia, cada um tem um jeito** [144-Lavras/Inf. 1 H.FI].

Esse informante argumenta que as pessoas apresentam sotaques de acordo com a região e o Estado e, além de demonstrar um domínio sobre os dialetos, afirma que não deve classificá-los em bonito ou feio; sugere, dessa forma, que as diferenças não deveriam valorizar ou depreciar um dialeto.

O fragmento (30) ilustra a percepção do informante sobre o dialeto baiano, carioca e paulista:

(30) Baiano fala ‘vixe mainha, é tu é?’, o carioca puxa o /R/, carioca é Rio de Janeiro, né, não carioca puxa o [□□], o de São Paulo puxa /R/, /R/ puxando o /R/, se/R/, ca/R/ta. Não é o goiano que fala ca/ɾ/ta, falo ca/ɾ/ta e falo arroz, arro[j]z, é o mineiro puxa o /S/, feijã[□], co/S/ta, se fosse o Rio de Janeiro ia falar co[□]ta, co[□]ta[□] puxando o [□□]. O goiano fala ca/R/ta, po/R/ta. O gaúcho, eles falam ‘tchê’, não entendo esse povo não, é estranho. Viu passando na televisão que vai mudar a língua nossa porque o brasileiro **conversa muito mal**, a maioria das pessoas **conversa ruim demais**, você não, você é professora, mas agora eu péssimo [130-Unai/Inf. 1 H.FI].

O informante do trecho (30), de Unai, reconhece que o carioca realiza a palatal [□] no lugar da alveolar [s], o mineiro usa a alveolar [s] como em [kosta], o paulista puxa o /R/ como em [seɾ] e [kaɾta] e o goiano fala [kaɾta]. O mesmo informante manifesta uma atitude negativa sobre a fala do gaúcho cujo dialeto considera ‘*estranho*’ inclusive por usarem a expressão ‘*tchê*’. Segundo o informante, a televisão noticiou que a língua vai mudar porque a maioria dos brasileiros conversa mal.

O trecho (31) exemplifica a percepção da informante unaiense sobre as variedades do sul e do norte:

(31) Do Sul. Os nortistas, por exemplo, têm uma **pronúncia toda diferente** da gente, fala as palavras diferentes, o jeito de falar é diferente, é a mesma pronúncia, eles falam uma coisa que a gente conhece por outra coisa, dá outro nome. O Sul também **fala bem diferente**, tem muito nome assim, de criança, eles chamam criança de ‘pia’, comida eles falam bem diferente da gente, eles chamam a mulher de ‘mãe’. No Sul, eles são bem **diferentes** da gente, tenho amigos aqui do Sul, é **bem engraçado** ver eles conversar entre si [130-Unai/Inf. 4 M.FII].

A informante do trecho (31) exemplifica que as pessoas do Sul e os nortistas falam diferente e considera, inicialmente, que a pronúncia dos nortistas é diferente, mas, em seguida, corrige e alega que são as denominações que mudam. A informante faz um recorte sobre os dialetos e acredita que as pessoas do Sul usam ‘*piá*’ para criança, ‘*mãe*’ para mulher (esposa) e avalia negativamente de ‘*engraçada*’.

O exemplo (32) ilustra como um informante manifestou a atitude negativa sobre outras variedades:

(32) Nordestino, baiano, eles têm um **sotaque doido** demais, só eles mesmo pra conversar daquele jeito lá. **Carioca, conversei só com um, o sotaque estranho** [135-Uberlândia/Inf. 1 H.FI].

O informante do fragmento (32), de Uberlândia, manifesta uma atitude negativa frente à fala do nordestino, do baiano e do carioca, considera o sotaque do nordestino e baiano ‘*doido demais*’ e, sobre o dialeto carioca, alega ser ‘*estranho*’.

Após os informantes responderem à quarta pergunta metalinguística, a quinta questão solicita exemplos de como as pessoas falam diferente em outras localidades do Brasil. Ao responderem, por vezes, além de citar grupos, imitaram ou tentaram explicar o que consideravam diferente. Algumas percepções trazem à tona os sotaques, itens lexicais e expressões, e outras apenas indicam um grupo. A partir desses relatos, elencamos os nomes dados aos dialetos, organizamos por região de origem e elaboramos a Tabela 3 que mostra, em porcentagens, os dialetos lembrados pelos informantes do interior de Minas Gerais.

Tabela 3: Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado de Minas Gerais.

Dialetos	Minas Gerais
Sudeste	53,2%
<i>Paulista</i>	19%
<i>Carioca</i>	18%
<i>Mineiro</i>	10%

<i>Belo-horizontino</i>	3%
<i>Uberlandense</i>	1,6%
<i>Capixaba</i>	0,4%
<i>Campo-belense</i>	0,4%
<i>Paulistano</i>	0,8%
Nordeste	29,2%
<i>Baiano</i>	16%
<i>Nordestino</i>	5%
<i>Pernambucano</i>	3%
<i>Cearense</i>	1,6%
<i>Paraibano</i>	1,6%
<i>Recifense</i>	0,4%
<i>Sertanejo</i>	0,4%
<i>Alagoano</i>	0,4%
<i>Maranhense</i>	0,4%
<i>Sergipano</i>	0,4%
Sul	9,0%
<i>Gaúcho</i>	6%
<i>Catarinense</i>	1,6%
<i>Paranaense</i>	1%
<i>Sulista</i>	0,4%
Centro-Oeste	3%
<i>Brasiliense</i>	1%
<i>Goiano</i>	1%
<i>Mato-grossense</i>	1%
Norte	4,8%
<i>Nortista</i>	3%
<i>Manauara</i>	1%
<i>Paraense</i>	0,4%
<i>Belenense</i>	0,4%
Total	99%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 3, mais da metade dos informantes se referiu aos dialetos da Região Sudeste como diferentes. O dialeto mineiro foi o terceiro mais citado, ficando atrás do paulista e do carioca. A Região Nordeste foi a segunda mais evidenciada por meio da língua e o dialeto mais lembrado dessa região foi o baiano. Alguns informantes citaram genericamente a denominação ‘*nordestino*’ para se referirem às diferentes variedades linguísticas, sem especificar a localidade onde elas ocorrem.

As respostas de muitos informantes mineiros sugerem atitudes negativas sobre os dialetos lembrados, principalmente sobre o carioca e o paulista, conforme trechos (32) – *sotaque doido, estranho*, (14) – *fala mal, errado*. Já outros informantes, também com atitudes negativas, ao discriminar o que consideravam diferente na fala do outro, rejeitaram as *gírias* e a *fala caipira*.

Após destacar os dialetos lembrados pelos mineiros, correlacionamos esses dados com a variável idade, visando verificar alguma possível atitude dos informantes com os falares identificados e produzimos a Tabela 4.

Tabela 4: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Minas Gerais conforme a variável idade.

Dialetos	Faixa I	Faixa II
Sudeste	27,3%	27,3%
<i>Paulista</i>	8,3%	10,5%
<i>Carioca</i>	10,6%	7,4%
<i>Mineiro</i>	4,6%	5,6%
<i>Belo-horizontino</i>	1,9%	2,3%
<i>Uberlandense</i>	0,9%	0,5%
<i>Paulistano</i>	0,5%	0,5%
<i>Capixaba</i>	0,5%	
<i>Campo-belense</i>		0,5%
Nordeste	15,1%	13,4%
<i>Baiano</i>	7,4%	7,9%
<i>Nordestino</i>	2,3%	2,3%
<i>Pernambucano</i>	1,9%	1,4%
<i>Cearense</i>	0,5%	0,9%
<i>Paraibano</i>	0,5%	0,9%
<i>Recifense</i>	0,5%	
<i>Sertanejo</i>	0,5%	
<i>Alagoano</i>	0,5%	
<i>Maranhense</i>	0,5%	
<i>Sergipano</i>	0,5%	
Sul	3,2%	5,3%
<i>Gaúcho</i>	3,2%	2,6%
<i>Catarinense</i>		1,3%
<i>Paranaense</i>		0,9%
<i>Sulista</i>		0,5%
Centro-Oeste	1,5%	1,0%
<i>Brasiliense</i>	0,5%	
<i>Goiano</i>	0,5%	0,5%
<i>Mato-grossense</i>	0,5%	0,5%
Norte	2,4%	3,1%
<i>Nortista</i>	0,7%	3,1%
<i>Manauara</i>	0,7%	
<i>Belenense</i>	0,5%	
<i>Paraense</i>	0,5%	
Total	49,5%	50,1%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 4, ambas as faixas etárias lembraram, em igual medida, variedade da Região Sudeste: os mais jovens lembraram mais do dialeto carioca e já os mais idosos do dialeto paulista. Sobre os falares diferentes da Região Nordeste, os percentuais e a pluralidade

de dialetos citados pelos mais jovens sugerem que tiveram mais contato que os mais idosos. Sobre as variedades da Região Sul, entretanto, são os idosos que apresentaram mais índices. Quanto às diferenças atribuídas a falantes da Região Norte, os mais idosos lembraram do nome genérico *nortista*, enquanto os jovens, mesmo com menor índice, apresentaram mais quantidade de dialetos.

Após analisadas as percepções dos informantes de acordo com a variável idade, analisamos a influência da variável sexo, conforme apresentamos na Tabela 5.

Tabela 5: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Minas Gerais conforme a variável sexo.

Dialetos	Homem	Mulher
Sudeste	29,2%	25,5%
<i>Paulista</i>	10,2%	8,8%
<i>Carioca</i>	9,7%	8,3%
<i>Mineiro</i>	5,1%	5,1%
<i>Belo-horizontino</i>	2,8%	1,4%
<i>Uberlandense</i>		1,4%
<i>Paulistano</i>	0,9%	
<i>Capixaba</i>	0,5%	
<i>Campo-belense</i>		0,5%
Nordeste	15,1%	12,6%
<i>Baiano</i>	8,8%	6,5%
<i>Nordestino</i>	1,9%	2,8%
<i>Pernambucano</i>	1,4%	1,9%
<i>Cearense</i>	0,5%	
<i>Paraibano</i>	0,5%	0,9%
<i>Recifense</i>	0,5%	
<i>Sertanejo</i>		0,5%
<i>Alagoano</i>	0,5%	
<i>Maranhense</i>	0,5%	
<i>Sergipano</i>	0,5%	
Sul	5,1%	3,7%
<i>Gaúcho</i>	3,7%	2,3%
<i>Catarinense</i>	0,5%	0,9%
<i>Paranaense</i>	0,9%	
<i>Sulista</i>		0,5%
Centro-Oeste	2,3%	0%
<i>Brasiliense</i>	0,5%	
<i>Goiano</i>	0,9%	
<i>Mato-grossense</i>	0,9%	
Norte	3,8%	2,3%
<i>Nortista</i>	1,9%	2,3%
<i>Manauara</i>	0,9%	
<i>Belenense</i>	0,5%	
<i>Paraense</i>	0,5%	
Total	55,5%	44,1%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 5, tanto os homens quanto as mulheres indicaram mais os dialetos da Região Sudeste, sendo o dialeto paulista, carioca e mineiro os mais recordados. Sobre o dialeto de outras regiões, os homens demonstraram maior percepção.

Para citar os dialetos de outras regiões, as denominações genéricas “nortista” e “nordestino” foram elicitadas por alguns informantes sem especificar o estado ou a cidade.

Os informantes avaliaram que os sotaques, as denominações e as expressões, muitas vezes estereotipadas, produzem as diferenças linguísticas. Os excertos seguintes ilustram as múltiplas percepções acerca dos dialetos do Português Brasileiro:

- a. A fala do **paulista** tem ‘sotaque diferente’ [134-Diamantina/Inf. 2 M.FI]; ‘puxa’ [137-Campina Verde/Inf. 4 M.FII] e ‘usa muito’ o /R/ [136-Patos de Minas/Inf. 3 H.FII] como em po/R/ta, po/R/teira, po/R/ca [139-Ipatinga/Inf. 1 H.FI], co/R/da, ca/R/ne [127-Januária/Inf. 2 M.FI], se/R/ e ca/R/ta [130-Unai/Inf. 1 H.FI]. Usa gírias como ‘aí mano’, ‘vamos lá’ [141-Formiga/Inf. 1 H.FI], também coloca /e/ no final de tudo [142-Ouro Preto/Inf. 1 H.FI] e, por fim, pronunciam ‘centium’ e ‘centidois’ [140-Passos/Inf. 3 H.FII].
- b. ‘O **baiano** tem sotaque e palavras diferentes’ [136-Patos de Minas/Inf. 1 H.FI], ‘fala meio cantado’ [146-Muriaé/Inf. 3 H.FII], ‘um objeto aqui, lá é com o nome diferente’ [140-Passos/Inf. 2 M.FI], utiliza ‘oxi bichim’ [136-Patos de Minas/Inf. 3 H.FII], ‘bichim’ [145-São João del Rei/Inf. 3 H.FII], pergunta ‘vixe mainha é tu é?’ [130-Unai/Inf. 1 H.FI], pede ‘pega aquele trem pra mim ali em cima’, ameaça com ‘tá dum jeito bom pra levar umas lapadas’ [130-Unai/Inf. 2 M.FI], chama de ‘jerimum’ a ‘abóbora’ [140-Passos/Inf. 1 H.FI], de ‘folha’ a roda de bicicleta e de ‘capsulana’ o bico da câmara de ar [132-Pirapora/Inf. 1 H.FI].
- c. O **mineiro** usa ‘uai’ [144-Lavras/Inf. 4 M.FII], ‘uai sô’, ‘que trem bão’ [136-Patos de Minas/Inf. 4 M.FII] e chama o porco sem capar de ‘barrão’ [129-Pedra Azul/Inf. 3 H.FII].
- d. O **carioca** tem a ‘língua dobrada’ [136-Patos de Minas/Inf. 3 H.FII], ‘enrola’ [139-Ipatinga/Inf. 3 H.FII], ‘puxa’ e ‘estica’ o /S/ [146-Muriaé/Inf. 1 H.FI], usa ‘muita gíria’, tem outro ‘significado as palavras’ [148-Juiz de Fora/Inf. 1 H.FI], chama de ‘macaxeira’ a mandioca [147-Poços de Caldas/Inf. 2 M.FI], fala ‘bota’ invés de coloca [141-Formiga/Inf. 1 H.FI] e ditongam em ‘nóis’ [135-Uberlândia/Inf. 3 H.FII], ‘vocês’ [139-Ipatinga/Inf. 4 M.FII] e ‘déiz’ [148-Juiz de Fora/Inf. 1 H.FI].
- e. O **nortista** ‘tem uma pronúncia toda diferente da gente’ [130-Unai/Inf. 4 M.FII], ‘fala meio estranho’ [137-Campina Verde/Inf. 2 M.FI], chama a mandioca de ‘macaxeira’, o porco sem capar de ‘cachaço’ [129-Pedra Azul/Inf. 3 H.FII], peneira

(de palha) de ‘arupemba’ [137-Campina Verde/Inf. 4 M.FII] e usa ‘tá bichinho arretado só’ [137-Campina Verde/Inf. 2 M.FI].

Alguns informantes manifestaram atitudes linguísticas positivas em relação a outros dialetos, contudo a grande maioria, ao exemplificar o modo de fala do outro, demonstrou atitudes negativas, notoriamente sobre os dialetos paulista, mineiro, baiano, gaúcho e carioca. Nesse aspecto, as mulheres, no decorrer das explicações sobre o que consideravam ser diferente, tenderam a apresentar atitudes mais tolerantes com a diversidade linguística.

A variável idade evidenciou que os informantes da Faixa I, os jovens, apresentaram mais consciência da existência de dialetos, porém também se mostraram os mais preconceituosos.

Em linhas gerais, alguns informantes dos 22 pontos de inquérito, percebem que, dentro do Estado de Minas Gerais, existem três dialetos: um localizado ao sul de Minas Gerais próximo ao Estado de São Paulo; um ao norte próximo ao Estado da Bahia; e, um dialeto da capital Belo Horizonte. A propósito Nascentes (1953, p. 19), ao tratar da divisão dialetal do Brasil, indica para a área correspondente a Minas Gerais, quatro subfalares: baiano, fluminense, sulista e mineiro.

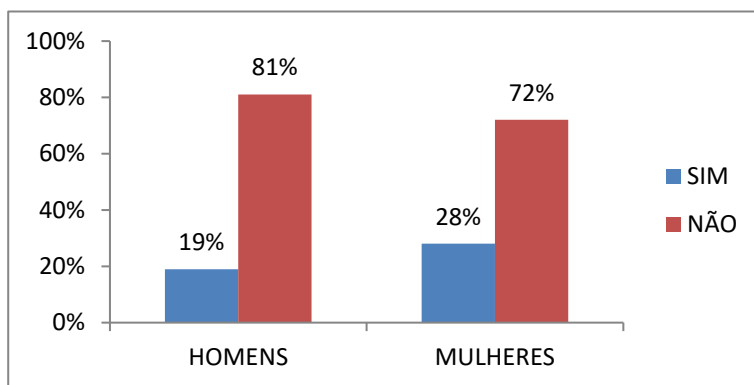
Zágari (2013, p.47-48) também reconhece no estado de Minas Gerais diferenças dialetais relativamente a “acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais”. O autor descreve que existe uma variedade ao Sul e no Triângulo que se diferencia do Norte, e este se distingue da região formada pelas Zonas da Mata, Metalúrgica, Vertentes e Belo Horizonte e arredores.

5.2 ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES PAULISTAS

No Estado de São Paulo, são 37 pontos de inquéritos distribuídos uniformemente pelo território, totalizado 148 informantes (ver Anexo IV). No decorrer das perguntas metalinguísticas, os informantes tencionaram mais a reconhecer os dialetos em outras regiões do que os dialetos locais e, por vezes, tentaram reproduzir a fala diferente. Constatamos, também, que relações trabalhistas e conteúdos vinculados na televisão interferem nas percepções e nas atitudes de alguns informantes.

Para o exame das respostas do interior paulista, inicialmente investigamos a percepção que os informantes têm sobre os dialetos locais e relacionada com a possível interferência da variável sexo na consciência linguística. Para isso, elencamos as respostas acerca da segunda pergunta metalinguística e elaboramos o Gráfico 5, correlacionando as respostas à variável sexo.

Gráfico 5: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com os índices do Gráfico 5, a maioria, tanto dos homens quanto das mulheres, não percebeu as diferenças nos dialetos locais. Esses resultados apontam para um equilíbrio: independentemente do sexo, os informantes tendem não reconhecer as diferenças locais. A análise indica uma equidade entre as respostas dos homens e das mulheres na qual, com o tempo, esta variável poderá se tornar pouco produtiva para a determinar a consciência linguística dos informantes.

A homogeneização dos papéis sociais tem se intensificado no Brasil nos últimos anos, assim, cargos e atividades restritas aos grupos têm passado a ser de todos, quase que indiferentemente. Assim, consideramos que esse fato social influencia nos resultados das variáveis idade e sexo, isto é, os papéis ao deixar de ser restrito/exclusivos oportunizam aos falantes as mesmas condições para estabelecer psicologicamente o que é a fala diferente. Selecionamos alguns excertos para ilustrar nossa assertiva:

(33) Todo mundo fala **igual**, mesmo ritmo [153-Barretos/Inf.1 H.FI].

(34) A linguagem todo mundo fala **igual**, **não tem nenhum que fala diferente aqui não** [185-Ribeira/Inf. 3 H.FII].

(35) **Diferente só se for estrangeiro** né, lógico. Agora assim, diferente assim só estrangeiro. Agora se for assim brasileiro igual nós, **a mesma coisa**. Os jovens **falam igual adultos**. Tem uns que tem cabeça deste tamanho, mas... Tem uns que falam diferente, cada um tem uma ideia diferente, cada um pensa diferente do outro, não é todos iguais, entendeu? Tem uns tem ideia diferente do outro, tem jovem que tem a ideia diferente da minha, entendeu? [156-Araçatuba/Inf. 1 H.FI].

(36) **Gente que vem de fora**. Os **daqui não fala diferente não**, só vem de fora. As daqui falam **normal**, que mora aqui todo mundo fala normal [164-Teodoro Sampaio/Inf. 4 M.FII].

O informante do trecho (33), de Barretos, ponto de inquérito ao norte de São Paulo, e o informante do fragmento (34), de Ribeira, ponto de inquérito ao sul de São Paulo, dois pontos opostos, alegam inexistir variedade linguística na localidade. Estes informantes ratificam os índices negativos do Gráfico 5.

Os informantes dos exemplos (35) e (36) reconhecem apenas que pessoas de fora falam diferente. O informante do excerto (35), de Araçatuba, argumenta que somente quem é estrangeiro fala diferente, se for brasileiro, independentemente se jovem ou adulto, todos falam igual. Existe uma manifestação de atitude do informante sobre o jovem, apesar de argumentar que todos falam igual, o informante faz uma crítica à mentalidade de outros jovens, uma atitude social negativa em relação ao que outros jovens podem pensar. A aversão às ideias abstratas que o informante relata é descrita em Bem (1934, p. 29) ao afirmar que as atitudes são “nossas afinidades e aversões a situações, grupos ou quaisquer outros aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais”.

A informante do trecho (36), de Teodoro Sampaio, declara que apenas as pessoas de outras regiões que vão para a localidade falam diferente, mas que todas as pessoas que residem na cidade falam normal. Como já mencionado, não reconhecer os dialetos podem representar mais do que falta de observação por parte dos informantes, pode indicar uma tentativa de manter a unidade linguística da comunidade.

O exemplo (37) ilustra a percepção da variação diageracional e a origem rural para justifica a variedade local:

(37) Tem só **aquele pessoal antigo** que veio do sítio, aqueles italianos, espanhóis, aquela turma lá [150-Jales/Inf. 1 H.FI].

O informante do exemplo (37), de Jales, relata que somente o pessoal mais antigo, procedente do sítio e descendentes de italiano e/ou de espanhol, falam diferente na localidade.

Para este informante, são dois padrões em conjunto que podem gerar a diferença linguística: ser descendente de estrangeiro e procedente da zona rural. A alegação de descendentes de estrangeiros quase não apareceu nos dados de São Paulo, já a fala caipira foi mais recorrente.

Os trechos (38), (39), (40), (41) e (42) retratam as percepções que alguns informantes têm sobre as pronúncias das variedades:

(38) Tem gente que fala mais **cantado** do que eu, eu acho, acredito, mais **caipirado** né, por exemplo, quem mora nestes sítios aí falam **pior** que eu, tipo assim, você fala assim ‘guarda’, ‘guardar’, **muita ar**, ‘puxando muito o ar’, bem **acaipirado** mesmo, aqui ainda tem muito disso, a gente fala **errado**, mas tem gente que fala **pior** [152- São José do Rio Preto/ Inf. 4 M.FI].

(39) Uns falam **arrastado**, **puxam** o /R/ [151-Votuporanga/Inf. 2 M.FI].

(40) Não sei se falam **puxado**, mas tem pessoas aqui que falam bem **puxado**, nossa, muito **engraçado** mesmo, **puxam** pra caramba aqui [187- Cananéia/Inf. 2 M.FI].

(41) Tem gente que fala sim, que gosta de **puxar** /R/, puxa sim, o porquê eu não sei, a minha língua é **igual** língua indígena né, porque por parte da minha avó, do lado do meu pai, eles eram indígenas então tudo **misturado** italiano, espanhol e indígena. Se conversa com um, conversa com outro, daqui a pouco você não guarda a **diferença** deles. Tem gente que **puxa** mais, a turma nossa fala que a língua é paulista, que **o paulista fala quase igual o mineiro**, pode reparar, e quem mora em São Paulo é paulistano, a língua é paulistana, já fala **diferente** [178-Sorocaba/Inf. 3 H.FII].

(42) Às vezes, têm as palavras que a pessoa cita, o **modo** de falar representa outro tipo de modo de falar, a pessoa, às vezes, fala **mais alto, mais baixo, mais devagar, fala mais, fala mais fanhoso**, tem esse tipo de coisa [155- Andradina/Inf. 3 H.FII].

A informante do excerto (38), de São José do Rio Preto, acredita que as pessoas que têm a realização mais caipira tendem a puxar “muito o [ar]”, referindo-se à realização do /R/ retroflexo. A informante manifesta uma atitude linguística negativa, avalia que tem uma variedade linguística ‘*cantada*’ e caipira, mas que existem na cidade os que falam mais ‘*acaipirado*’ e, conseqüentemente, falam pior. Concordando com o exemplo (38), a informante do exemplo (39), de Votuporanga, próximo aos pontos de inquéritos Jales e São José do Rio Preto, norte de São Paulo e próximo ao limite geográfico com o Estado de Minas Gerais, sem indicar quais grupos tendem a falar diferente, também admite que, na localidade, algumas pessoas puxam o /R/. Já a informante do trecho (40), de Cananéia, defende que existem pessoas

na cidade que falam bem ‘*puxado*’ e manifesta uma atitude linguística negativa porque considera a variação ‘*engraçada*’.

O informante do trecho (41), de Sorocaba, também reconhece que algumas pessoas na localidade puxam o /R/. Reforça a declaração feita pelo informante do excerto (37), sobre a miscigenação do idioma italiano e espanhol, e acrescenta que o idioma indígena também intervém no próprio dialeto. Este informante revela que, mesmo as pessoas nomeando o dialeto local de paulista, ele não admite que fala paulista, justifica que a variação local é próxima à variação mineira, que a variação paulista é de quem vive na capital. Este relato gera certa contradição, uma vez que, diferentemente das cidades de Jales, Votuporanga e São Jose do Rio Preto, a cidade de Sorocaba não é próxima ao Estado de Minas Gerais e, sim, mais perto da capital São Paulo. Para a informante do excerto (42), de Andradina, as pessoas com diferença na pronuncia são pessoas que falam mais alto, mais baixo, mais devagar, falam mais ou menos fanhoso.

Os fragmentos (43) e (44) retratam a percepção de alguns informantes que argumentaram a variedade pela falta de palavras na fala de algumas pessoas:

(43) Tem gente que fala meio **arrastado**, tem outro que fala **faltando** letra, tem gente que fala **aumentando** letras. Aumenta assim o **modo** de falar [177-Itapetininga/Inf. 4 M.FII].

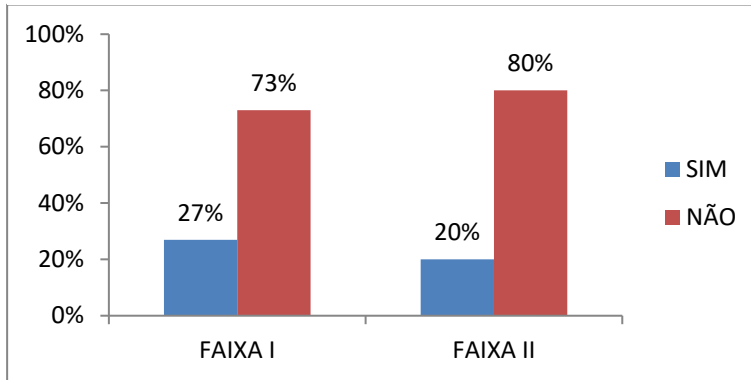
(44) Fala, um fala **diferente** do outro, até porque a gente **não fala certo**, pode reparar quando uma palavra certa na outra vem **comendo umas três ou quatro letras**, porque já é de hábito, por mais que você até saiba falar, acostuma, é uma cidade que as pessoas trocam muito as letras e tudo põe né, ‘leit[] quente[]’, e ‘cuidadinho, boazinha, tenho uma casinha, já tá dando a horinha de ir embora’ [177-Itapetininga/Inf. 2 M.FI].

A informante do fragmento (43), de Itapetininga, declara que existem diferentes dialetos. Esta informante manifesta uma atitude negativa frente a algumas variedades, para tanto, argumenta que, por hábito, existem pessoas que suprimem letras, não fazem o alteamento da vogal /e/ para /i/ nem a palatalização [t] como em ‘leite quente’ e utilizam excessivamente sufixos diminutivos. A informante do fragmento (44), da mesma localidade, também reconhece que, na localidade, existem pessoas que falam suprimindo ou aumentando as letras.

Após verificar que a variável sexo pode estar se tornando pouco representativa para determinar a consciência linguística, pois as respostas entre os homens e as mulheres demonstram equilíbrio decorrente da homogeneização dos papéis sociais, verificamos a

interferência da variável idade sobre as respostas dos informantes. O Gráfico 6 ilustra os índices da percepção conforme a variável idade.

Gráfico 6: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 6 mostra que a grande maioria, independentemente da faixa etária, não percebe diferenças na fala local, embora os jovens tenham sido um pouco mais assertivos sobre a existência de diferentes dialetos na localidade. Os excertos 45 a 47 ilustram a percepção de alguns informantes, estratificados segundo a variável sexo:

(45) Acho que não, acho que tudo mundo fala **igual**. (E como eles falam aqui?) Pra mim é **normal**, acho que **não tem** [160-Mococa/Inf. 1 H.FI].

O informante do recorte (45), de Mococa, alega inexistir diferenças na localidade e afirma que todos falam igual, ela considera normal a variedade local.

O informante do trecho (46) reconhece a diferença local e alega duas percepções:

(46) Uns falam **meio enrolado**, outro fala ‘vamos na ingreja’, ‘tudo ingual’, é os cara da vida [167-Bauru/ Inf. 1 H.FI].

O informante do trecho (46), de Bauru, reconhece as diferenças na localidade e justifica que há pessoas que falam ‘*meio enrolada*’, uma percepção de pronúncia, e outras que falam ‘*ingreja*’ e ‘*ingual*’, uma nasalização antes da oclusiva velar, percepção do desvio da

norma. Ele ressalta que são as pessoas do dia-a-dia e, assim, manifesta atitude de rejeição às formas que se desviam do padrão culto.

No trecho (47) além de reconhecer o /R/ retroflexo, o informante alega o comportamento como causa da variedade linguística:

(47) Eles falam assim mais **sossegado** né, a gente em Piracicaba **puxa** mais o /R/, tipo assim, você vai falar, por exemplo, para fala assim para/R/, já puxa mais /R/ [162-Adamantina/ Inf. 2 M.FI].

A informante do trecho (47), de Adamantina, relata que, na localidade, as pessoas falam mais sossegadas. Para a informante, na cidade de Piracicaba, as pessoas puxam mais o /R/ e exemplifica com ‘*para[r]*’, um caso de /r/ retroflexo. Sobre esse falar diferente dos piracicabanos, alguns informantes dos pontos de Campinas [173], Araraquara [165] e da própria Piracicaba [172] reconhecem que, nesta cidade, se fala mesmo diferente. Rodrigues (1974), após pesquisar sobre o dialeto caipira na região de Piracicaba, relata que os resultados apontaram para um dialeto da região e que, “no consenso dos moradores, da área urbana, este dialeto é uma ‘fala caipira’ e os próprios informantes têm consciência disso, quando para fugir à conotação pejorativa que se atribui ao caipira, tenta *melhorar* os seus recursos de expressão” (RODRIGUES, 1974, p. 170)

No trecho (48), a informante tem a percepção do /R/ retroflexo e da variação diageracional como causadora da variedade:

(48) Tem os que **puxa** mais o /R/. Tem os que falam ‘po[j]ta’ quase não percebe o /R/, tem uns que falam ‘po/R/ta’, daí você percebe um pouco mais, tem uns que são de Campinas mesmo, que falam mais **diferente**, acho que são **os mais antigos** [173-Campinas/ Inf. 2 M.FII].

Esta informante, de Campinas, reconhece que existem pessoas que ‘*puxam mais o /R/*’, faz um comparativo entre pessoas que quase não pronunciam o /R/, como em ‘*po[j]ta*’. Segundo esta informante, são as pessoas mais idosas que mais falam diferente na localidade.

O informante do excerto (49) tem a percepção que as pessoas da roça falam diferente e julga essa fala da zona rural como pior:

(49) Tem o pessoal da **roça**, a gente **não fala bem**, mas aqui, por exemplo, a ‘vou olhar lá em cima’, eles não ‘vô olhar lá em riba’ [176-Guaratinguetá/ Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (49), de Guaratinguetá, percebe que as pessoas da zona rural falam diferente e cita como exemplo ‘vô *olhar lá em riba*’ ao invés de ‘*vou olhar lá em cima*’. Para este informante, a monotongação de /ou/ > /o/ em ‘vô’ e o termo ‘*riba*’ em vez de ‘*cima*’ são marcas da fala caipira. Esse informante faz um recorte sobre como é a fala da zona rural e representa, cognoscitivamente, como ele avalia a fala do roceiro.

No trecho (50) apresentamos um exemplo de como a informante avalia a fala caipira e apresenta uma atitude negativa:

(50) A gente fala **meio caipira** né. Tem bastante coisa né, mas não sei te dizer. Paulista tira o **sarro** né, ‘po/R/que, leit[□□ quente[□□’. O povo fala mesmo ‘po/R/que que você não vai não sei aonde’, ‘venha toma leit[□□’, e eles é tudo ‘lei[□□e’, uma coisa assim mais ‘pu/R/que’, então eles tiram muito sarro, a gente **puxa bastante** o /R/ [178-Sorocaba/ Inf. 2 M.FI].

A informante do exemplo (50), de Sorocaba, reconhece a variedade local e argumenta que essa variedade é ‘*meio caipira*’. Para a informante, existe um preconceito entre os paulistas e a fala local, pois alguns paulistas debocham da fala local porque existem moradores de Sorocaba que utilizam ‘*po[□]que, leit[□□ quente[□□*’ e puxam bastante o /R/, diferentemente do paulista que realiza a forma *lei[□□i]*.

A informante da faixa etária II, no exemplo (51), tem a percepção do *sotaque* associado ao *desvio da norma*:

(51) O **sotaque**, muita gente fala sotaque diferentes, ‘nos imos’, ‘nos fumo’, tem bastante palavras assim que envolve muito o português. Quem **não tem cultura** nenhuma então tem muitas palavras assim que você ouve e fica assim, nossa como é que pode né fala. Eu que não tenho estudo suficiente, a gente percebe o **erro de português** assim, o palavreado **muito falho** né [183-Itanhaém/ Inf. 4 M.FII].

A informante do excerto (51), de Itanhaém, argumenta que os sotaques são diferentes e o desvio da norma são os responsáveis pela variedade, exemplifica com ‘*nós imos*’ e ‘*nós*

fumo’, e manifesta uma atitude negativa diante da variedade que considera um *‘palavreado muito falho’*.

No trecho (52), o informante adjetiva a variedade como *diferente*, retomando a palavra da pergunta metalinguística:

(52) Em cada região, mesmo aqui no município de Cananéia, cada setor, aqui ao redor do município, em cada lugar um fala **diferente** do outro, fala português, mas fala **uma maneira diferente**. Por exemplo em Pedrinhas, já falam diferente, não sei imitar, mas falam diferente, palavra diferente, o jeito de falar [187-Cananéia/ Inf. 3 H.FII].

O informante do recorte (52), de Cananéia, aponta existir variedade linguística na localidade. Este informante reforça que essas diferenças ocorrem no português brasileiro e alega que, no distrito de Pedrinhas, localidade em Ilha Comprida ao lado de Cananéia, as pessoas falam diferente, mas ele não consegue imitar.

Nas respostas dos informantes para a segunda pergunta metalinguística, que verifica a existência de dialetos diferentes na localidade, é possível constatar, diversas vezes, a percepção da imigração japonesa para justificar as diferenças linguísticas. Por se tratar de outro idioma, que se distancia do objetivo, não foram computadas nos índices apresentados.

De acordo com os relatos dos informantes, sobre as diferenças linguísticas na localidade, são sete percepções apontadas pelos informantes para justificar tais diferenças. A percepção mais sobressalente é a de que algumas pessoas *puxam o /R/* e os informantes que mais percebem essa justificativa são as mulheres mais jovens. A percepção de que o *nível de escolaridade* interfere na fala é argumentada somente pelas mulheres mais idosas e a percepção do *desvio da norma* é relatada, principalmente, pelas mulheres de ambas as faixas etárias.

Observando os relatos, constatamos que as percepções do *uso da gíria*, *diferenças culturais* e *bairros da cidade* (diatópica) foram geralmente mencionadas por homens, de ambas as idades, e associada a atitudes negativas. Para ilustrar o padrão das percepções dos informantes, elaboramos o Quadro 7.

Quadro 7: Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado de São Paulo.

<p>Homens jovens <i>A fala caipira</i> <i>Desvio da norma</i> <i>Diferenças culturais</i></p>	<p>Homens mais idosos <i>Uso de gírias</i> <i>Puxam o /R/</i> <i>A fala caipira</i> <i>Bairros da cidade</i></p>
<p>Mulheres jovens <i>Puxam o /R/</i> <i>Desvio da norma</i></p>	<p>Mulheres mais idosas <i>Puxam o /R/</i> <i>A fala caipira</i> <i>Nível escolar</i> <i>Desvio da norma</i></p>

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme as respostas de informantes que exemplificaram as diferenças na localidade, as mulheres manifestaram mais atitudes negativas e foram mais sensíveis ao sotaque (*puxar o /R/*), ao *desvio da norma* e ao *nível escolar*. Observamos que, muitas vezes, o *desvio da norma* e o *nível escolar* estão entrelaçados, presumindo os informantes que um alto nível escolar resultaria em um português mais correto visto do ponto normativo da língua. Elaboramos a tabela 6 que distribui as atitudes linguística entre as variáveis sexo e idade:

Tabela 6: Atitudes linguísticas dos informantes do interior de São Paulo

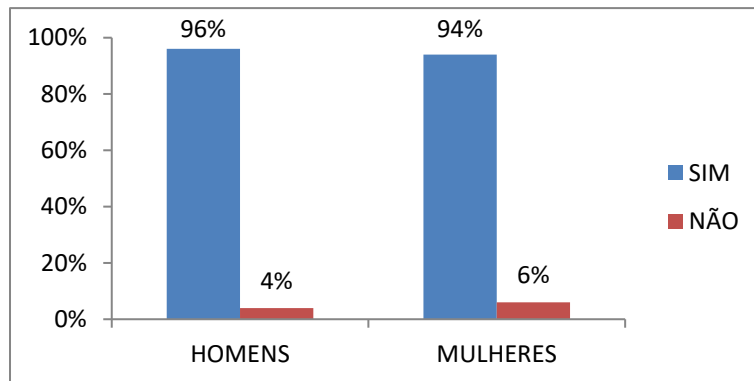
Sexo	Atitude positiva	Atitude negativa	Faixa etária	Atitude positiva	Atitude negativa
Homens	10%	38%	Faixa I	6%	40%
Mulheres	10%	41%	Faixa II	12%	39%
Total:	20%	79%	Total:	18%	79%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do projeto ALiB

De acordo com a tabela 6, as atitudes negativas sobre dialetos diferentes na localidade são majoritárias e comuns aos informantes independentemente do sexo e da faixa etária. Entretanto, a faixa etária II (12%) foi mais tolerante que a faixa I, pois apresentou o dobro de atitudes positivas em relação aos mais jovens (6%).

Após a análise das respostas da segunda pergunta metalinguística, examinamos as respostas relativas à quarta pergunta metalinguística objetivando constatar como as variáveis sexo e idade interferem na percepção de dialetos de outras localidades. O Gráfico 7 apresenta os índices de percepção conforme a variável sexo.

Gráfico 7: Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 7 ilustra que os homens e as mulheres, quase categoricamente, têm consciência linguística sobre outras formas de realizações. A proximidade dos índices não permite determinar se o sexo é uma variável relevante para a avaliação das percepções dos informantes sobre a existência de dialetos. Abaixo, demonstramos alguns exemplos:

(53) Tem, você fala de uma região para outra, você pega o paranaense **não fala igual** o paulista, pega o carioca, você pega o mato-grossense. Acho que **cada Estado tem uma linguagem assim diferente**. Mato Grosso mesmo tem um pessoal **meio bravo aí, fala diferente** [150-Jales/ Inf. 1 H.FI].

O informante do trecho (53), de Jales, reconhece que existem dialetos em cada região e cita o dialeto paranaense, o dialeto paulista, o dialeto carioca e o dialeto mato-grossense. O informante manifesta uma atitude negativa e estigmatiza a expressão nordestina ‘*oxente*’. Sobre a fala do mato-grossense, o informante desliza da vertente linguística para uma atitude de crítica social, na qual acredita em uma possível hostilidade do mato-grossense para justificar a rejeição linguística.

Os trechos (54) a (61) apresentam algumas percepções que os informantes têm sobre os dialetos regionais:

(54) Nordeste é **mais caído, escorregado, prolongado**, ‘*oxente*’ essas coisinhas assim, ‘*cabra*’, tudo que ele fala é ‘*tu*’, essas conversas, sabe como é né? **Bem engraçado**, fala **diferente** do paulista [151-Votuporanga/ Inf. 3 H.FII].

O informante do excerto (54), de Votuporanga, identifica a fala dos nordestinos e a avalia como ‘caída’, ‘escorregada’ e ‘prolongada’, cita o uso das expressões ‘oxente’, ‘cabra’ e o pronome ‘tu’ como realizações do dialeto nordestino. Este informante manifesta uma atitude negativa ao julgá-la como engraçada e diferente do dialeto paulista, sugerindo, no entender dele, que o seu dialeto é mais aceito que o dialeto nordestino. As condições de contato, isto é, no trabalho, pode ter interferência na avaliação do informante.

(55) Fala, o maranhense, vichi, pra entender ela (risos) é **muito enrolada**, pra entender ela é muito **diferente** da nossa língua paulista, porque esse negócio, se passear lá não vai chamar o menino de moleque que vai apanhar na hora, **a língua que eles não gosta de jeito nenhum**. O **sotaque** dela é diferente, nortista né? Puxado lá do Norte. (Reconhece um gaúcho?) Sim, mas imitar eles é difícil, a língua é **muito diferente** [152- São José do Rio Preto/ Inf. 3 H.FII].

O informante do fragmento (55), de São José do Rio Preto, declara que a fala maranhense é muito enrolada, difícil de entender e diferente do dialeto paulista. Segundo o informante, os maranhenses não gostam da denominação ‘moleque’, pois é entendida de forma pejorativa. O informante alega, ainda, que identifica o dialeto das pessoas do Norte e o dialeto do gaúcho, porém que não consegue imitar.

(56) Tem diferente sim, talvez na **pronúncia**, um pouco **mais arrastado**, em Minas a **diferença** do /R/, rato /R/, então quando a gente aqui do Estado de São Paulo fala ‘purque, Eduardo, melhor’, eles **racham o bico de rir**, porque lá eles falam ‘Eduardo, melhor’, sabe, então **arrastado** um pouco mais o /R/ [154-Franca/ Inf. 4 M.FII].

A informante do trecho (56), de Franca, reconhece a existência de dialetos em outras regiões e justifica que a diferença é na pronúncia. Esta informante argumenta que, em Minas Gerais, o /R/ é diferente do Estado de São Paulo e aponta os exemplos ‘/puʁke/, /Eduardo/, /meʎoʁ/’.

(57) O Sul, eles **falam umas linguagens** lá, o ‘tchê’ que eles falam, aí agora vamos lá pro carioca eles falam ‘ocês’ né, agora aqui no estado de São Paulo ‘vocês’, **então já muda de um lugar para o outro**. O nordestino fala **meio engraçado** né, fala **meio torcendo a língua**, fala ‘uai, cumpadre’ umas coisas assim, mineiro também, mineiro fala ‘uai’. (risos) [157-Ribeirão Preto/ Inf. 1 H.FI].

O informante do excerto (57), de Ribeirão Preto, argumenta que o Sul do país fala diferente e, sem indicar qual Estado, relata que algumas pessoas utilizam a expressão ‘*tché*’. Segundo ele, o carioca realiza o ‘*ocês*’, um apagamento da fricativa labiodental [v] inicial, e o paulista tem a variante ‘*vocêis*’, uma ditongação da vogal [e] para [ej]. Este informante manifesta uma atitude negativa ao classificar o dialeto do nordestino como ‘meio engraçado’, que ‘*torcendo a língua*’ e usa a expressão ‘*uai, compadre*’. Sobre o dialeto mineiro, este informante relata que utilizam a expressão ‘*uai*’. Os informantes dos trechos 60 e 61 já haviam manifestado atitudes de rejeição sobre os dialetos procedentes da Região Nordeste, isto é, os dialetos do Nordeste, ao serem lembrados, são alvos de atitudes negativas. É sabido que muitos nordestinos migraram para o Sudeste, principalmente em São Paulo, na busca por emprego e melhores condições de vida, e disso decorre que o desajuste das situações socioeconômicas, culturais e escolares colocaram muitos migrantes à margem da sociedade, isto é, em condições desvantajosas, logo, também inferiorizado, o que implica a desconsideração, ou mesmo desprezo pelos conhecimentos, pela cultura, pelas experiências e pela língua dos migrantes. Veremos, ao final desta seção, um pouco mais sobre esse fluxo migratório.

(58) Não vou dizer que seria diferente. Aqui é uma cidade que tem muita migração nordestina, pra você ver tem baiano, conversa com pernambucano, então tem assim aquela **certa diferença de palavreado** no caso, a **gíria**, eu mesmo trabalhei muito com baiano, pernambucano, cearense e são pessoas muito boas, trabalhadoras, gente esforçada, gente do trabalho mesmo, não são vagabundos que nem uns paulistas, tem muitos paulistas são muito acomodados, mas assim é uma mistura aqui, tem muita usina de açúcar, então na época da safra de cana vem aquele êxodo do nordeste pra cá, eles vem trabalhar, coitados, muitos são enganados, judiados, cada barbaridade aí. O lugar mais longe que eu fui, foi no Paraná, igual, normal, só que eu achei os paranaenses um povo muito hospitaleiro, são hospitaleiros demais. (E os paranaense, o que eles falam?) Igual, eu considerei **normal, igual a nossa**, o que puxa um pouco e **arrasta** é o gaúcho, o gaúcho já **puxa** mais assim, o /R/ no caso, porque assim eles são mais de origem alemã né, mas o paranaense **a linguagem é normal** [163-Araraquara/ Inf. 3 H.FII].

O informante do excerto (58), de Araraquara, argumenta que existe uma miscigenação de culturas e povos e, assim, uma diferença no palavreado, como, por exemplo, as gírias. Este informante manifesta uma atitude positiva em relação aos dialetos baiano, pernambucano e cearense, pois o informante julga as pessoas provenientes desses Estados como pessoas trabalhadoras, esforçadas e sofridas, torna-se evidente o elemento afetivo, de admiração com as

peças procedentes do Nordeste. Em contrapartida, menospreza alguns dos seus conterrâneos, classificando-os como vagabundos ou acomodados. Sobre o dialeto do paranaense, este informante considera normal e avalia o paranaense como hospitaleiro. Notamos mais um caso em que a vertente linguística é usada para avaliar o comportamento social. Acerca do dialeto gaúcho, ele acredita que é uma fala arrastada e utiliza o /R/ diferente porque são descendentes de alemão.

(59) Tem assim, a gente vê língua assim, o carioca né, chega de fora né, aí começa a falar **aquela linguagem, mas não é uma língua diferente**, é mais pro lado da **gíria** né, que **eles gostam de gasta um pouquinho mais** né. Ah, não sei definir assim claramente o jeito deles, é a conversa dele ‘é mano, daí mano, tudo bem sangue bom’. Aquelas conversa mais pro lado de São Paulo, a pessoa de Sampa mesmo, fala bastante, não é que eles falam coisa, é que eles gostam de gasta um pouco né, solta muito, **fala muito**, mesmo coisa a gente conversar aqui agora, se você sai daqui e vai pra São Paulo a hora que você voltar de lá, vê aquelas conversa deles lá, você entra naquilo deles, aí você volta falando mais, fala coisa que não tem é cabimento aquilo, mas fala muito, acaba deixando a gente meio... A turma de São Paulo fala ‘e aí aquele é mundão véi, o cara pensa que aqui é Sampa né, aqui é Sampa, aqui você estão em Sampa, vocês moram lá naquele pé de chinelo’, é assim que eles falam né [168-Mogi Mirim/ Inf. 1 H.FI].

O informante do fragmento (59), de Mogi Mirim, argumenta que o dialeto do carioca é diferente devido ao uso de gírias. De acordo com este informante, as pessoas que usam o dialeto paulistano são mais conversadoras e essa tendência estende-se aos visitantes. O informante manifesta uma atitude negativa referente à frustração explícita no suposto tratamento rude que algumas pessoas da cidade São Paulo¹⁹ têm com quem é de fora.

(60) O **sotaque**, cada lugar é um jeito de falar, fala o português, mas não é **igual** o nosso não. É **gozado** o baiano né ‘cabra da peste’, mineiro é ‘uai meu’ [171-Botucatu/ Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (60), de Botucatu, afirma que o sotaque é diferente, que as pessoas de outras regiões falam português, mas que não é o mesmo português, isto é, intenta explicar que, mesmo sendo denominada de língua portuguesa e terem similitudes, existem realizações diferentes decorrentes de origens linguísticas e sociais que produzem as diferenças nos dialetos. O informante manifesta uma atitude de deboche sobre o dialeto baiano, rejeita a

¹⁹ A denominação ‘Sampa’ é uma abreviatura e forma de tratamento para a cidade de São Paulo-SP.

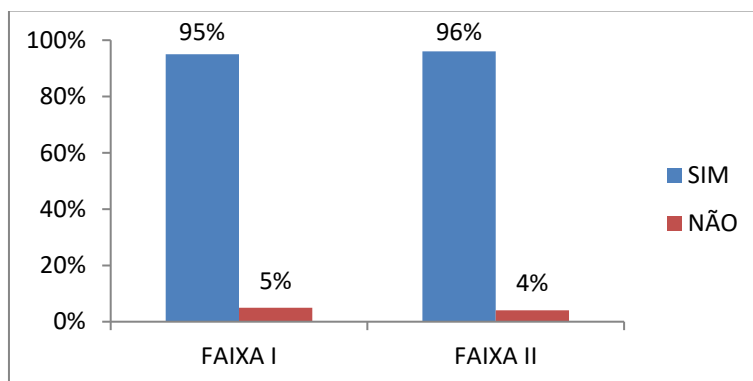
expressão *'cabra da peste'* e, sobre o dialeto do mineiro, argumenta que alguns mineiros utilizam a expressão *'uai, meu'*.

(61) Fala, lá onde eu trabalhei, nesta firma de São Paulo, trabalhei em Santos, lá só via baiano, cearense e pernambucano, **da boca deles você não via nada que prestasse**, não saia uma palavra de carinho, de conforto só nojeira 'o seu filho de uma cadela, filho de uma puta, tua mula', só coisa feia, de bom não sai nada [181-Itararé/ Inf. 1 H.FI].

O informante do recorte (61), de Itararé, admite a existência de dialetos diferentes e relata a experiência de trabalho na qual teve contato com baianos, cearenses e pernambucanos. Este informante manifesta uma atitude de reprovação desses dialetos, pois, de acordo com o informante, somente ouvia falas depreciativas. Conforme mostrado nesse relato, acreditamos que as relações trabalhistas e a relação interpessoal que um falante tem com outro interferem no julgamento e, posteriormente, nas atitudes linguísticas sobre os dialetos, isto é, o informante utiliza como base alguém que conhece e usa determinado dialeto para avaliar as diferenças linguísticas.

Após investigar como a variável sexo intervém na percepção de dialetos em outras localidades e regiões, projetamos o Gráfico 8 intencionando verificar se a variável idade interfere na percepção dos informantes paulistas.

Gráfico 8: Percepção de dialetos pelos informantes do Estado de São Paulo conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme o Gráfico 8, a maioria dos informantes de ambas as faixas etárias reconhece os dialetos diferentes de outras regiões do Brasil, isto é, os índices apontam que tanto os mais

jovens quanto os mais idosos perceberam a existência de dialetos em outras localidades, contudo a proximidade entre os índices (95% e 96%) não permite afirmar qual faixa etária é mais consciente sobre os dialetos. Ilustramos, do trecho (62) ao (68), alguns exemplos:

(62) Acho que fala, cada lugar tem **um jeito de falar** né, **diferente**. (Baiano?) Fala mais **arrastadinho** né. (O povo do Sul, Rio Grande do Sul?) Eles falam **muito bonito**, acho lindo ver eles falar, não é bonito? **Só vejo na televisão**, sei que é muito bonito, mas não sei falar igual eles não [151-Votuporanga/ Inf. 4 M.FII].

A informante do recorte (62), de Votuporanga, expressa que em cada lugar é diferente. Para a informante, o dialeto baiano é '*arrastadinho*'. Sobre o dialeto gaúcho, a informante admite que tem contato pela televisão e manifesta uma atitude positiva sobre este dialeto, pois o avalia como uma fala bonita. Como dito antes, a televisão vem apresentando lugares e línguas diferentes a quem tende a ser sedentário, contudo devemos ter ciência de que o produto vinculado pode não coincidir com as características linguística de determinada região, isto é, a televisão pode tender a apresentar estereótipos linguísticos e isso gerar intolerâncias.

(63) No Rio Grande do Sul, fui comprar um maço de cigarro, a moça veio com um pacote, então aqui a gente fala pacote pra bastante e maço pra um só, lá eles falam carteira pra um só e maço para o grande. Tem muita **diferença** de coisa, no Norte, por exemplo, tem coisa muito, mas muito, por exemplo, minha cunhada mudou daqui pro Pará, uma cidade chamada Redenção, lá eles não fala 'vamos tomar banho', falam 'vamos banhá, 'banhá mais eu', 'banhá mais eu', os meninos meus, sobrinhos falam 'vamo banhá mais eu', é tomar banho junto, ai meu deus, por exemplo, chego lá eles repetem uma coisa duas vezes, falam muita coisa **diferente**, se você for lá pro Norte você tá ferrada porque é tudo diferente. (Você me falou de algumas palavras é do Amapá?) É do Pará também, do garimpo, ô, preto é 'pitu', loiro é 'fogoió', barro é 'melechete', lugar de mulher à toa essas coisas, eles falam de 'bola', muita coisa diferente, mas é um **palavreado misturado**, maranhense, porque o pessoal que vinha trabalhar lá no garimpo. Meu marido que contava pra mim, é cada coisa que você nem imagina, cada coisa diferente mesmo, agora aqui não, aqui é **puxado pro caipirado, cantado** assim né, que se fala [152-São José do Rio Preto/ Inf. 4 M.FII].

A informante do trecho (63), de São José do Rio Preto, relata que, no Rio Grande do Sul, existe uma diferença para as denominações, chama de '*maço*' em vez de '*pacote*' e de '*carteira*' em vez de '*maço de cigarro*'. Sobre a fala do Norte, esta informante aponta que as pessoas repetem duas vezes a mesma coisa e manifesta uma atitude negativa. Sobre o dialeto do Pará, indica que é utilizada a denominação '*pitu*' para preto, '*fogoió*' para loiro, '*melechete*'

para barro e que os lugares de prostituição são chamados de *'bola'*. Segundo esta informante, nos garimpos no Pará e em Amapá, existe um palavreado misturado com o dialeto maranhense. Por fim, argumenta que, na localidade em que vive, é mais puxado para o caipira, caracterizando-a como uma fala cantada.

(64) Tem, tem pessoas da Bahia, do Sul, eles têm o **sotaque diferente** né. A gente vê alguém conversando, **a gente nota a diferença, você percebe que não é daqui**. Dá para perceber que a pessoa é mais do Norte ou então gaúcho. Carioca também tem uma diferença. Igual um senhor morou perto da casa da minha mãe, eles falam assim *'mainha'*, ele não fala mãe, é a *'mainha, mainha'* né. No Sul tem, **a gente vê na televisão**, tem o *'guri'*, não fala a criança, o *'guri'*. Mais no Norte fala assim *'ô bichinho'* para criança [160-Mococa/ Inf. 4 M.FII].

A informante do fragmento (64), de Mococa, declara que existem diferenças nos sotaques e cita as pessoas da Bahia, do Rio de Janeiro e da Região Sul. A informante argumenta que, mesmo tendo contato apenas por televisão, tem consciência de que é utilizada a palavra *'guri'* para criança na Região Sul e, no Norte, as pessoas utilizam a expressão *'ô bichinho'*. A informante do exemplo (62), como visto, também afirmou conhecer o dialeto gaúcho apenas por televisão.

(65) Mineiro, pernambucano. Mineiro é de muito fala *'uai'* né. Pernambuco não sei muito certo não, *'oxente'* (risos). Baiano também, *'meu rei'*, *'que foi meu rei?'*, **sossegado** né, baiano é sossegado né. Mineiro é não sei se é todos, mas o povo fala que é vagabundo [164-Teodoro Sampaio/Inf. 1 H.FI].

O informante do trecho (65), de Teodoro Sampaio, identifica o dialeto mineiro e o caracteriza com a expressão *'uai'*. O dialeto pernambucano, segundo o informante, realiza a expressão *'oxente'* e o dialeto baiano utiliza as expressões *'meu rei'* e o *'que foi meu rei?'*. O informante classifica este último, o baiano, como sossegado. Este informante manifesta uma atitude negativa sobre a fala do mineiro, declarando que alguns são vagabundos.

(66) Ai é **sotaque**, cada Estado tem um sotaque né. Bom existe muita faixa etária de gente, por exemplo, **essa rapaziada nova fala na gíria**, outro fala *'tal né'*, a gíria **eles fala meio lascado**. E tem o pessoal, assim, do Nordeste que fala **diferente** por causa do Estado, mas todo mundo tem a linguagem, tem palavra assim pra gente lá é outro nome né, por causa da linguagem deles, eles entendem de outro jeito, ele acaba trocando o nome dos objetos. Eu calculo assim, conheci uns dois, três Estado, um Estado pro outro dá assim uma diferença, cada um fala um pouquinho diferente do outro. Aqui em São Paulo, eles falam mais **correto**, no Rio fala **mais diferente, na gíria**, na Bahia fala mais **arrastado**, no Paraná e Santa Catarina eles falam **mais corrido**,

puxando mais pro lado dos italianos, os paranaense são **mais rápido** [166-Marília/Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (66), de Marília, reconhece que, em cada Estado, há um sotaque e argumenta que as diferenças são derivadas das faixas etárias dos falantes, isto é, para este informante, os mais jovens utilizam as gírias e avalia essa variação de forma negativa. Acerca da Região Nordeste, o informante argumenta que existem denominações diferentes para os objetos, todavia não cita exemplos. Este informante defende que, em São Paulo, é o lugar em que se fala mais correto; no Rio de Janeiro, a fala é diferente porque utilizam as gírias; na Bahia, as pessoas falam de forma arrastada e, nos Estados do Sul, Santa Catarina e Paraná, a fala tem traços fortes da origem italiana.

(67) Gaúcho fala **enrolado, esquisito**, ‘tchê’. Sotaque baiano é ‘o moço onde se tava?’. São Paulo fala né, já é **corrido, é meio corrido, meio rápido**, às vezes nem entende direito (Risos). **Sotaque** carioca né. (O mais engraçado?) Ah, os gaúchos mesmos [172-Piracicaba/Inf.1 H.FI].

O informante do recorte (67), de Piracicaba, identifica o dialeto gaúcho, o dialeto baiano, o dialeto paulista e o dialeto carioca. O informante manifesta uma atitude negativa sobre a fala do gaúcho, considera esta fala mais engraçada e caracteriza-a como enrolada, esquisita e afirma que alguns gaúchos realizam a expressão regional ‘tchê’.

(68) Cada lugar tem **seu dialeto, sua maneira**, acho que sim. Que nem os gaúchos que falam tudo assim, pronunciam bem o /r/, chama a atenção mesmo o jeito que eles falam. O nordestino também que marca, o mineiro também já fala assim. Eu acho que fala bem diferente é o carioca né, eles muito. Aliás eu nem gosto, tem determinadas regiões que eles falam muito **mole, muito assobiando, eu não gosto** [174-Bragança Paulista/ Inf. 4 M.FII].

A informante do trecho (68), de Bragança Paulista, declara que, em cada região, existe uma maneira de falar e argumenta que os gaúchos pronunciam bem a vogal /r/. Esta informante cita os dialetos nordestino, mineiro e carioca e manifesta atitudes negativas sobre determinadas regiões que considera uma fala mole e assobiada, entretanto não indica quais são as regiões com tal fala.

Os informantes, após argumentarem sobre a existência de dialetos diferentes em outras localidades, são questionados a exemplificar o que consideram diferente. Frequentemente,

citaram alguns dialetos e manifestaram atitudes linguísticas. Na Tabela 7, apresentamos e agrupamos por regiões os dialetos citados pelos informantes paulistas.

Tabela 7: Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado de São Paulo.

Dialetos	São Paulo
Sudeste	36,4%
<i>Carioca</i>	15%
<i>Paulista</i>	10%
<i>Mineiro</i>	7%
<i>Paulistano</i>	0,9%
<i>Piracicabano</i>	0,9%
<i>Santista</i>	0,7%
<i>Sorocabano</i>	0,7%
<i>Botucatuense</i>	0,3%
<i>Bragantino</i>	0,3%
<i>Campineiro</i>	0,3%
<i>Capão-Bonitense</i>	0,3%
Nordeste	36,7%
<i>Baiano</i>	20%
<i>Nordestino</i>	8%
<i>Pernambucano</i>	6%
<i>Alagoano</i>	0,7%
<i>Maranhense</i>	0,7%
<i>Cearense</i>	0,3%
<i>Paraibano</i>	0,3%
<i>Porto-Segurense</i>	0,3%
<i>Sergipano</i>	0,3%
<i>Soteropolitano</i>	0,1%
Sul	20%
<i>Gaúcho</i>	11%
<i>Paranaense</i>	4%
<i>Sulista</i>	3%
<i>Catarinense</i>	2%
<i>Cascavelense</i>	0,3%
<i>Curitibano</i>	0,3%
Centro-Oeste	1,2%
<i>Mato-grossense</i>	0,9%
<i>Brasiliense</i>	0,3%
Norte	5,1%
<i>Nortista</i>	4,8%
<i>Paraense</i>	0,3%
Total	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 7, os dialetos mais lembrados procedem das Regiões Sudeste e Nordeste. Da Região Sudeste, sobressaíram-se os dialetos carioca e paulista e, da Região Nordeste, destacou-se o dialeto baiano. Da Região Sul, o dialeto gaúcho foi o mais lembrado por meio da televisão.

No intuito de constatar alguma possível tendência nos dialetos citados pelos informantes, verificamos a influência das variáveis sexo e idade. Na Tabela 8, apresentamos os dialetos referidos conforme a faixa etária.

Tabela 8: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do estado do São Paulo conforme a variável idade.

Dialetos	Faixa I	Faixa II
Sudeste	16,7%	18,3%
<i>Carioca</i>	7,2%	6,9%
<i>Paulista</i>	4,6%	4,9%
<i>Mineiro</i>	3%	3,6%
<i>Paulistano</i>	0,7%	0,7%
<i>Piracicabano</i>	0,3%	0,7%
<i>Santista</i>	0,3%	0,3%
<i>Sorocabano</i>	0,3%	0,3%
<i>Botucatuense</i>		0,3%
<i>Bragantino</i>		0,3%
<i>Campineiro</i>	0,3%	
<i>Capão-Bonitense</i>		0,3%
Nordeste	18,0%	20,0%
<i>Baiano</i>	11,5%	7,5%
<i>Nordestino</i>	1,6%	5,6%
<i>Pernambucano</i>	3,3%	2,3%
<i>Alagoano</i>		1%
<i>Maranhense</i>		1%
<i>Cearense</i>	1%	2%
<i>Paraibano</i>		0,3%
<i>Porto-Segurense</i>		0,3%
<i>Sergipano</i>	0,3%	
<i>Soteropolitano</i>	0,3%	
Sul	7,5%	12,7%
<i>Gaúcho</i>	3,9%	6,20%
<i>Paranaense</i>	2,3%	2,6%
<i>Sulista</i>	1%	1,6%
<i>Catarinense</i>		2%
<i>Cascavelense</i>		0,3%
<i>Curitibano</i>	0,3%	
Centro-Oeste	0,6%	0,7%
<i>Mato-Grossense</i>	0,3%	0,7%
<i>Brasiliense</i>	0,3%	
Norte	2,3%	2,9%
<i>Nortista</i>	2,3%	2,6%
<i>Paraense</i>		0,3%
Total	45,10%	54,6%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 8, os informantes da faixa II indicaram uma quantidade maior de dialetos (54,6%) em relação à faixa I.

Após investigar as percepções dos informantes conforme a variável idade, analisamos de acordo com a variável sexo, como demonstra a Tabela 9.

Tabela 9: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do São Paulo conforme a variável sexo.

Dialetos	Homens	Mulheres
Sudeste	21%	14,10%
<i>Carioca</i>	8,9%	5,2%
<i>Paulista</i>	6,6%	3%
<i>Mineiro</i>	3,3%	3,3%
<i>Paulistano</i>	1%	0,3%
<i>Piracicabano</i>	0,3%	0,7%
<i>Santista</i>	0,3%	0,3%
<i>Sorocabano</i>		0,7%
<i>Botucatuense</i>	0,3%	
<i>Bragantino</i>	0,3%	
<i>Campineiro</i>		0,3%
<i>Capão-bonitense</i>		0,3%
Nordeste	20,7%	17,4%
<i>Baiano</i>	9,2%	9,8%
<i>Nordestino</i>	4,3%	3%
<i>Pernambucano</i>	3,6%	2%
<i>Alagoano</i>	0,3%	0,7%
<i>Maranhense</i>	0,7%	0,3%
<i>Cearense</i>	2%	1%
<i>Paraibano</i>	0,3%	
<i>Porto-Segurense</i>		0,3%
<i>Sergipano</i>		0,3%
<i>Soteropolitano</i>	0,3%	
Sul	11,8%	7,5%
<i>Gaúcho</i>	6,6%	3,6%
<i>Paranaense</i>	2%	2%
<i>Sulista</i>	1,3%	1,3%
<i>Catarinense</i>	1,6%	0,3%
<i>Cascavelense</i>	0,3%	
<i>Curitibano</i>		0,3%
Centro-Oeste	0,6%	0,7%
<i>Mato-grossense</i>	0,3%	0,7%
<i>Brasiliense</i>	0,3%	
Norte	2%	3,3%
<i>Nortista</i>	2%	3%
<i>Paraense</i>		0,3%
Total	56,1%	43%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 9, os homens lembraram de mais dialetos em quase todas as regiões e, sobre os dialetos da Região Sudeste, indicaram recorrentemente o dialeto paulista e carioca, já as mulheres lembraram frequentemente o dialeto carioca. Observando o percentual de (56,1%), constatamos que alguns informantes homens tenderam a conhecer uma variedade ampla de dialetos.

Os índices dos dialetos procedentes da Região Nordeste aproximam-se da Região Sudeste, este fenômeno decorre, possivelmente, do intenso fluxo migratório ocorrido entre o Nordeste e o Sudeste, principalmente para São Paulo, nos anos de 1950 a 1970, e mantido até meados de 1990.

Os informantes paulistas adjetivaram os dialetos por meio de muitas formas diferentes, e apresentaram os sotaques, os itens lexicais ou as expressões para justificar o que consideram diferente. Ilustramos, nos excertos de ‘a’ a ‘h’, um recorte dessas adjetivações:

- a. Os **paranaenses** falam ‘mais arrastado’ [155-Andradina/inf. 3 H.FII], ‘mais cantado’ [177-Itapetininga/ Inf. 3 H.FII], pronunciam ‘leit/E/’ [158-Lins/Inf. 1 H.FI], para procurar gravetos e abastecer o fogão à lenha, mandam o ‘piá’ [161-Presidente Epitácio/ Inf. 3 H.FII] ou o ‘rapaz’ [150-Jales/ Inf. 2 M.FI] invés de moleque e moço, ir ‘no mato lenhar’ [156-Barretos/ Inf. 3 H.FII] e nomeiam de ‘burquinha’ a biroca [150- Jales/ Inf. 2 M.FI 2].
- b. Os **mineiros** têm ‘diferença no /R/’ [172-Piracicaba/Inf. 4 M.FII] e pronunciam rato [150-Jales/ Inf. 4 M.FII], falam ‘arriba’ [169-Assis/Inf. 1 H.FI] para o que está em cima, ‘mio’ para melhor [183-Itanhaém/Inf. 3 H.FII], ‘o ti’ para o parentesco de tio [157-Ribeirão Preto/Inf. 2 M.FII] e são muito reconhecidos pelas expressões ‘uai’ [157-Ribeirão Preto/Inf. 1 H.FI], ‘sô’, ‘é memú’ [160-Mococa/Inf. 2 M.FI] e ‘trem’ [184-Santos/Inf. 3 H.FII].
- c. Os **baianos** falam ‘diferente’ [156-Araçatuba/Inf. 1 H.FI], ‘mais raspado’ [157-Ribeirão Preto/Inf. 3 H.FII], ‘mais arrastadinho’ [151-Votuporanga/Inf. 4 M.FII], chamam de ‘aipim’ [157-Ribeirão Preto/Inf. 3 H.FII] a mandioca, ‘carne de dois pelo’ a carne com gordura, ‘galiqueira’ [158-Lins/Inf. 1 H.FI] a malandra/tranqueira (serelepe), ‘moleca’ a menina, ‘muié’ [184-Santos/Inf. 4 M.FII] a mulher e a carne de boi novo é a ‘carne de reis nova’ [158-Lins/Inf. 1 H.FI]. Usam expressões como ‘meu rei’ [164-Teodoro Sampaio/Inf. 1 H.FI], ‘cabra da peste’ [184-Santos/Inf. 4 M.FII], ‘e aí ti’ [175-Taubaté/Inf. 1 H.FI], ‘tá arretado’, ‘porreta’ [176-Guaratinguetá/Inf. 3 H.FII], ‘oxente’, ‘bichim’ [175-Taubaté/Inf. 2 M.FI] e ‘o cabra’ [163-Araraquara/Inf. 1 H.FI].
- d. Os **nordestinos** falam ‘diferente’ [164-Teodoro Sampaio/Inf. 4 M.FII], ‘mais caído, escorregado, prolongado’ [151-Votuporanga/Inf. 3 H.FII], ‘arrastado’ [153-Barretos/Inf. 3 H.FII], nomeiam de ‘macaxeira’ [161-Presidente Epitácio/ Inf. 4 M.FII] a mandioca, chamam a mãe de ‘mainha’ e o pai de ‘painho’ [150-Jales/ Inf. 4 M.FII] e usam expressões como ‘oxente’ [167-Bauru/Inf. 3 H.FII], ‘cabra’ [151-Votuporanga/Inf. 3 H.FII], ‘uai, cumpadre’ [157-Ribeirão Preto/Inf. 1 H.FI].

- e. Os **gaúchos** têm ‘tem um sotaque totalmente diferente’ [156-Araçatuba/Inf. 2 M.FI], é ‘meio cantado’ [162-Adamantina/Inf. 2 M.FI], denominam de ‘carteira’ (de cigarro) o maço e o ‘maço’ [152-São José do Rio Preto/Inf. 4 M.FII] é o pacote (de cigarro), chamam o menino de ‘guri’ [160-Mococa/Inf. 3 H.FII], ‘pronunciam bem o /E/’ [174-Bragança Paulista/Inf. 4 M.FII], usam expressões como ‘tchê’ [157-Ribeirão Preto/Inf. 1 H.FII] e, às vezes, ‘bá tchê’ [185-Ribeira/Inf. 2 M.FI] ou ‘barbaridade tchê’ [165-Presidente Prudente/Inf. 2 M.FI].
- f. Os **nortistas** falam ‘vamos banhá’, ‘banhá mais eu’ [152-São José do Rio Preto/Inf. 4 M.FII] para um convite de tomar banhos juntos, falam ‘tu quer chupá uma bala’ ou ‘tu queres ir comigo até o mercado?’ [162-Adamantina/Inf.1 H.FI], e chamam a faca de ‘pexera’ e o virado de feijão de ‘pirão’ [185-Ribeira/Inf. 3 H.FII].
- g. Os **paulistas**, alguns residentes na capital do Estado, usam gírias como ‘e aí mano’ [153-Barretos/Inf. 1 H.FI], ‘tá ligado’, ‘mano’, ‘firmeza’ [187-Cananéia/Inf. 2 M.FI], ‘eai aquele é mundão véi, o cara pensa que aqui é sampa né, aqui é sampa’ [168-Moji Mirim/Inf. 1 H.FI]. Os residentes no interior, retroflexam mais o /R/ como em ‘Edua/R/do’, ‘melho/R/’ [154-Franca/Inf. 4 M.FII].
- h. Os **cariocas** ‘falam mais rápido’ [177-Itapetininga/Inf. 3 H.FII], ‘puxam ‘com /S/ no final’ como em ‘tá gostando?’ [175-Taubaté/Inf. 1 H.FI], ‘pastel’ [175-Taubaté/Inf. 2 M.FI], ‘isqueiro’ [160-Mococa/Inf. 1 H.FI], ‘esquerda’ [180-Caraguatatuba/Inf. 1 H.FI].

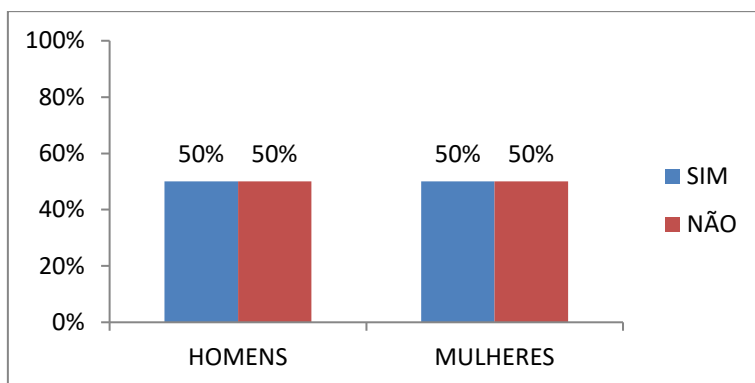
Os informantes do Estado de São Paulo apresentaram atitudes linguísticas positivas sobre o dialeto gaúcho, com o qual tem contato por meio da televisão, conforme exemplificado no trecho ‘e’, e atitudes negativas frente à fala dos nordestinos, principalmente sobre os dialetos do baiano e do pernambucano, dialetos esses com os quais os informantes têm ou tiveram contatos locais devido à grande migração de Nordestinos a São Paulo. A partir desses dados, sugerimos que o imaginário que o informante estabelece sobre o outro é fundamental para a avaliação da fala, pois os informantes tiveram contato com o dialeto do gaúcho a partir da imagem estereotipada que a mídia almeja repassar ou criar sobre o gaúcho, que é lembrado recorrentemente pelo churrasco, pelo chimarrão, pela galocha e pela bombacha. A imagem repassada ou criada do nordestino pela mídia é geralmente em meio à seca, à desnutrição, à miséria e, por isso, buscam melhores condições sociais em cidades grandes, como, por exemplo, São Paulo. Diante dessas considerações, e encontrando eco em BEM (1934), reconhecemos que, além dos elementos estruturantes das atitudes, a afinidade que o informante tem com o outro interfere na avaliação linguística.

5.3. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES CAPIXABAS

Para a rede de pontos no Estado do Espírito Santo o ALiB inseriu quatro localidades de inquiridos: Barra do São Francisco (188), São Mateus (189), Santa Tereza (191) e Alegre (192), totalizando 16 informantes em todo o Estado. Os pontos 188 e 189 são ao norte, o ponto 191 ao centro e o ponto 192 ao sul do Estado (ver Anexo I).

Para verificar como as variáveis sexo e idade atuam sobre o reconhecimento de dialetos diferentes na localidade de pesquisa, elaboramos os Gráficos 9 e 10, que apresentam o índice das respostas dos informantes para a segunda pergunta metalinguística, conforme a variável sexo e a variável idade, respectivamente.

Gráfico 9: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 9, no Estado do Espírito Santo, os resultados são semelhantes, sugerindo que a variável sexo pode não estar interferindo na consciência linguística, isto é, os resultados para essa variação diastrática são homogêneas com igual distribuição tanto para a percepção quanto para a ausência dela na fala dos capixabas. As diferenças sócio-históricas entre homens e mulheres, no tocante ao contato linguístico e à consciência linguística, estão sendo superadas pelos avanços tecnológicos, como o acesso à internet e à televisão. Vejamos alguns exemplos dados pelos informantes:

- (69) Parece com jeito mineiro ou baiano? Tem gente que já perguntou se sou baiana, porque parece que eu falo com **jeito baiano**, aí falo que sou capixaba mesmo. A gente **velha fala 'evacua'**, não fala 'costurar' fala 'cosendo', agora o pessoal xinga muito de nome ruim, 'sua peste, demônio', e o pessoal antigo não, fala aquele 'arcádio', nem sei o que é arcádio, minha vizinha xinga a filha dela de 'arcádio', nem sei o que é,

pra não xingar de nome ruim, aí as pessoas mais antigas têm outros nomes pra pode xingar [189-São Mateus/Inf. 2 M.FI].

A informante do excerto (69), de São Mateus, ao ser questionada acerca dos dialetos locais, indica as variedades mineira e baiana como dialetos diferentes. Aparentemente, há uma fuga na resposta, porém, logo em seguida, justifica que há pessoas que confundem a fala dela, a fala capixaba, com o dialeto baiano, sugerindo uma possível proximidade dos dialetos entre o ponto de inquérito mais ao norte de Espírito Santo, São Mateus, com a divisa do sul da Bahia. Especificamente sobre os dialetos na localidade, a informante aponta a fala dos mais idosos como sendo diferente, um exemplo da variação diastrática, e discrimina algumas variantes lexicais observa nos mais idosos. É possível constatar que a informante tem atitude positiva sobre o dialeto dos mais idosos ao justificar que, atualmente, as pessoas utilizam nomes menos ruins para xingar.

Os exemplos 70 e 71 ilustram ambas as percepções (ou crenças):

(70) Os bairros falam **iguais** [192-Alegre/ Inf. 2].

(71) Pessoal de fora, os hippies, tenta imitar o português, **muito embananado demais** [192 Alegre/Inf. 3 H.FII].

Já o informante do excerto (85), também de Alegre, declara que é o pessoal de fora, nomeados de hippies - possivelmente fazendo referência aos turistas ou imigrantes que não falam nativamente a língua portuguesa -, que fala diferente e avalia essa fala negativamente ao caracterizá-la como “*muito embananado demais*”.

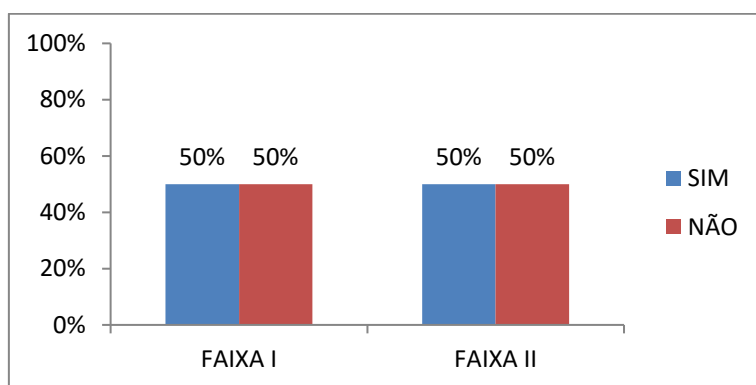
O informante do trecho (72), percebe que a variedade linguística é procedente dos descendentes de italianos:

(72) **Descendentes** de italianos, os mais bem **mais antigos** que falam [191-Santa Teresa/ Inf. 1 H.FI].

O informante do exemplo (72), de Santa Teresa, e todos os informantes desse ponto de inquérito reconhecem que quem fala diferente na localidade são os mais idosos, descendentes de italianos.

O Gráfico 10 apresenta os resultados sobre a existência ou não de dialetos diferentes na localidade conforme a variável idade.

Gráfico 10: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 10 também não permitem afirmar se a variável faixa etária é condicionadora ou não das percepções dos informantes acerca da existência de dialetos locais. Ilustramos com a fala de alguns deles:

(73) Quem é mesmo português e fala outra língua, tem várias pessoas, ... de te tem, pessoas assim, não tenho grande intimidade, não, não posso dar esse exemplo. A gente fala errado, assunta, tchein invés de tem... a palavra trouxe temo o X no fim, tem gente que fala trou[]e, gente de dentro da cidade mesmo ainda não pegou o macete da coisa, **fala errado** [189-São Mateus/ Inf. 4 M.FII].

A informante do trecho (73), de São Mateus, responde inicialmente sobre os nativos da língua portuguesa que falam outros idiomas, mas se recusa a exemplificar por não ter intimidade com esses falantes. Isso revela que o elemento afetivo e a insegurança (se pode ou não citar quem fala diferente) é predominante na liberdade linguística desta informante. Tal insegurança na liberdade foi constatada em García Mouton (2000) ao escrever que, por causa da injustiça social e histórica reforçada pelos tabus religiosos que ajudavam a manter a organização social, a mulher era socialmente obrigada a ficar isolada e, assim, perdia a voz, o direito de dizer. Após expressar a insegurança sobre o direito de dizer, a informante avalia como errada a variação lexical “*assunta*”, talvez porque a julgue como sendo uma forma em desuso, e reprova a variação fonética do /tem/ [ˈtẽjn] para [ˈtɕẽjn], processo de palatalização do [t], e a

variação fonética em [ˈtroːse] e [ˈtroːe]. É possível verificar que a informante julga que a fala urbana é mais correta e que existem pessoas provenientes de zonas rurais que, mesmo dentro da cidade, ainda não se ajustaram à variação urbana.

O trecho (74) é um exemplo de percepção de idiomas para justificar a variedade:

(74) Tem assim, **o francês, inglês** [188-Barra do São Francisco/ Inf. 2 M.FI].

O informante do excerto (74), de Barra de São Francisco, não reconhece a variação em português na localidade, porém admite que a fala diferente é decorrente de outro idioma, do “*francês*” e do “*inglês*”. Entretanto o trecho (75) reconhece que existe variedade marcada pela ‘*errado*’:

(75) Tem várias pessoas que falam **diferente**, ontem mesmo tava marcado jogo, o cara é vereador, o cara foi vereador, o cara falou um nome completamente **diferente** do que devia falar, **errado**... como um vereador vai falar uma palavra da que errado... da comunidade, ele falou completamente diferente, ... até esqueci o nome que ele falou, como é que pode... já foi vereador, daquele jeito falando errado? [189-São Mateus/ Inf. 3 H.FII].

O informante do contexto (75), de São Mateus, reconhece a variação diastrática relacionada ao *status*, julga que, ao assumir um papel sociopolítico público, como o de vereador, a pessoa também deve usar um universo linguístico mais polido do ponto de vista da gramática normativa, disso, existe um preconceito entre a variante usada pelo ex-vereador e como de fato, na concepção linguística do informante, deveria se realizar. Tal situação de rejeição é explicada por Botassini (2012, p. 346) ao relatar que “a diferença entre uma pronúncia padrão ou não padrão, por exemplo, pode assumir um significado social importante e indicar traços identitários [...]”.

O trecho (76) ratifica o constatado pelo excerto (72), que quem fala diferente são os descendentes mais velhos de italianos:

(76) Os **descendentes de italianos**, no passado falam mais italiano, os mais velhos usam, mas não diariamente [191-Santa Teresa/ Inf. 2 M.FI].

No Estado do Espírito Santo, alguns informantes de ambos os sexos e de ambas as faixas etárias têm a percepção de que a fala diferente na localidade pode ser o resultado de *descendentes de imigrantes* na cidade, como, por exemplo, os descendentes de alemães, italianos e pomeranos. Além desse reconhecimento, alguns jovens de ambos os sexos alegam que a *fala dos idosos* causa a diversidade linguística na localidade. Já alguns mais idosos, também de ambos os sexos, acreditam que o *desvio da norma* é a causa da diversidade linguística.

A partir das investigações sobre os padrões de respostas, elencamos quais percepções os informantes alegaram e correlacionamos com as variáveis sexo e idade no Quadro 8.

Quadro 8: Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado do Espírito Santo.

Homens jovens <i>Descendentes de imigrantes</i> <i>Diferenças culturais</i> <i>Fala dos idosos</i>	Homens mais idosos <i>Descendentes de imigrantes</i> <i>Desvio da norma</i>
Mulheres jovens <i>Descendentes de imigrantes</i> <i>Fala dos idosos</i>	Mulheres mais idosas <i>Descendentes de imigrantes</i> <i>Desvio da norma</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

A percepção da '*fala dos idosos*' e do '*desvio da norma*' quase sempre são relatadas para justificar as atitudes linguísticas negativas. A percepção dos '*descendentes de imigrantes*' não é relacionada às atitudes positivas ou negativas; quando são citadas, os informantes não manifestam julgamentos, ou seja, apenas indicam a existência.

A tabela 10 apresenta a porcentagens das atitudes linguísticas distribuídas nas variáveis sexo e idade.

Tabela 10: Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Espírito Santo

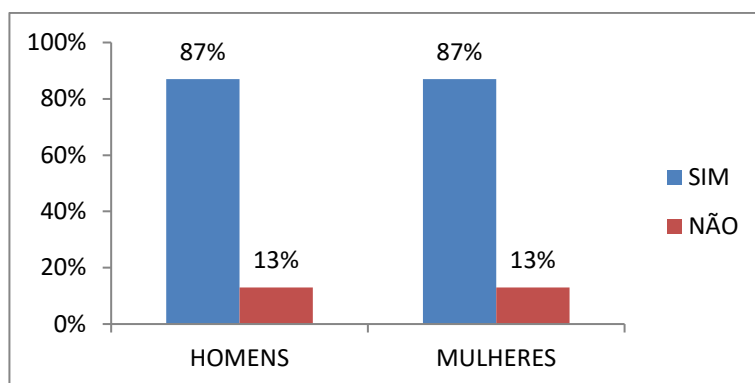
Sexo	Atitude positiva	Atitude negativa	Faixa etária	Atitude positiva	Atitude negativa
Homens	0%	50%	Faixa I	12%	50%
Mulheres	12%	37%	Faixa II	0%	37%
Total:	12%	87%	Total:	12%	87%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do projeto ALiB

No estado do Espírito Santo, conforme tabela 10, os homens e os informantes da faixa etária I apresentaram mais atitudes negativas.

O Gráfico 11 apresenta as respostas dos informantes referentes à quarta pergunta metalinguística segundo a variável sexo, isto é, elaboramos o Gráfico 11 no intuito de examinar a tendência dos homens e das mulheres sobre a consciência de dialetos.

Gráfico 11: Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme apresenta o Gráfico 11, tanto os homens quanto as mulheres defendem a existência de dialetos em outras regiões do Brasil. Para ilustrar, selecionamos alguns depoimentos conforme mostram os trechos de (77) a (79):

(77) Eu acho que cada lugar **puxa um sotaque diferente** né, um puxa o /R/ o outro o /S/, **Vitória fala igual aqui mesmo**, no Rio de Janeiro eles puxam o /r/, na Bahia fala baiano né, com sotaque também diferente, igual pra **vocês mesmo conversando é a mesma coisa, mas quem é de outra cidade vê a diferença** [188-Barra de Santa Teresa/ Inf. 2 M.FI].

(78) No Rio Grande do Sul é Brasil e os gaúchos falam **diferente**, tem o chimarrão que aqui no Espírito Santo não tem, então é bem diferente, o garoto aqui lá é ‘muleque’, ‘o muleque vai pra aula’, ‘o muleque vem da aula’. O Paraná fala ‘muleque’ também, confere as duas línguas, aqui nós falamos ‘você’, o gaúcho e o Paraná fala ‘tí, foi ti, dei pra tí’ [188-Barra de Santa Teresa/ Inf. 3 H.FII].

(79) O **sotaque** né, a diferença não sei explicar, mas tem o sotaque diferente, minha mulher é carioca e tem o **sotaque bem diferente** do meu [191-Santa Teresa/ Inf. 1 H.FI].

A informante do fragmento (77), de Barra de São Francisco, relata existirem dialetos diferentes em cada lugar do Brasil e exemplifica com o uso do /R/ e do /S/; não reconhece, porém, a diferença linguística entre a fala da capital Vitória-ES e a fala da cidade pesquisada. A informante, ainda, argumenta que, no Rio de Janeiro, as pessoas puxam o /S/ e que as pessoas

da Bahia têm um sotaque diferente. Esta informante, demonstrando certa consciência sobre as comunidades de fala, explica que, entre falantes da mesma comunidade, os sujeitos tendem a não perceber as diferenças linguísticas, entretanto, para quem é de fora do grupo, ficam evidentes tais diferenças.

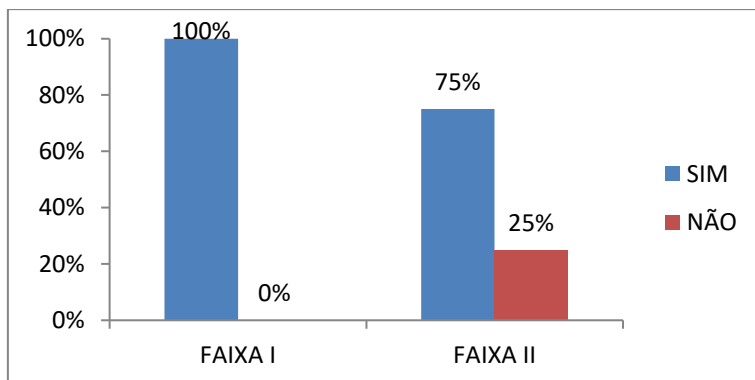
O informante do excerto (78), também de Barra de São Francisco, menciona que, no Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul e no Paraná, as pessoas falam diferente. Segundo o informante, no Rio Grande do Sul, existe o hábito de beber chimarrão (bebida de água quente adicionada à erva-mate triturada) que inexistente no Estado do Espírito Santo. O informante também discrimina que a variação lexical '*muleque*' é usada tanto no Rio Grande do Sul quanto no Paraná para referir-se a '*garoto*'. Este informante alega certa similitude nos dialetos do gaúcho e do paranaense e defende que esses falantes realizam o pronome 'ti' em '*foi ti, dei pra ti*'.

O informante do trecho (79), de Santa Teresa, relata que os sotaques são diferentes, embora não consiga explicar. No exemplo, verificamos que, mesmo o informante tendo contato com o dialeto que acredita ser o dialeto carioca, não apresenta outros argumentos sobre a diferença linguística, apenas o sotaque.

Durante todo o exame das respostas, foi comum os informantes recorrerem à alegação do sotaque para destacar as diferenças linguísticas, alguns argumentavam que somente o sotaque era diferente; já outros, além de indicar o sotaque, apontaram para diferenças lexicais.

No intuito de verificar o comportamento da variável idade sobre o reconhecimento de dialetos em outras localidades e regiões, construímos o Gráfico 12 com os índices das respostas dadas pelos informantes.

Gráfico 12: Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Espírito Santo conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 12, todos os informantes da faixa etária I reconhecem a existência de dialetos em outras localidades e regiões enquanto (75%) da faixa II reconheçam a existência deles.

Alguns dos poucos informantes mais idosos (25%) que argumentam não existirem dialetos diferentes na língua portuguesa do Brasil, indicam outros idiomas para justificar as diferenças linguísticas. Os excertos de (80) a (83) ilustram nossa assertiva:

(80) Tem uns que falam, o **sotaque**. O dela –/a inquiridora/- de Bahia. Em Rondônia é **normal**, têm uns que falam ‘isqueiro’, eles falam ‘binga, bar lá é boliche, bar aqui é bar, lá é boliche’. Mesmo que não tenho o jogo é um bar normal, mas o nome é boliche. Carne seca, eles falam jabá. Lote, terreno aqui, lá eles falam data [188-Barra de São Francisco/ Inf. 1 H.FI].

(81) Caravelas, Teixeira de Freitas, lá as palavras que o pessoal fala ‘mãe’, a gente fala aqui ‘mãe’, lá é ‘mainha’, a gente chega lá pra fala com alguém bate palma, aí o garoto fala assim, ‘o mainha o moço tá chamando a senhora aqui mãe’ [189-São Mateus/ Inf. 3 H.FII].

(82) Porto Alegre fala diferente, no **jeito de falar**, no Rio é **puxando** o [y] ou o [x] não sei [192-Alegre/ Inf. 1 H.FI].

(83) São Paulo fala **diferente**, tenho uma vizinha que chega falando é ca/R/ta, mineiro fala uai, **usa muito o uai**, cearense... o filho em Vitória fala do tudo do **mesmo jeito** [188-Barra de São Francisco/ Inf. 4 M.FII].

O informante do trecho (80), de Barra de São Francisco-ES, reconhece a existência de dialetos e aponta o sotaque como marca diferenciadora do dialeto baiano. O informante recorre à variação lexical para descrever a fala rondoniense, argumenta que existem denominações distintas e exemplifica com os nomes ‘binga’ usado pelos rondoniense para isqueiro, ‘boliche’

para bar, referindo-se ao estabelecimento de vendas e não ao jogo de boliche, ‘jabá’ para carne seca e, por fim, aponta o nome ‘data’ para lote ou terreno. É possível constatar que o informante avalia a fala rondoniense de maneira positiva ao considerá-la normal.

O informante do trecho (81), de São Mateus, aponta Caravelas e Teixeira de Freitas, cidades ao Sul da Bahia, como localidades em que se fala diferente. O informante relata que existe uma variação fonética no nome mãe, /mãE/, para ‘mainha’, ou seja, de [‘mãirⁿ’] para o uso de [‘mãĩ:jɐ̃]. Ao exemplificar um diálogo, todavia, o informante usa ‘mainha’ no início da cláusula e ‘mãe’ no final, sugerindo que o usuário dessa variante conhece ambas as formas e que o uso pode ser habitual e/ou cultural do falante.

O informante do excerto (82), de Alegre, identifica que o jeito de falar é diferente e cita como exemplo a cidade de Porto Alegre-RS, na Região Sul do país. O informante entende que, no Rio de Janeiro, é puxado o /R/ ou o /S/. Essa situação de o informante ter consciência sobre a existência da diversidade linguística, mas não conseguir identificar ao certo quais são as diferenças, também ocorreu no trecho (79), o que nos leva a entender que os falantes podem perceber dialetos de outras regiões, mas não saberem especificar tais diferenças. Sugerimos que as pessoas possam receber informações generalizadas ou estereotipadas sobre determinada variação diatópica ou diastrática e as reproduzirem sem saberem ao certo quais são as marcas do que consideram diferente. Dessa reprodução inconsciente de realizações linguísticas, pode incorrer um grande problema linguístico e social: a manutenção de preconceitos linguísticos.

A informante do trecho (83), de Barra de São Francisco, atesta que, no Estado de São Paulo, as pessoas tendem a falar diferente e exemplifica com um relato da vizinha paulista que fala /ca□ta/, rótico em coda interna [r]. Refere-se também à expressão regional típica do mineiro que “*usa muito o uai*”. A informante alega não existirem diferenças linguísticas entre a capital Vitória-ES e a localidade de Barra de São Francisco; a mesma alegação ocorre no relato do informante do exemplo (77), também da cidade pesquisada.

Alguns dos informantes do Estado do Espírito Santo apenas citam os dialetos que consideram diferentes e não manifestam atitudes linguísticas. Por outro lado, os informantes que indicam e exemplificam o que acreditam ser diferente, por vezes, manifestam atitudes linguísticas e, na maioria delas, tendem a ser negativas. Vejamos um exemplo em que o informante manifesta atitudes negativas em relação aos falares carioca e baiano:

(84) Tem o carioca e um baiano no serviço também. O carioca, ele fala “pega dois me[]tra lá, cara, pô muleque, tu não viu não, pô esses caras são foda, essas cara parece que é be[]ta”, fica assim puxando, é o dia todo, fica []i. “Ô carioca, você não sabe falar direito não?” Ai quando a gente vai chama ele, a gente fala assim, “o cario[ki], o cario[ki]”. Ai tem um baiano lá que fica assim, “tu não viu a colher não? Tu não viu a pá não? Tu não viu a enxada não?” Aí fica assim “tu não vi não” (risos). Aqui é que você não viu [189-São Mateus/ Inf. 1 H.FI].

O informante do excerto (84), de Barra de São Francisco-ES, reconhece que os dialetos carioca e baiano são diferentes. Sobre o carioca, ele exemplifica com a pronúncia de /mestra/, produzida [mɛʃtrɐ], de /beSta/, produzida [bɛʃtɐ], com o uso da gíria ‘pô muleque’ e conota que o carioca é fiel às origens linguísticas porque ‘usa o / / o dia todo’. Constatamos uma manifestação de atitude negativa, de deboche, sobre o dialeto carioca ao tentar reproduzi-lo. Verificamos também outra atitude negativa acerca do dialeto baiano, ao tentar impor a variação local, repreendendo a realização do ‘tu não viu, não’ e reforça que, na localidade, o uso é ‘você não viu’. Para o informante, o dialeto baiano tem como característica o pronome ‘tu’ e o uso de advérbio de negação ‘não’ repetido no início e final da cláusula.

Após investigar as percepções e as atitudes dos informantes do Espírito Santo-ES, elaboramos a Tabela 11, objetivando verificar quais dialetos foram recordados. Lembramos que o mesmo informante pode indicar mais de um dialeto, logo os índices correspondem ao total de dialetos recordados e não necessariamente a cada informante.

Tabela 11: Dialetos lembrados pelos informantes do interior do Estado do Espírito Santo.

Dialetos	Espírito Santo
Sudeste	59%
Carioca	17%
Paulista	17%
Mineiro	13%
Capixaba	8%
Vitoriense	4%
Nordeste	16%
Baiano	4%
Caravelense	4%
Cearense	4%
Teixeirense	4%
Sul	18%
Gaúcho	10%
Curitibano	4%

Paranaense	4%
Norte	4%
Rondoniense	4%
Total	97%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 11, os dialetos da Região Sudeste foram os mais lembrados e, dentre eles, o carioca e o paulista. Isso implica que os informantes do interior do Espírito Santo apontaram mais dialetos de outras regiões do Sudeste, e mesmo do Sul, do que da capital Vitória, corroborando assim com o contexto dos exemplos (91) e (97), em que se relata que não existe diferença entre a fala da capital e a do interior.

Da Região Sul, o dialeto gaúcho foi o mais lembrado. Já os dialetos das regiões Norte e Nordeste apresentaram um equilíbrio nos índices de cada dialeto lembrado (4%). Nossa hipótese sugere que, devido ao avanço dos meios de comunicação, principalmente da televisão e das mídias sociais via *internet*, possivelmente o componente cognoscitivo, *o saber*, dos informantes tem informações sobre os estereótipos dos dialetos das regiões mais distantes.

Constatamos que os dois dialetos mais evidenciados, carioca e paulista, têm avaliações negativas, principalmente na localidade de Alegre [ponto 192], ponto de inquérito geograficamente mais próximo do Rio de Janeiro e de São Paulo, conforme indicam os depoimentos 85 e 86:

(85) Brasileiro é quase tudo a mesma coisa não é, não o Rio de Janeiro é mais carioca, eles **puxam, o problema do Rio de Janeiro é puxar o /S/ né**, o mineiro até que não, é até bom mexer com eles, os cariocas são mais **detalhados** pra gostar de **puxar o /S/ né** [192-Alegre/ Inf. 3 H.FII].

(86) São Paulo fala **diferente**, a fala deles é diferente, fala diferente, os cariocas também falam diferente, o carioca **puxa** assim o /S/, os paulistas falam **meio preso** né [192-Alegre/ Inf. 4 M.FII].

O informante do excerto (85), de Alegre-ES, inicialmente aponta que o brasileiro fala quase tudo a mesma coisa e, logo em seguida, reflete sobre o Rio de Janeiro e argumenta que dialeto carioca de ter um problema, sugerindo ser a palatalização do [s] para [ç], e, assim, manifesta uma atitude negativa sobre essa variação. Acerca do dialeto mineiro, o informante avalia que não existe tanta diferença e apresenta uma avaliação do comportamento em “*é até bom mexer com eles*”. Esse exemplo reforça, como já explicado antes, que as atitudes linguísticas são atitudes sociais e é difícil, por vezes, separar uma atitude estritamente

linguística de uma atitude social. Nesse caso, o informante, a partir de um estímulo para avaliar a língua, analisa o comportamento dos mineiros. A informante do trecho (86), da mesma localidade, argumenta que os paulistas e os cariocas falam diferente. Para ela, os cariocas puxam o /S/ e os paulistas *'falam meio preso'*, manifestando, assim, uma atitude negativa sobre este último.

A Tabela 12 apresenta os dialetos indicados conforme a variável idade, procurando verificar como a faixa etária pode interferir na consciência da diversidade de dialetos.

Tabela 12: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do estado do Espírito Santo conforme a variável idade.

Dialetos	Faixa I	Faixa II
Sudeste	27%	30%
<i>Carioca</i>	13%	11%
<i>Paulista</i>	6%	11%
<i>Mineiro</i>	6%	6%
<i>Vitoriense</i>		1%
<i>Capixaba</i>	1%	
Nordeste	13%	3%
<i>Baiano</i>	13%	
<i>Caravelense</i>		1%
<i>Teixeirense</i>		1%
<i>Cearense</i>		1%
Sul	8%	8%
<i>Gaúcho</i>	5%	5%
<i>Curitibano</i>	3%	
<i>Paranaense</i>		3%
Norte	3%	0%
<i>Rondoniense</i>	3%	
Total	51%	41%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 12, ambas as faixas etárias lembraram os dialetos carioca, paulista e mineiro, no entanto, os mais jovens recordaram primeiramente o dialeto carioca, já os mais idosos lembraram os dialetos carioca e paulista. Da Região Nordeste, o dialeto baiano é mais lembrado pelos mais jovens, não houve indicação desse dialeto pelos mais idosos. Os mais jovens indicaram mais dialetos (51%), logo, foram mais conhecedores das diferenças dialetais.

Produzimos a Tabela 13 visando constatar se a variável sexo pode interferir na indicação de dialetos.

Tabela 13: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Espírito Santo conforme a variável sexo.

Dialetos	Homens	Mulheres
Sudeste	13%	46%
<i>Carioca</i>	10%	13%
<i>Paulista</i>		19%
<i>Mineiro</i>	3%	10%
<i>Vitoricense</i>		1%
<i>Capixaba</i>		3%
Nordeste	8%	7%
<i>Baiano</i>	6%	6%
<i>Caravelas</i>	1%	
<i>Teixeirense</i>	1%	
<i>Cearense</i>		1%
Sul	12%	3%
<i>Gaúcho</i>	8%	
<i>Curitibano</i>		3%
<i>Paranaense</i>	3%	
Norte	3%	0%
<i>Rondoniense</i>	3%	
Total	36%	56%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Em conformidade com a Tabela 13, 46% das mulheres referiram-se aos dialetos procedentes da região Sudeste, citando, principalmente o carioca, o paulista e o mineiro, enquanto os homens se lembraram mais dos dialetos de outras regiões (Sul, Nordeste e Norte). Nesta amostra, as mulheres tenderam a apresentar dialetos da própria região, enquanto os homens apontaram mais dialetos de outras regiões.

Para ter uma visão panorâmica dos dialetos mais citados e a forma pela qual são lembrados, reunimos os exemplos coletados e produzimos as seguintes amálgamas:

- a. Os **rondonienses** falam ‘normal’ e usam ‘binga’ para isqueiro, ‘boliche’ para bar, ‘jabá’ para carne seca e ‘data’ para terreno [188-Barra do São Francisco/ Inf. 1 H.FI].
- b. Os **cariocas** ‘puxam o /S/’ [188-Barra do São Francisco/ Inf. 2 M.FI], falam me/S/tra e be/S/ta, usam a gíria ‘pô muleque” [189-São Mateus/ Inf. 1 H.FI].
- c. Os **gaúchos** ‘falam diferente’, tem o ‘chimarrão’, chama de ‘muleque’ o garoto, usa os pronomes ti como em ‘foi ti’ e ‘dei pra ti’ [188-Barra do São Francisco/ Inf. 3 H.FII].
- d. Os **paulistas** ‘falam diferente’, ‘puxam o /R/’ em ‘ca/ɾ/ta’, ‘no/ɾ/te’, ‘po/ɾ/ que’, ‘po/ɾ/tuguês’ [189-São Mateus/ Inf. 4 M.FII], denominam de ‘aipim’ a mandioca, de ‘polenta’ o angu e de ‘curau’ a papa [192-Alegre/ Inf. 2 M.FI].

- e. Os **curitibanos** ‘falam diferente’, não fazem alteamento da vogal /e/ para a vogal /i/ em ‘leit/E/ e quente/E/’, e nomeiam a vasilha de plástico de ‘paetê’ [189-São Mateus/Inf. 2 M.FI].

No geral, os informantes do Espírito Santo manifestam atitudes negativas sobre o dialeto do carioca, do baiano e do paulista, e apresentam atitudes positivas sobre o dialeto do curitibano e do mineiro. Os informantes homens e os mais jovens apresentam mais atitudes negativas, logo, nestes dados, são mais intolerantes com a diversidade linguística.

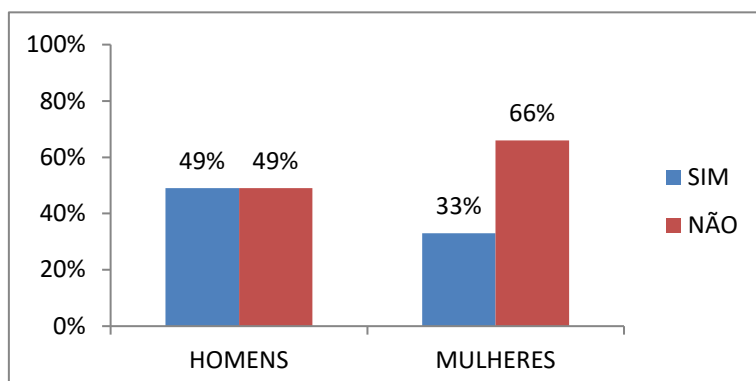
A distribuição geográfica dos dialetos recordados, com suporte do mapa (ver anexo I), apontou que somente os informantes das localidades ao norte do Estado do Espírito Santo, a saber, as cidades Barra de São Francisco e São Mateus, identificaram o dialeto baiano, sugerindo que naquelas localidades a proximidade geográfica corrobora com o contato linguístico. Já o dialeto do gaúcho e do paulista, diferentemente, são citados de forma uniforme por todo o Estado, reforçando a hipótese de que o contato linguístico seja por meio de mídias.

5.4. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS INFORMANTES FLUMINENSES

No Estado do Rio de Janeiro, são 13 pontos de inquéritos, distribuídos uniformemente (ver Anexo II), com o total de 52 informantes. Conforme a maioria dos relatos, o Estado apresenta dialetos diversificados entre a capital, a baixada fluminense e o interior do Estado, isto é, alguns informantes fluminenses demarcaram e diferenciaram a variação encontrada na capital e ao redor. Tanto o dialeto carioca situado na capital quanto o dialeto das proximidades foram avaliados negativamente pelos informantes do interior do Estado.

O Gráfico 13 apresenta os índices das respostas dadas pelos informantes sobre a existência de dialetos na localidade conforme o sexo.

Gráfico 13: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 13, entre os homens, há um equilíbrio na percepção de dialetos diferentes na localidade; a grande maioria das mulheres, porém, não os reconhece. Ao confrontar os índices dos homens (49%) e das mulheres (33%), constatamos que os homens, nesta amostra, demonstraram ser mais atentos à diversidade linguística local. Os exemplos numerados de 106 a 109 ilustram nossa assertiva:

(87) Tem **sotaques diferentes** aqui em Itaperuna, tem gente que usa sotaque assim, **puxando o /S/, o /R/**, tem gente que gosta de usar muita gíria, tipo ‘já é’, ‘tranquilo’ [193-Itaperuna/Inf. 1 H.FI].

(88) Mais jovens, um pessoal mais fala **gíria**, ‘qual é, irmão?’. A pessoa que vem da roça **mais ou menos** [194-São João da Barra/Inf. 1 H.FI].

(89) Tem muita gente de outra cidade que vieram pra cá. Não, acho que não, tem pessoas que falam **gírias**, gírias, aqui mesmo neste bairro, era um bairro de muita pobreza, aqui é um bairro muito rico, pra senhora souber, parece que não né, todas essas casas feias são fachadas, são grandes confecções [197-Nova Friburgo/Inf. 4 M.FII].

(90) Daqui não... antigamente não tinha essas **gírias** bobas, ‘ô meu’ [199-Valença/Inf. 4 M.FII].

O informante do trecho (87), de Itaperuna, ponto de inquérito mais ao norte do Estado do Rio de Janeiro e próximo à divisa com o Espírito Santo, alega existirem moradores com sotaques, isto é, alguns puxam o /S/, referindo-se à palatalização, outros puxam o /R/, referindo-se ao retroflexo, e utilizam gírias, como ‘tranquilo’ ou ‘já é’. As gírias também chamaram a atenção de informantes de São João da Barra, Nova Friburgo e Valença, observando-se que os dois últimos comentários são das mulheres da Faixa Etária II.

Nos trechos (91) e (92), os informantes percebem a gíria como motivadora da variedade:

(91) Os que falam diferente aqui é pessoas que usam muitas **gírias**, mas o normal tudo mundo conversa numa boa, conversa bem. Falam ‘irmão’, ‘camelo’, ‘pô’, ‘pô montando caô’ essas coisas, ‘caô’ é mentira, ‘montando ideia’ é de vacilação, o cara que está vacilando essas coisas [200-Petrópolis/Inf. 1 H.FI].

(92) Tem muita gente que fala em **gíria né**, fala gíria, a situação, dentro de uma favela ‘nego’ e fala... De repente você chegar dentro de uma favela e fala ‘oi tudo bom’, ninguém não vai te tratar de outro jeito, agora você chega ‘e aí irmão, legal ... pá’ aí ele já sabe que é a mesma língua deles, é isso. Não é nem favela, depende muito do lugar, no caso aqui, se você conviver aqui você vai chegar um certo dia que você vai se habituar, vai lidar no meio de gente que fala diferente, porque você tem um jeito e fala, tem pessoas que tem outro jeito de fala... vem até no caso errado, não falam o certo, porque acabam aprendendo, o jeito da pessoa fala, até pra lida com o jeito de outra pessoa é difícil, entendeu? Volta no caso da favela, você viu o filme que saiu aí, o Tropa de Elite, atingiu todo mundo, você vê aí que falam gíria, se conversa com uma pessoa aí, devido ao filme fala, Tropa de Elite, ‘zero onze’, ‘pede pra sair’, você vê falando isso direto. A **violência muda também o jeito de fala**, é muito **sinistro** o jeito [203-Niterói/Inf. 1 H.FI].

O informante do extrato (91), de Petrópolis, admite que, na localidade, existe o uso de muitas gírias e as exemplifica com os termos ‘irmão’, ‘camelo’, ‘pô’, ‘pô montando caô’, ‘montando ideia’, mas não aceita o uso da gíria como algo comum e expressa reprovação ao declarar que ‘o normal tudo mundo conversa numa boa’. Sobre o uso da gíria, o informante do trecho (92) reconhece a fala diferente em Niterói e relata, inicialmente, que a fala diferente é devido ao uso de gíria. Para o informante, a gíria está associada à favela e, muitas vezes, as pessoas que almejam se encaixar no contexto social tentam utilizar a mesma fala da comunidade. O uso da gíria é visto pelo informante como uma estratégia para produzir um sentimento de pertença ao grupo, isto é, buscam aproximar a variação nativa à variação do grupo para ter mais aceitação. Em seguida, o informante reavalia que não é somente na favela que as pessoas falam as gírias e que os contatos frequentes fazem os sujeitos se habituarem com o uso. O informante demonstra consciência sobre as funções sociais da língua ao explicar o poder de interferência que a mídia tem sobre os dialetos e, para exemplificar, cita o filme ‘Tropa de Elite’. Por fim, admite que a violência também interfere na variação linguística de um grupo.

De acordo com os relatos dos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro, as percepções das diferenças linguísticas na localidade são geralmente o *uso de gíria*, reconhecida principalmente pelos homens mais jovem; a *fala caipira* indicada pelo homem e pela mulher

mais jovem; a *palatalização do /S/* identificada pelo homem mais jovem; o *nível escolar* argumentado pela mulher mais idosa; e, com menos frequência, as *diferenças culturais*, a *experiência de vida* e a *fala do idoso* argumentada também pela mulher mais idosa.

No trecho (93), o informante relata que, na roça, as pessoas tendem a falar palavras diferentes, mas não têm consciência sobre o falar errado:

(93) Lá na **roça**, algumas **palavras são diferentes**, muita coisa não dá pra lembrar, não. Na roça não liga de falar **errado**, de qualquer maneira [195-Campos dos Goytacazes/Inf. 1 H.FI].

No excerto (94), o informante associa a dialeto dos jovens ao crime:

(94) A galera que mexe com droga, a rapaziada usa essa **língua ne**, **língua bandida** [205-Barra Mansa/Inf. 1 H.FI].

O informante do excerto (94), de Parati, é mais enfático ao manifestar uma atitude linguística de rejeição, imputa a fala diferente, o uso de gírias, aos jovens envolvidos com a criminalidade. O exemplo (94) expõe algo não tão inédito: a variação linguística, principalmente a gíria, utilizada pela camada mais jovem, e provavelmente a mais vulnerável e pobre, é erroneamente atrelada ao crime.

Nos fragmentos (95) e (96), os informantes não reconhecem a variedade:

(95) Tem muitas pessoas argentinas, tem também bastante inglês, convívio mais com português. De Parati não, **tudo parecido** [206-Parati/Inf. 2 M.FI].

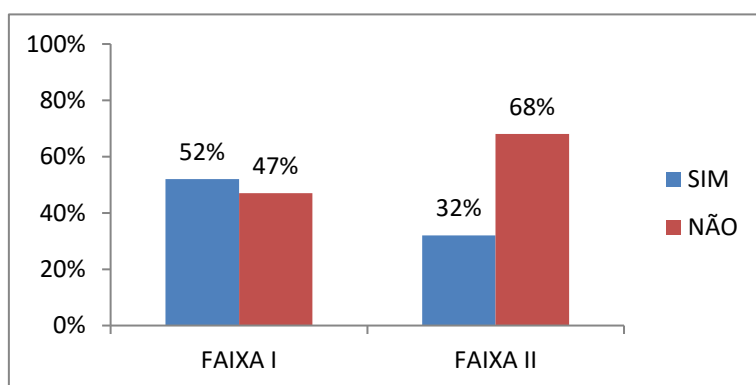
(96) Daqui é tudo **igual**, a fala **igual** a nossa, logo pergunto você é de fora, não é de Macaé não. Pessoas diferente de outro Estado não daqui o jeito de **falar e tratar são diferentes** [198-Macaé/Inf. 2 M.FI].

A informante do excerto (95), de Parati, tem consciência de que as pessoas conhecedoras de outros idiomas falam diferente na localidade, mas sobre falantes de língua portuguesa, segundo ela, é ‘tudo parecido’. Devemos considerar que a alegação da informante sobre “ser parecido” não equivale a ser igual, logo acreditamos que a informante tem certa consciência linguística da diferença e, provavelmente, é bem tolerante à variação linguística. Já a informante do trecho (96), de Macaé, não reconhece a fala diferente local, todavia reconhece que as inquiridoras são de outra região e argumenta que as pessoas de outras cidades falam e

tratam diferente, sugerindo uma possível relação da variação linguística com a forma de comportamento.

Terminadas as análises relativas à variável sexo, correlacionamos as respostas com a variável idade e produzimos o Gráfico 14, que apresenta a relação da existência dos dialetos locais entre os mais jovens e mais idosos.

Gráfico 14: Percepção de dialetos locais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme apresentado no Gráfico 14, entre os informantes da Faixa I, os índices de consciência de falares diferentes na localidade são muito próximos. Já os mais idosos, em sua maioria, negaram que, na localidade, possam existir dialetos diferentes. Diante desses dados, podemos considerar que os jovens foram mais atentos às diferenças locais. Tal contexto pode ser entendido se considerarmos que os jovens, para serem aceitos pelos grupos ao que tentam pertencer, são mais observadores das variações a fim de ajustar a própria fala. Vejamos alguns exemplos de respostas dadas pelos informantes do Rio de Janeiro:

(97) Fala do **mesmo jeito** [199-Valença/Inf. 3 H.FII].

(98) Tem gente que **puxa** mais o /S/, tem gente que **quer falar melhor**, as vezes aqui quase todo mundo puxa o [j] [199-Valença/Inf. 1 H.FI].

O informante do fragmento (97), de Valença, é da faixa etária II e não reconhece a variação linguística na localidade. Para o informante, todos falam do mesmo jeito na cidade. Diferentemente do informante do trecho (98), do mesmo ponto de inquérito, que identifica duas

maneiras como as pessoas falam em Valença: pessoas que ‘puxam o /S/’, processo de palatalização [□], e pessoas que almejam ‘falar melhor’, que tentam utilizar a norma gramatical.

No trecho (99), o informante adjetiva como ‘*enrolada*’ a variedade:

(99) Gente de fora morando aí, fala uma língua **enrolada** [193-Itaperuna/Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (99), de Itaperuna, alega que as pessoas procedentes de outras regiões que moram na cidade falam ‘uma língua enrolada’, e não reconhece que existem pessoas nativas na cidade que falam diferente.

No fragmento (100), a informante tem a percepção da influência da cultura e da escolaridade:

(100) Pessoas de fora. -/ E aqui dentro de Itaperuna? /- Não, porque isso aí dependendo da pessoa, **dependendo da cultura, dependendo do estudo, dependendo do que vive** né, aí então vareia né [193-Itaperuna/Inf. 4 M.FII].

A informante do excerto (100), também de Itaperuna, argumenta que a variação é condicionada por fatores externos, como a cultura, o estudo, a experiência de vida e o próprio falante, porém desconsidera que, na localidade, também existem tais fatores que possam influenciar os falantes nativos.

No excerto (101), observamos que o informante reconhece que a proximidade entre estados gera uma diferença linguística:

(101) Minas é aqui mesmo, o Rio também é aqui mesmo, aí tem um **pouco desta mistura**, um pouco de **mineiro com carioca**, ficou com essa mistura [196-Três Rios/Inf. 1 H.FI].

O informante do excerto (101), de Três Rios, localidade que faz divisa com o Estado de Minas Gerais, argumenta que existe um dialeto “híbrido” na localidade, decorrente do contato do dialeto mineiro com o dialeto carioca.

Conforme expusemos, as variáveis *sexo* e *idade* interferem nas justificativas dadas para as diferenças linguísticas na localidade. A partir dessas observações, ilustramos, com o Quadro 9, as percepções de acordo com essas variáveis.

Quadro 9: Percepção da diversidade local segundo os informantes do Estado do Rio de Janeiro.

Homens jovens <i>Uso de gírias</i> <i>Palatalização do /S/</i> <i>Fala caipira</i>	Homens mais idosos
Mulheres jovens <i>Uso de gírias</i> <i>Fala caipira</i>	Mulheres mais idosas <i>Uso de gírias</i> <i>Diferenças culturais</i> <i>Experiência de vida</i> <i>Fala do idoso</i> <i>Nível escolar</i> <i>Fala caipira</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observamos que os informantes, principalmente as mulheres, apresentaram rejeição às falas diferentes, ou seja, manifestaram atitudes negativas. Nenhum homem da faixa etária II reconheceu a fala diferente na localidade. Ilustramos com a Tabela 14 os percentuais de atitudes positivas e negativas.

Tabela 14: Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Rio de Janeiro

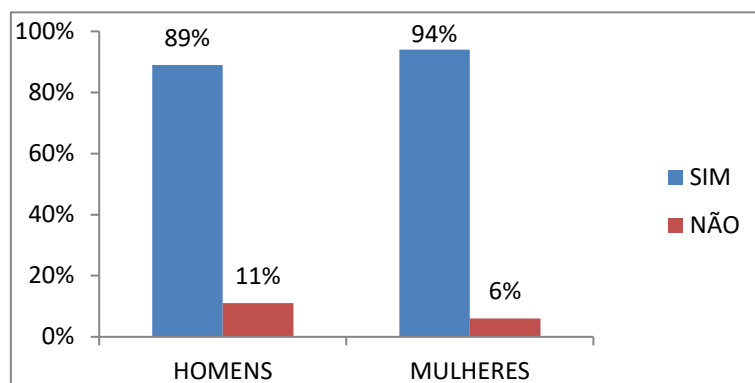
Sexo	Atitude positiva	Atitude negativa	Faixa etária	Atitude positiva	Atitude negativa
Homens	7%	39%	Faixa I	7%	42%
Mulheres	7%	46%	Faixa II	7%	42%
Total:	14%	85%	Total:	14%	84%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do projeto ALiB

No tocante à faixa etária, existe um equilíbrio nas respostas com avaliação positiva enquanto as atitudes negativas prevalecem sobre os dialetos locais.

Concluída a análise das respostas sobre a existência de dialetos locais, elaboramos o Gráfico 15 com os dados relativos à percepção de dialetos em outras regiões, considerando a variável sexo.

Gráfico 15: Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB

De acordo com o Gráfico 15, a grande maioria dos homens e das mulheres reconheceram a existência de dialetos diferentes em outras regiões do Brasil.

Ao comparar o resultado das mulheres no Gráfico 13 (66% para não) e neste Gráfico 15 (6% para não), é possível verificar que houve uma mudança no reconhecimento, ou seja, algumas mulheres não reconheceram a fala diferente na localidade, mas lembraram, em grande medida, os dialetos de outras regiões.

O Gráfico 15 apresenta, com percentuais bem próximos, que tanto os homens (89%) quanto as mulheres (94%) lembraram de dialetos em outras regiões. Observemos alguns relatos dos informantes:

(102) Baiano fala **diferente, meio complicado**, não sei explicar isso não. Carioca fala **igual daqui**. Paranaense fala um pouco diferente, o **sotaque** da senhora **não é igual** o nosso não [194-São João da Barra/Inf. 1 H.FI].

(103) Os cariocas, pessoal do Rio, eles **puxam** muito o /S/, caraca, **usam muito** o /S/, trocam o [s] pelo [□], são muito assim [194-São João da Barra/Inf. 2 M.FI].

(104) Os cariocas falam **diferente** daqui, falam **puxando** a **gíria** doida deles, eles **não conversam puro igual** nós conversa, não, eles falam sempre puxando entendeu? Cada um tem um tipo de conversa né, tem muita gente. Gaúcho também tem, gosta de toma um chima/R/ão [193-Itaperuna/Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (102), de São João da Barra, reconhece que o baiano e o paranaense falam diferente, não admite, porém, que a fala da capital seja diferente da fala do

interior. Já a informante do excerto (103), da mesma localidade, identifica que os cariocas falam diferente, estratifica a variação por meio da troca do /s/ pelo /ç/, processo fonético de palatalização do /s/. O informante do fragmento (104), de Itaperuna, localidade próxima a São João da Barra, também relata que os cariocas falam diferente e manifesta uma atitude negativa frente ao uso das gírias. O informante acredita que há um falar puro e o falar ‘puxando a gíria’ e, por fim, apresenta consciência de que, em cada região do país, a língua varia e exemplifica com a fala do gaúcho e a bebida sulista ‘chima/R/ão’.

Os informantes do (105), (106) e (107) têm a percepção do sotaque:

(105) O Rio mesmo fala, o jeito de falar mesmo, /meçmo/, minha irmã quando vem reparo... até mesmo quando você fica lá um tempo vai ver já tá **falando igual**, quando um amigo daqui vai pra São Paulo já volta com um pouco do **sotaque** de lá, sem ele perceber ele já tá ‘[‘trej] rio[ç]’ falava mais pro lado mineiro, da **roça** assim, agora tá mais pra cidade grande mesmo, Rio [196-Três Rios/Inf. 2 M.FI].

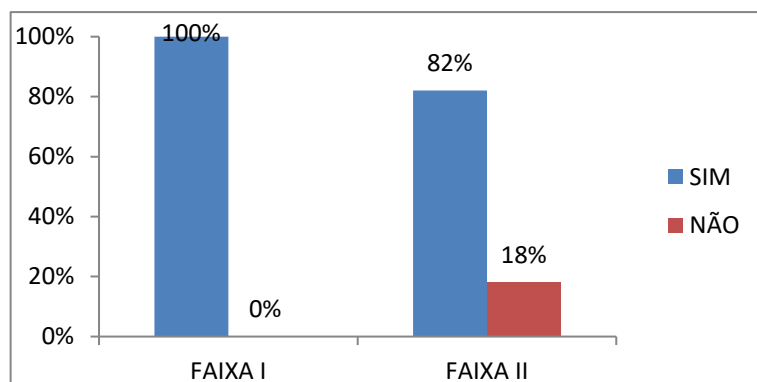
(106) Só o **sotaque** mesmo, as pessoas que vem de fora, Maranhão, o mineiro. O que muda são os sotaques, **mas a língua, é a mesma** [198-Macaé/Inf. 1 H.FI].

(107) Cada estado, por exemplo, São Paulo, paulista, paulistano fala. Você por exemplo, eu não sei a língua, mas **o jeito de falar, o modo de falar**, a língua é mesma né, o jeito de falar né. O paulista **puxa** um pouco pro /R/. Não sei imitar. O nortista, paraibano ele também fala assim com aquele **sotaque** forte né, só isso porque eu não saio não viajo, não vou pra lado nenhum [200-Petrópolis/Inf. 4 M.FII].

A informante do excerto (105), da cidade de Três Rios, confirma que o carioca fala diferente e o contato linguístico faz o falante assumir a variação, aponta o [ç] palatalizado em coda como sendo da cidade grande, do Rio de Janeiro, e classifica a fala do mineiro como uma fala caipira, da roça. A informante do fragmento (106), de Macaé, admite que, em outros lugares do Brasil, o que muda é apenas o sotaque, todavia a língua é a mesma. A informante do relato (107), de Petrópolis, argumenta que, em cada Estado, existe diferença no dialeto, aponta que as pessoas do Estado de São Paulo ‘puxa’ um pouco o /R/ para estratificar o uso da rótica retroflexa por parte dos paulistas. O informante identifica a diferença na fala da inquiridora e alega que a fala do nortista e do paraibano tem um sotaque forte. Esta informante admite não viajar, o que sugere que a consciência linguística sobre dialetos de outras regiões sofre interferência das mídias sociais ou de relações no trabalho.

Encerrada a análise com a variável sexo, correlacionamos as respostas da quarta pergunta metalinguística com a variável idade e produzimos o Gráfico 16.

Gráfico 16: Percepção de dialetos regionais pelos informantes do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 16 mostra que a totalidade de informantes da faixa etária I e a grande maioria da faixa etária II reconheceram dialetos de outras regiões. A faixa etária I apresentou ser mais atenta à existência de dialetos disseminados pelo Brasil. Nos relatos dos informantes, constatamos que alguns dos mais idosos relatavam o contato linguístico com outras regiões por meio de relações no trabalho ou de viagens; já os mais jovens, além de evidenciarem esses tipos de contato, indicaram o acesso às mídias sociais e o relacionamento com parentes de outras localidades. Selecionamos alguns trechos das entrevistas:

(108) Isso é mais pro lado de São Paulo, Paraíba, baiano, vê mais fica lá né. Ah, sempre tem uma pessoa, tem uma menina aqui embaixo, a colega dela fala, sei que é baiana por causa do jeito, né. Ai você já sabe que muda o **sotaque** de uma pessoa ou só a aparência também. (Parece mais com mineiro?) Um pouquinho. (Ou carioca?) Carioca mais lá da baixada né, aqui dá mais jeitinho porque tem os cantos, igual aqui tem ali Santa Rita Jacutinga, Santa Rita de Cassia, ai já vai mais pra município de Minas né, esse cantinho, ai sempre o pessoal daqui vai pra lá e conversa e mistura [205-Barra Mansa/Inf. 1 H.FI].

(109) Você é uma, você tem um **sotaque** diferente, eu não conheço o sotaque paranaense, você tem um sotaque assim, que eu acho, você tem um sotaque mais para mineiro né, eu acho. Seu sotaque é assim? Paraná é assim? Tem esse sotaque? Ou não... especifico né. Quem tem sotaque gaúcho é **mais grosso, mais cheio** né, cheio, o que 'tchê', só sei isso. Seu sotaque, por exemplo, seria mais assim, mais parecido com 'uai, sei, nhê' esse é o seu também, você não tem o 'uai' na história, mas tem o 'nhein, nho, nhê' não tem? Sotaque paranaense seria o seu, mas o povo lá tem esse sotaque mesmo? Mas não é feio não, é maneiro, acho maneiro, mas é **diferente** né. Em Minas é mais ou menos assim, parecido com o seu, é 'uai', deixa que isso, 'nhao', que isso, gente. Paulista por exemplo, você conhece paulista? Paulista fala assim, 'po[j]tera', 'po[j]ta', não fala 'po/r/ta', fala 'po[j]ta, po[j]teira'. No Rio

Grande do Sul é um sotaque mais cheio po/r/ta, ele fala po[j]ta, porteira, ele fala po[j]tera, **ele come algumas letras, aumenta ou diminui** não sei, acho que é por aí, ah, muito diferente. Nortista é mais assim ‘oxente, bichim’, é **mais cantado**, pra mim, na minha opinião é um sotaque mais cantado, dá pra tirar a conclusão pelas música baiana, escuta a música de baiano, você vê que tem é diferente né, assim [200-Petrópolis/Inf. 3 H.FII].

O informante do trecho (108), de Barra Mansa, localidade próxima à divisa de São Paulo e de Minas Gerais, identifica as diferenças dialetais nos Estados de São Paulo, Paraíba e Bahia. Relata que o sotaque e a aparência são diferentes e argumenta que, na localidade, por ser próxima ao Estado de Minas Gerais, existe uma mistura local diferente da fala da baixada fluminense.

O informante do trecho (109), de Petrópolis, identifica o sotaque paranaense e confunde-o com o sotaque de Minas Gerais. Este informante é categórico ao apontar o sotaque do gaúcho, classifica-o como ‘*grosso, cheio*’ e cita a expressão ‘*tchê*’, própria do dialeto gaúcho. Sobre o dialeto paulista, afirma que alguns falam ‘/pojteira/’ e ‘/po□ta/ por /pojta/’. Sobre o dialeto paranaense, o informante atribui usos de ‘*nhein, nhô, nhê*’. Acerca do dialeto nortista, o informante indica o uso de expressões ‘*oxente*’ e ‘*bichim*’ e classifica o sotaque como ‘mais cantado’.

(110) O jeito já é **outro** de fala né. Convivi com paulista, você vê o jeito de paulista é diferente daqui de baixo. Tem também no caso, mas o linguajar é **diferente**, tem as **gírias** também, mas já é mais, mas é diferente da língua daqui, eles falam **puxando** pra caramba, ‘e aí meu’, **estranho** né, só isso. É de outro lugar. Mineiro **fala muito** ‘uai’, é, você conversa ‘uai’, ‘que isso uai’, eles só falam isso, é. Quando xinga também você nota, a gente aqui, quando xinga uma pessoa, ‘filho da puta’, o mineiro já não fala ‘filho da puta’, fala ‘fida, fida puta, fida puta’ é, ele já fala diferente. Não manda, no caso ‘vai pro caralho’, a gente fala né, o mineiro já não fala assim, ‘vai pucaraio’, ‘vai pucaraio’, é tem um outro um jeito de falar, **estranho** pra caramba. Tem é, se parar pra pensar, tem línguas diferente sim. Paraíba também tem **outro jeito de fala** também... é, já é outro tipo de línguas também né, fala negócio de ‘arreta’, essas porra, ‘filho duma rapariga’, eles fala. É, tem línguas que você vê que são **diferentes** cara, não é igual a gente aqui, a gente fala, a **gente fala já a moda boêmia** mesmo. A gente aproveita a língua deles né, quando eles vêm, vai pra cabeça deles e dá. Se der mole, se você sair daqui e ir pra lá... porra, bate. Sai daqui e vai pra São Paulo pra você ver, se você não chegar lá afiado também, ele vão pra cabeça toda hora [203-Niterói/Inf. 1 H.FI].

O informante do trecho (110), de Niterói, relata que os paulistas falam diferente, aponta que, além do uso da gíria, existe um linguajar, estratifica esse linguajar diferente em ‘puxando pra caramba’ e manifesta uma atitude negativa sobre o dialeto paulista, adjetiva

jocosamente a fala paulista de *'estranha'*. Sobre o dialeto mineiro, argumenta que usam muito a expressão *'uai'*, que, quando xingar, variam de *'filho da puta'* para *'fida puta'*, ocorre uma síncope da palatal [ʎ] e um sândi, passando de /para o caralho/ para /pucario/, mantendo apenas o radical /CAR/ e a síncope do rótico intervocálico [r] em /pro/ para /pu. O informante aponta que, no Estado da Paraíba, os falantes usam a expressão *'arreta'* e a variação *'filho duma rapariga'*. Constatamos que o informante manifesta atitudes negativas sobre as variações linguísticas e assume a língua como um lugar de embate de forças que não podem coabitar; para o informante, o contato linguístico presume um confronto além da língua, verificados em *'quando eles vêm, vai pra cabeça deles e dá. Se der mole, se você sair daqui e ir pra lá... porra, bate'*.

(111) Paulista, a língua do primo é **diferente** da nossa, a ele fala po/□/tão, po/□/ta, isso pra gente é novidade aqui [199-Valença/Inf. 2 M.FI].

(112) São Paulo, por exemplo, eles falam **diferente** daqui. Ah, **falam meio assim atrapalhado, é diferente, o sotaque** né, tem o sotaque paulista e outro sotaque, e as pessoas daqui não, cada pessoa tem um sotaque, cada lugar, tipo assim o pessoal de Paulo Afonso, já ouviu fala? Eles **falam totalmente diferente do povo daqui**, é Bahia. E o pessoal de São Paulo tem um sotaque diferente. Por exemplo, pedreiro eles falam 'pedelo', falam assim livre de povo da Bahia [194-São João da Barra/Inf. 4 M.FII].

(113) Exemplo, aqui a gente fala aipim, já outro estado, baiano essas coisas, é 'macaxeira', abóbora a gente chama aqui abóbora, lá é 'jerimum', vamos comer um 'jerimum', às vezes tem outras coisas assim que **eles falam a gente não entende** né, até isso entende né, mas tem outras coisas que a gente não entende. O que é isso? É tal assim, assim, a então, mais ou menos essas coisas né [198-Macaé/Inf. 3 H.FII].

A informante do trecho (111), de Valença, alega que o paulista usa o po[ʎ]ta e po[ʎ]tão, rótico em coda retroflexo. Sobre o dialeto paulista, a informante do excerto (112), de São João da Barra, manifesta atitude negativa e o classifica como *'atrapalhada'*.

O informante do fragmento (113), natural de Macaé, relata que, na localidade, usam-se os nomes *'aipim'* e *'abóbora'* e, em outras regiões, como a Bahia, usam-se os nomes *'macaxeira'* e *'jerimum'*.

A análise das respostas sobre a consciência da variação dialetal forneceu dados para a elaboração da Tabela 15, em que listamos os dialetos lembrados pelos informantes do interior do Rio de Janeiro e agrupamos os dialetos de acordo com a região de procedência.

Tabela 15: Dialeto lembrados pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro.

Dialeto	Rio de Janeiro
Sudeste	49%
<i>Paulista</i>	18%
<i>Carioca</i>	17%
<i>Mineiro</i>	12%
<i>Capixaba</i>	1%
<i>Paulistano</i>	1%
Nordeste	33%
<i>Baiano</i>	12%
<i>Maranhense</i>	5%
<i>Nordestino</i>	5%
<i>Paraibano</i>	5%
<i>Pernambucano</i>	3%
<i>Cearense</i>	1%
<i>Recifense</i>	1%
<i>Paulo-Afonsino</i>	1%
Sul	15%
<i>Paranaense</i>	9%
<i>Gaúcho</i>	5%
<i>Sulista</i>	1%
Norte	3%
<i>Nortista</i>	3%
Total	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 15, os dialetos mais lembrados são os da região Sudeste e, dentre eles, os mais citados foram os dialetos paulista, carioca e mineiro. Da região Nordeste, o dialeto baiano foi recorrentemente indicado e, da região Sul, o dialeto paranaense destacou-se.

Com os dados dos dialetos lembrados e agrupados, produzimos a Tabela 16, que apresenta os dialetos conforme a variável idade.

Tabela 16: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável idade.

Dialeto	Faixa I	Faixa II
Sudeste	30%	18%
<i>Paulista</i>	10%	7%
<i>Carioca</i>	10%	6%
<i>Mineiro</i>	9%	3%
<i>Capixaba</i>	1%	1%
<i>Paulistano</i>		1%
Nordeste	20%	8%
<i>Baiano</i>	8%	4%

<i>Maranhense</i>	4%	
<i>Nordestino</i>	3%	1%
<i>Paraibano</i>	3%	1%
<i>Pernambucano</i>	3%	
<i>Cearense</i>		1%
<i>Recifense</i>		1%
<i>Paulo-Afonsino</i>		1%
Sul	8%	8%
<i>Paranaense</i>	6%	4%
<i>Gaúcho</i>	1%	3%
<i>Sulista</i>	1%	1%
Norte	0%	4%
<i>Nortista</i>		4%
Total	59%	38%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme a Tabela 16, os jovens lembraram frequentemente mais dialetos do que os idosos, sendo os responsáveis por citarem (30%) dos dialetos da região Sudeste e (20%) da região Sul, enquanto os mais idosos, para essas mesmas regiões, indicaram (18%) e (8%), respectivamente. Os mais jovens mostraram-se mais atentos aos dialetos regionais porque citaram com mais frequência dialetos repetidos (carioca, paulista e mineiro), entretanto foram os mais idosos que indicaram mais diversidade de dialetos.

A Tabela 17 apresenta os dialetos agrupados em regiões geográficas conforme a variável sexo.

Tabela 17: Percepção de dialetos pelos informantes do interior do Estado do Rio de Janeiro conforme a variável sexo.

Dialetos	Homens	Mulheres
Sudeste	34%	14%
<i>Paulista</i>	11%	6%
<i>Carioca</i>	9%	7%
<i>Mineiro</i>	11%	
<i>Capixaba</i>	3%	
<i>Paulistano</i>		1%
Nordeste	15%	14%
<i>Baiano</i>	6%	6%
<i>Maranhense</i>	3%	1%
<i>Nordestino</i>	4%	
<i>Paraibano</i>	1%	3%
<i>Pernambucano</i>		3%
<i>Cearense</i>	1%	
<i>Paulo-Afonsino</i>		1%
Sul	13%	4%
<i>Paranaense</i>	6%	4%

<i>Gaúcho</i>	4%	
<i>Sulista</i>	3%	
Norte	1%	3%
<i>Nortista</i>	1%	3%
Total	63%	35%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

A Tabela 17 mostra que as mulheres mantiveram proporcionalidade nas indicações dos dialetos da região Sudeste e Nordeste (14%). Os homens se sobressaíram ao reconhecerem os dialetos da Região Sudeste (34%) e, nesta região, os dialetos mais recordados foram os dialetos paulista e o mineiro. A Tabela 13 ainda demonstra que, além de os homens apresentarem maior percentual total de reconhecimento (63%), foram os que mais citaram diversidade de dialetos, logo, nesta amostra, os homens demonstraram mais consciência sobre as diversidades de dialetos.

Considerando o dialeto citado pelos informantes do Rio de Janeiro, fizemos uma amálgama das características evidenciadas e ilustramos com os excertos numerados de 133 a 139:

- a. Os **nordestinos** falam ‘mais cantado’ [200-Petrópolis/Inf. 3 H.FII] e ‘lenta’, usam expressões como ‘oxe mininu’, ‘oxe mininu não faça isto’ e ‘oxe bichim’ [193-Itaperuna/Inf. 1 H.FI].
- b. Os **cariocas** falam ‘diferente’, usa o pronome tu, ‘coloca gírias’ [200-Petrópolis/Inf. 2 M.FI] como em ‘que isso cara’, ‘faz isso não’, ‘vem cá bicho’, ‘eai rapaz’, adicionam o ‘pô’ no final das frases como em ‘a gente pô’ [193-Itaperuna/Inf. 1 H.FI], palataliza o /S/ como em ‘arrois’, casca, mesmo, seis, pães [193-Itaperuna/Inf. 4 M.FII] e, os cariocas da baixada falam mais diferente [205-Barra Mansa/Inf. 1 H.FI].
- c. Os **baianos** falam ‘comprido’, ‘meio devagar’ [193-Itaperuna/Inf. 4 M.FII], ‘complicado’ [194-São João da Barra/Inf. 1 H.FI] e usam o nome ‘macaxeira’ para aipim [198-Macaé/Inf. 3 H.FII].
- d. Os **paulistas** falam ‘diferente’, ‘puxam o /R/’ em ‘porta’, ‘porca’ [197-Nova Friburgo/Inf. 2 M.FI], ‘Marcelinho’, pronunciam ‘poitera, poita’ [200-Petrópolis/Inf. 3 H.FII] e usam gírias ‘diferente do carioca’, como ‘e aí meu’ [203-Niterói/Inf. 1 H.FI].
- e. Os **gaúchos** têm sotaque, ‘é mais grosso, mais cheio’ e usam a expressão ‘tchê’ [200-Petrópolis/Inf. 3 H.FII].
- f. Os **mineiros** falam expressões como ‘uai’, perguntam ‘que isso uai?’. Quando xingam, pronunciam ‘fida puta’ ou ‘vai pucaraio’ invés de filho da puta e vai para o caralho [203-Niterói/Inf. 1 H.FI].
- g. Os **paraibanos** têm ‘outro jeito de falar’, usam ‘arreta’ e quando xingam pronunciam ‘filho duma rapariga’ [203-Niterói/Inf. 1 H.FI].

Alguns poucos informantes do Estado do Rio de Janeiro manifestaram atitudes positivas; na maioria das vezes, as atitudes foram negativas e principalmente sobre a fala do próprio carioca, do paulista, do mineiro, do baiano e do paraibano, estes dois últimos dialetos os mais rejeitados. Ao decorrer da análise do *corpus*, e de algumas amostras ao longo desta seção, constatamos que as mulheres e os mais jovens manifestaram mais preconceitos sobre a diversidade de outros dialetos no Brasil.

Com auxílio do mapa (ver anexo II), observamos, em cada ponto de inquérito, quais dialetos foram indicados pelos informantes na pretensão de constatar alguma relação geográfica entre os dialetos e as cidades pesquisadas. Assim, observamos que os informantes dos pontos de inquérito próximo à capital do Estado do Rio de Janeiro, a saber: Três Rios, Nova Friburgo, Petrópolis, Nova Iguaçu e Niterói, argumentaram majoritariamente o dialeto paulista como diferente.

5.5. AS PERCEPÇÕES E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO SUDESTE

Nesta seção, projetamos relacionar os dados das investigações de cada estado e apresentar um panorama da Região Sudeste. No tocante às percepções, os relatos dos informantes do interior da Região Sudeste sugerem que tiveram dificuldades em perceberem as diferenças linguísticas locais. Entretanto os informantes que constataram a existência e exemplificaram-na, partiram de julgamentos estabelecidos por um recorte do imaginário sobre a fala do outro. Tais recortes foram balizados por sentimentos, afinidades, relações de poder, autoidentificação etc. que os informantes estabeleceram sobre a fala do outro.

As percepções mais recorrentes, acerca dos dialetos diferentes na localidade, decorreram da *escolaridade*, do *desvio da norma*, da *gíria*, da *fala caipira*, do *sotaque*, da *fala dos mais idosos*, da *migração*, da *descendência* e da *experiência de vida*.

As percepções associadas à *escolaridade*, ao *desvio da norma* e à *fala caipira*, quase sempre concatenam com atitudes linguísticas negativas. O relato da importância da *escolaridade* sugere que pessoas mais estudadas possam utilizar uma variante mais culta e, na avaliação dos informantes, essa deve ser observada e reproduzida, porque recebe uma valoração positiva, isto é, é considerada variedade prestigiada. A percepção do *desvio da norma* propõe a existência de uma língua *certa* e outra língua *errada*, como se fossem totalmente antagônicas

e, na concepção dos informantes, são as pessoas escolarizadas, mas não as únicas, que utilizam a língua *certa*, a variante mais próxima da gramática normativa. A percepção da *fala caipira* pressupõe que as pessoas oriundas da zona rural falam com palavras diferentes, ou se desviam da norma ou, ainda, têm sotaque com o /R/ retroflexo.

Observando as percepções mais recorrentes baseadas na *escolaridade*, no *desvio da norma* e na *fala caipira* que, por sua vez, estão correlacionadas por fatores sociais, históricos e econômicos, constatamos que o foco das atitudes negativas sobre os dialetos na localidade é o falante de origem rural, pouco escolarizado.

Sobre a consciência de existir diferenças diatópicas e o que consideravam diferente, os informantes foram categóricos em afirmar e indicaram, na maioria das vezes, o *sotaque* e o classificaram como *puxado*, *arrastado*, *cantado*, *diferente* etc. A adjetivação de *diferente* está relacionada à própria pergunta metalinguística, isto é, o informante reitera a palavra presente na questão.

Além dessas percepções recorrentes, os informantes alegam que são fatores que determinam as diferenças linguísticas das localidades as *gírias*, principalmente na fala das pessoas mais jovens, os *sotaques*, reduzidos a dois processos fonéticos que são o /S/ palatalizado ou o /R/ retroflexo, a *experiência de vida*, não relacionada à maturidade e sim a conhecimento empírico, a *migração*, a *fala dos mais idosos* e a *descendência* de imigrantes. .

Sobre os dialetos que consideram diferentes em outras regiões, os informantes citam os dialetos paulista, carioca, mineiro etc. e, quando justificam o que é diferente na fala do outro, declaram que é o sotaque, as denominações ou as expressões regionais. Como podemos observar nos excertos 114 e 115:

(114) No Sul tem, a gente vê na **televisão**, tem o ‘guri’, não fala a criança, o ‘guri’ [160-Mococa/Inf. 4 M.FII].

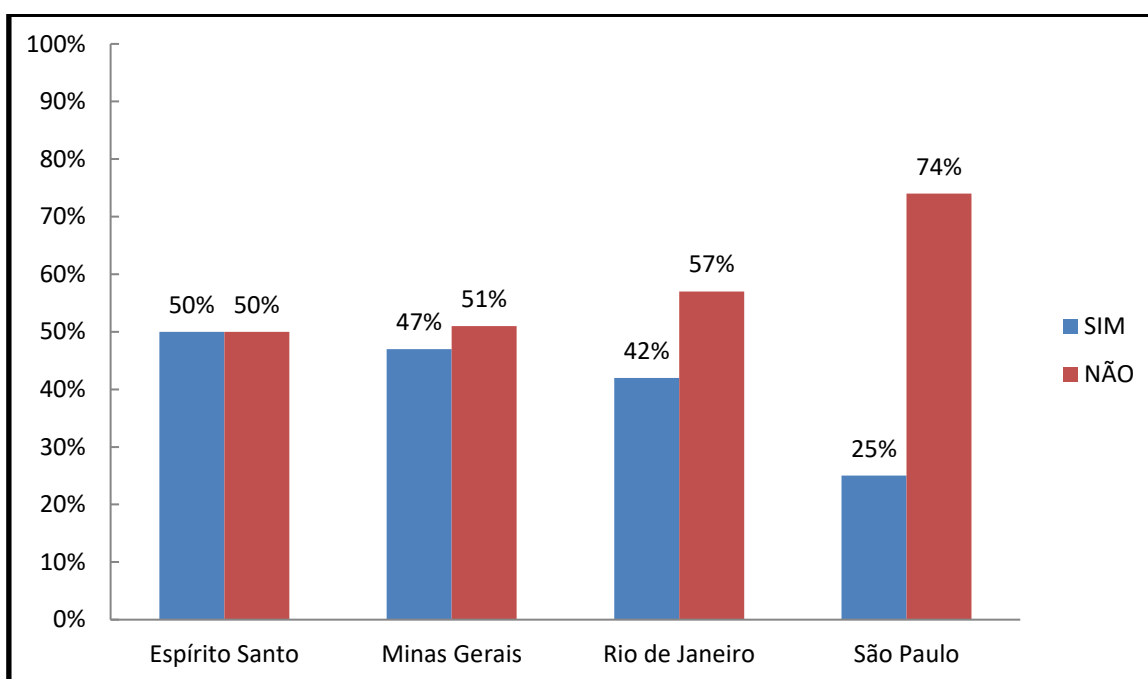
(115) (O povo do Sul, Rio Grande do Sul?) Eles falam **muito bonito**, acho lindo ver eles falar, não é **bonito**? Só vejo na **televisão**, sei que é muito **bonito**, mas **não sei falar igual eles não** [151-Votuporanga/Inf. 4 M.FII].

A Região Sudeste teve mais contato com os dialetos do Norte e do Nordeste por meio das migrações constantes dos povos dessas regiões em busca de melhores condições de vida e trabalho, conforme Figura 5. Alves (1979) aponta que, dada a situação socioeconômica de migrantes nordestinos no Estado de São Paulo, é evidente o preconceito linguístico tanto de paulistas quanto de nordestino sobre o dialeto nordestino.

A análise das respostas, tanto da questão metalinguística 2 quanto da questão metalinguística 4, aponta que os informantes tendem a manifestar atitudes negativas frente ao que é diferente, algumas vezes até deslizam do foco linguístico para uma conduta social a fim de justificar a atitude negativa. Essas reações reforçam as palavras de López Morales (1993) quando declara que as atitudes linguísticas são atitudes sociais dos indivíduos que, de alguma forma, se relaciona à língua e aos seus usos. No mesmo sentido, Botassini (2012, p. 347) descreve que, por meio do estudo das crenças e atitudes, “é possível verificar como alguns informantes associam o modo de falar com sua cultura, caráter, personalidade etc., fazendo inferências a respeito de um falante com base em sua linguagem”.

O Gráfico 17 apresenta o cômputo de identificação dos dialetos locais, isto é, se os informantes demonstram consciência sobre distintos dialetos na localidade.

Gráfico 17: Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 17, em quase todos os estados, os informantes tenderam a negar a existência de dialetos diferenciados na localidade. Nas respostas dos informantes do Estado do Espírito Santo, todavia, houve um equilíbrio (50% para sim e 50% para não) e, nas respostas procedentes de Minas Gerais, houve uma pequena diferença (47% para sim e 51%

para não). No Estado do Rio de Janeiro, a alegação da inexistência de dialetos diferentes é o maior índice (42% para sim e 57% para não). O Estado de São Paulo foi o que mais apresentou índice de negação da existência de dialetos locais diferentes (25% para sim e 74% para não). Acreditamos que a história da migração para o estado tenha contribuído para o alto índice de negação, isto é, supostamente os paulistas não reconhecem os falares dos migrantes e as próprias diferenças na tentativa de manter certa unidade linguística aos paulistas. Ilustramos com os excertos 116, 117 e 118, extraídos da fala de informantes da Faixa I.

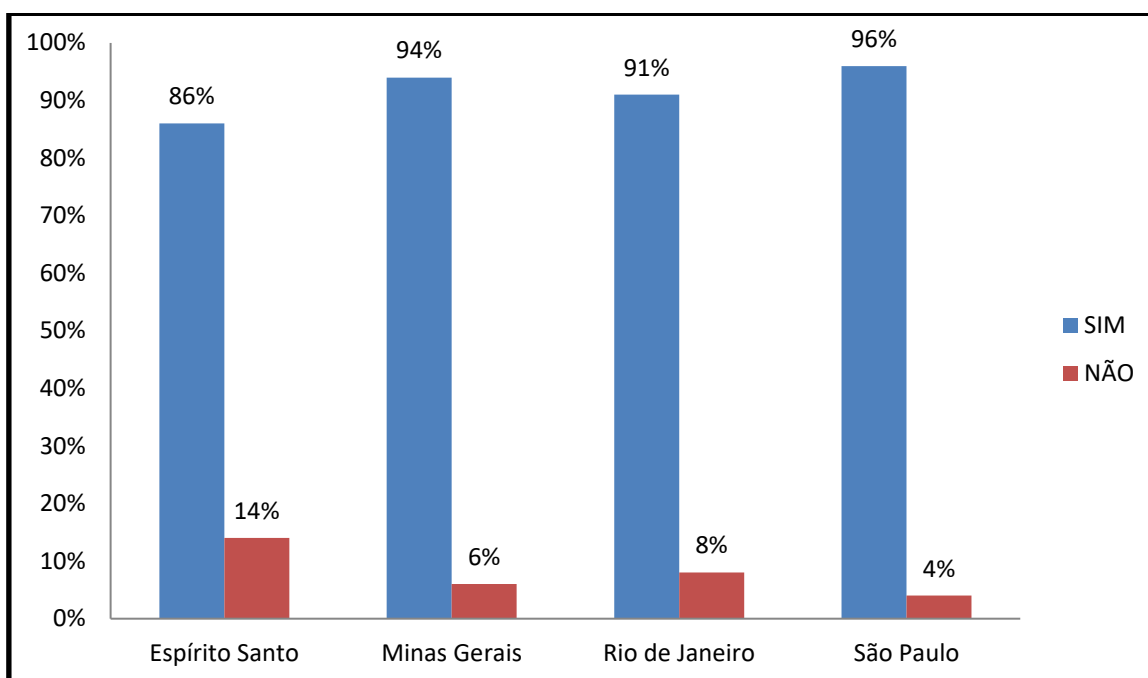
(116) **Todo mundo fala igual** aqui [137-Campina Verde/Inf. 2 M.FII].

(117) **Todo mundo fala igual**, mesmo ritmo [153-Barretos/Inf. 1 H.FI].

(118) **Diferente**, só se for estrangeiro né, lógico. Agora assim, diferente assim só estrangeiro. Agora se for assim, **brasileiro igual nós, a mesma coisa**. Os jovens falam iguais adultos. Tem uns que têm a cabeça deste tamanho [156-Araçatuba/Inf. 1 H.FI].

A informante do relato do exemplo (116), de Campina Verde-MG, e o informante do trecho (117), de Barretos-SP, afirmam categoricamente que todos na localidade falam igual; enquanto o informante de Araçatuba-SP, excerto (118), reconhece que somente estrangeiro fala diferente e que, na cidade, todos falam igual, mesmo que haja diferença de idade. Constatamos, neste último exemplo, uma atitude negativa do informante sobre a mentalidade dos jovens ao apontar que “tem a cabeça deste tamanho”, reprovando algumas ações dos mais jovens.

Uma vez analisada a questão 2, examinamos a quarta pergunta metalinguística e produzimos o Gráfico 18. Este gráfico exhibe os índices sobre a existência de dialetos diferentes em outras regiões do Brasil.

Gráfico 18: Percepção de dialetos em outras localidades e regiões.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Os resultados exibidos no Gráfico 18 mostram um alto índice no reconhecimento de distintos dialetos em outras regiões do Brasil, os quais estão próximos de serem uma regra categórica em localidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais (96% e 94%, respectivamente) e bastante significativa nas localidades do Espírito Santo (86%). No estado do Espírito Santo pode ser uma tentativa de manter certa igual de falares entre os demais estados da região. Em seguida, apresentamos alguns excertos que exemplificam os dados do Gráfico 18:

(119) As coisas são diferentes lá né. Que aqui, por exemplo, é mandioca, lá no Pernambuco é macaxeira, na Bahia é aipim, aqui já é mandioca, cada Estado é diferente né. Ali perto da minha casa, baiano tá cheio ali, eles falam mais **raspado** assim, é jeito deles falar, não sei imitar. (O que você acha da fala deles?) **Meio mole, arrastado**. Ali é mais baiano [154-Franca/Inf. 3 H.FII].

(120) Se fala muito **diferente**, em cada Estado, cidade, as pessoas falam diferente, o **sotaque** de fala [187-Cananéia/Inf.3 H.FII].

(121) O baiano fala, o nortista fala diferente a língua, diferente assim, o sotaque. Não sei explicar, porque eu não sei falar né, eles falam as palavras tudo parece que errado, pra eles lá tá certo pra nós aqui não, o paulista fala um **pouco diferente**. Igual, o carioca fala um pouco mais **arrastado**, puxando mais o [R] né, eu acho que cada Estado é diferente. O carioca fala muito **bonito**, o nortista fala mais **feio**, o uberlandense a gente **fala igual**, a gente não repara muito [135-Uberlândia/Inf. 4 M.FII].

O informante do trecho (119), de Franca-SP, confirma a existência de dialetos em outras regiões do país e identifica diferenças tanto lexicais como prosódicas ao mencionar as diferentes denominações *macaxeira* e *aipim* para mandioca e ao caracterizar o dialeto baiano como mais *raspado*, *meio mole* e *arrastado*.

No excerto (120), o informante de Cananéia-SP declara que as pessoas falam diferente e atribui essa diferença ao sotaque. O informante aponta que, em cada Estado e cidades, as pessoas têm sotaque, contudo não apresenta exemplos que contextualizem o que ele compreende por diferença na fala.

No excerto (121), a informante de Uberlândia-MG, declara que, em cada Estado, as pessoas falam diferente e especifica o baiano, o nortista, o carioca e o paulista. Para esta informante, em sua cidade, todos falam igual; no entanto, demonstra consciência linguística sobre os dialetos de outras regiões ao destacar que o carioca fala mais *arrastado*, isto é, *puxando mais o /R/*, variante rótica que compreendemos na análise como fricativa velar [x/y], e que é classificada pela informante como *bonito*. Vale lembrar que o rótico predominante no sul de Minas e no Triângulo Mineiro é o retroflexo (AGUILERA; SILVA, 2008). Ainda de acordo com o excerto 8, identificamos manifestações que avaliam também a fala do nortista em que, no julgamento da informante, as palavras são mais *feias* e parecem *tudo errado*.

Comparando os dados dos Gráficos 17 e 18, verificamos que os falantes percebem melhor as variedades de outras localidades ou regiões do que as diferenças locais, isto é, os resultados indicam que os informantes possuem maior consciência sobre os dialetos de outras regiões do Brasil, enquanto os dialetos diferentes da própria localidade não são reconhecidos. O resultado fortifica o mito do sotaque, ou seja, que a diferença linguística está na fala do outro, dificilmente constatada na própria comunidade.

A alegação do sotaque para evidenciar o que consideram diferente foi recorrente nas respostas dos informantes. Alguns informantes argumentaram que apenas o sotaque é diferente, mas que a língua é a mesma, sugerindo que o sotaque são diferenças fonéticas, mas não lexicais. A aceitação de que existe diferença, mas a rejeição de que a diferença pode causar certo desentendimento é explicado por Alvar (1986), que descreve que as valorações se movimentam entre a consciência nacional sobre a existência de uma língua no país, seja para valorizar a língua, seja para reforçar a consciência de classe.

A Tabela 18 exhibe quais foram os dialetos reconhecidos pelos informantes da Região Sudeste. Ao todo, foram 45 dialetos identificados e o dialeto dos baianos, dos cariocas, dos

cearenses, dos paranaenses, dos gaúchos, dos mineiros e dos paulistas foram comumente reconhecidos pelos informantes de todos os Estados. O dialeto do paulista e do carioca se sobressaem, foram os mais citados.

Tabela 18: Dialeto lembrados pelos informantes do interior dos Estados da Região Sudeste.

Dialeto	Espírito Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo
Nordeste	16%	29,2%	33%	36,7%
Alagoano		0,4%		0,7%
Baiano	4%	16,0%	12%	20,0%
Cearense	4%	1,6%	1%	0,3%
Maranhense		0,4%	5%	0,7%
Nordestino		5,0%	5%	8,0%
Paraibano		1,6%	5%	0,3%
Pernambucano		3,0%	3%	6,0%
Porto-Segurense				0,3%
Sergipano		0,4%		0,3%
Soteropolitano				0,1%
Sertanejo		0,4%		
Caravelense	4%			
Recifense		0,4%	1%	
Paulo-Afonsino			1%	
Teixeirense	4%			
Norte	4%	4,8%	1%	5,1%
Nortista		3,0%	1%	4,8%
Manauara		1,0%		
Belenense		0,4%		
Rondoniense	4%			
Paraense		0,4%		0,3%
Sudeste	59%	53,2%	49%	36,4%
Carioca	17%	18,0%	17%	15,0%
Paulista	17%	19,0%	18%	10,0%
Mineiro	13%	10,0%	12%	7,0%
Capixaba	8%	0,4%	1%	
Vitoriense	4%			
Paulistano		0,8%	1%	0,9%
Piracicabano				0,9%
Santista				0,7%
Uberlandense		1,6%		
Sorocabano				0,7%
Belo-horizontino		3,0%		
Botucatuense				0,3%
Bragantino				0,3%
Campineiro				0,3%
Campo-Belense		0,4%		
Capão-Bonitense				0,3%
Sul	18%	9%	17%	20%
Paranaense	4%	1,0%	9%	4,0%
Gaúcho	10%	6,0%	5%	11,0%
Sulista		0,4%	3%	3%
Curitibano	4%			0,3%
Catarinense		1,6%		2,0%
Cascavelense				0,3%
Centro-Oeste	0%	3%	0%	1,2%

Goiano		1,0%		
Mato-Grossense		1,0%		0,9%
Brasiliense		1,0%		0,3%
Total	97%	99%	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Os dialetos mais lembrados pelos informantes do Estado do Espírito Santo foram o dialeto do carioca e do paulista (18% cada), o dialeto do mineiro (14%) e dialeto do gaúcho (10%). Na maioria das vezes, os informantes do Estado do Espírito Santo alegaram conhecer alguma pessoa procedente do estado que consideraram falar diferente, seja essa pessoa um vizinho, um parente, um amigo do trabalho etc.

No Estado de Minas Gerais, os dialetos mais citados pelos informantes foram o dialeto do paulista (19%), do carioca (18%), do baiano (16%) e do mineiro (10%). Os informantes do estado de Minas Gerais, ainda que com pouco índice (3%), foram os que mais lembraram dos dialetos da região Centro-Oeste.

No Estado do Rio de Janeiro, os dialetos mais identificados foram dos paulistas (18%), dos cariocas (17%), dos baianos e dos mineiros (12%). Os informantes do Rio de Janeiro identificaram, sobremaneira, o próprio dialeto carioca, justificando que, em outras localidades dentro do estado, principalmente na capital e na baixa-fluminense, as pessoas falam diferente, utilizando muito as gírias. Por meio dos relatos dos informantes, sugerimos que, dentro do estado do Rio de Janeiro, estão presentes outras variedades linguísticas.

Por fim, no Estado de São Paulo, os informantes declaram mais os dialetos dos baianos (20%), dos cariocas (15%), dos gaúchos (11%) e dos paulistas (10%). A indicação do dialeto baiano pode ser decorrente do intenso fluxo migratório, visto que o índice de dialetos procedentes da Região Nordeste (36,7%) se aproxima do índice de dialetos da própria região Sudeste (36,4%).

Constatamos que os dialetos mais citados pelos falantes dos Estados da Região Sudeste foram procedentes dos entes federativos vizinhos, reforçando que o contato geográfico é um fator de significância para a formação da consciência linguística. A presença do dialeto baiano mencionado pelos informantes do Estado de São Paulo pode ser explicada pelo fluxo migratório ocorrido entre 1960 e 1970. Alves (1979), ao pesquisar a fala de nordestinos em São Paulo, constata e discorre sobre os efeitos desse fluxo migratório sobre as atitudes linguísticas de nordestinos e de paulistas. Já o aparecimento do dialeto gaúcho apontado pelos informantes do Espírito Santo e de São Paulo pode encontrar respaldo no processo migratório na década de

1990, conforme Imagem 4, e na popularização da televisão. Sobre esta última, sugerimos que a televisão tem um forte papel social no contato linguístico e, assim, na formação da consciência linguística. Produzimos a Tabela 19 com o índice percentual de famílias com televisores em cada estado da Região Sudeste entre os anos de 2001 a 2009.

Tabela 19: Índice de televisão por estado do Sudeste entre 2001 e 2009.

Estados	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Minas Gerais	89,11	90,1	90,41	91,4	92,26	93,84	95,52	96,2	96,26
Espírito Santo	88,04	90,49	91,89	94	93,15	94,63	95,78	96,97	97,63
Rio de Janeiro	97,21	97,46	97,93	97,58	98,25	98,55	98,4	98,4	98,87
São Paulo	96,14	96,46	96,07	96,97	97,23	97,67	98,22	98,04	98,29

Fonte: IBGE, 2021.

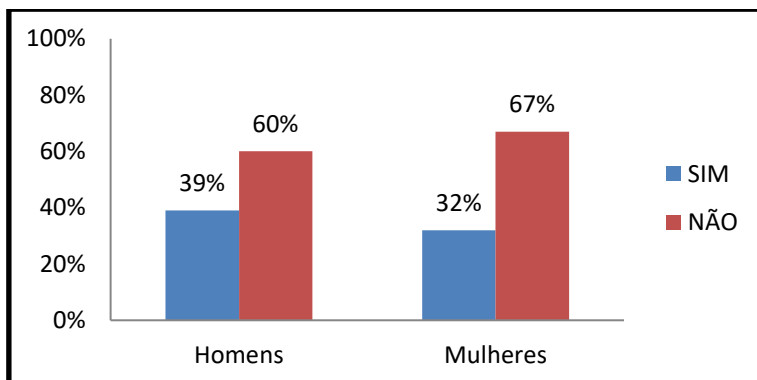
A presença da televisão nas famílias é uma regra categórica, em 2002, todos os estados apresentaram mais de 90% de domicílios com televisores. Esse aparelho é difusor e, muitas vezes, o único referencial social e cultural de muitos telespectadores sobre conteúdos mais distantes e, portanto, também é representativo de dialetos espalhados pelo Brasil. Como visto em alguns relatos, é por meio dele que os informantes reconhecem dialetos mais distantes.

Os informantes da Região Sudeste, em sua maioria, apresentaram atitudes linguísticas negativas sobre os dialetos de outras regiões, principalmente, sobre os Estados do Nordeste e da própria Região Sudeste.

Olhando para os dados para observar o papel que as variáveis sexo e faixa etária exercem sobre as percepções e atitudes linguísticas sobre os dialetos locais e regionais (Questões 2 e 4), elaboramos os gráficos 19, 20, 21 e 22.

Para demonstrar a importância da variável sexo, o Gráfico 19 mostra o percentual das respostas dos informantes sobre a segunda pergunta metalinguística, ou seja, se os informantes reconhecem os dialetos diferentes na localidade, e o Gráfico 20 apresenta as respostas dos informantes sobre a quarta pergunta metalinguística, isto é, se identificam diferentes dialetos regionais.

Gráfico 19: Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável sexo.

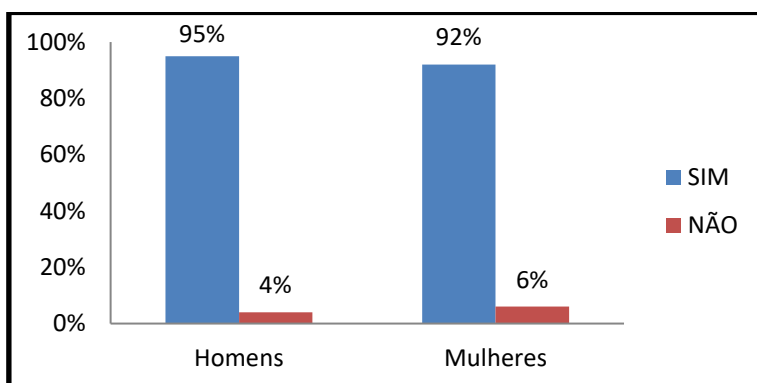


Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 19, tanto os homens quanto as mulheres, em sua maioria, não identificaram as variedades linguísticas nas localidades. Embora os índices não demonstrem uma diferença significativa entre os homens e as mulheres, os homens alegaram mais a existência de dialetos na localidade. Dado os avanços tecnológicos, ainda mais com a popularização da internet, o contato linguístico se flexibilizou, rompendo com apenas o aspecto geográfico e, por sua vez, impactou a consciência linguística dos homens e das mulheres. Esses resultados apontam que a variável sexo tem mostrado que não existem grandes desigualdades na consciência da existência de dialetos diferentes entre os homens e as mulheres.

O Gráfico 20 ilustra as percepções dos informantes do interior da região Sudeste sobre os dialetos em outras localidades ou regiões de acordo com a variável sexo.

Gráfico 20: Percepção de dialetos em outras localidades ou regiões pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável sexo



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme os dados do Gráfico 20, podemos verificar o alto índice de percepção da existência de dialetos diferentes em outras localidades, ou regiões do país, tanto pelos homens (95%) como pelas mulheres (92%). Isto é, a variável sexo aponta que, em se tratando de dialetos em outras regiões, tanto os homens quanto as mulheres constaram as diferenças.

Observando os resultados dos Gráficos 19 e 20, constatamos que ambos os sexos mantêm regularidade nas respostas, ou seja, não reconheceram os dialetos na localidade, mas alegaram existir dialetos em outras localidades ou regiões. Disso, incorre que o exame da variável sexo sugere que exista igualdade na consciência linguística de dialetos entre homens e mulheres.

Os resultados apresentados em ambos os gráficos (19) e (20) não coincidem com a pesquisa de García Mouton (2000), cuja autora menciona que, na Espanha, por fatores sociais, como atenção dada às crianças no processo de escolarização ou mesmo como estratégia de equiparação social, as mulheres foram mais sensíveis às diferenças linguísticas, porém, diante dos resultados da presente análise e considerando a realidade distinta entre Brasil e Espanha, os homens, por pouco foram mais atentos à diversidade de dialetos locais. Seguem alguns exemplos que contextualizam os dados do Gráfico 20:

(122) Amigos da roça, ‘memo, vamu’, **conversa de roceiro, conversa errado**, português **muito errado** [141-Formiga/Inf. 1 H.FI].

(123) Os bairros falam **iguais** [192-Alegre/Inf.2 M.FI].

(124) O carioca fala aquela coisa mais pu[]ada assim tipo, o paulista bota o /S/... paulista **fala certo**, acho legal, fala aquela coisa assim mais, parece que é **roceiro**, mas fala certo, igual o mineiro eu gosto [197-Nova Friburgo/Inf. 1 H.FI].

(125) Tem as pessoas que estão estudando né, inglês, aquelas línguas. A língua portuguesa? Às vezes tem as palavras que a pessoa cita, o **modo de falar** representa outro tipo de modo de falar, a pessoa as vezes **fala mais alto, mais baixo, mais devagar, fala mais... fala mais fanhoso**, tem esse tipo de coisa [155-Andradina/Inf. 3 H.FII].

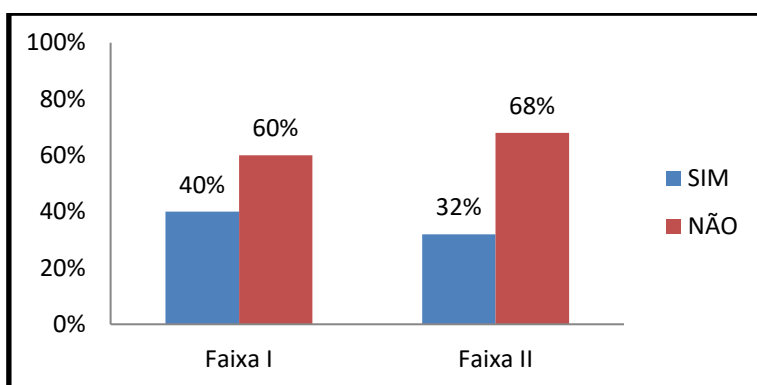
Na fala do informante de Formiga-MG, no trecho (122), constatamos que o julgamento à fala diferente é justificado pelo modo de fala dos amigos da roça, o informante acredita ser a conversa do roceiro um português ‘*muito errado*’, atribuindo avaliação negativa à fala ligada à cultura do caipira, como o apagamento da fricativa alveolar desvozeada [s] em ‘*memo*’ ou, ainda, o apagamento do arquifonema /S/ seguido do alçamento de [o] para [u] em /vamU/.

No excerto (123), a informante de Alegre-ES não reconheceu a variação linguística na localidade em que vive e, assim, faz uma análise restrita na qual contempla apenas o bairro de sua residência, sem considerar possíveis variações diastráticas. Já o informante do fragmento (124), de Nova Friburgo-RJ, analisa que a fala do carioca é mais *'puxada'*, isto é, com produção saliente da fricativa pós-alveolar [ʃ], por exemplo, [*'meʃʃʊ*], julgando a variante mencionada como *'aquela coisa'*. E, sobre o dialeto do paulista, o informante julgou e criticou alegando que o paulista utiliza bastante o /S/, assemelhando ao dialeto caipira. O informante apresenta uma incoerência entre a argumentação e a avaliação da fala paulista, pois, mesmo com a crítica, a considera *'legal'*. Nossa hipótese é de que o informante tenha apresentado atitude positiva em razão de uma possível autoidentificação.

No trecho (125), após o informante de Andradina-SP exemplificar o falar diferente com outros idiomas, reavalia e recorre a elementos da oralidade, como a prosódia, para afirmar a existência de diversidade no Português Brasileiro-PB; o informante caracteriza a diferença na prosódia com: *'às vezes fala mais alto, mais baixo, mais devagar, fala mais... fala mais fanhoso'*.

A partir das respostas dos informantes sobre a segunda pergunta metalinguística e para evidenciar como a variável idade atua no reconhecimento de dialetos locais, elaboramos o Gráfico 21, que apresenta os índices de reconhecimento de dialetos locais conforme as faixas etárias.

Gráfico 21: Percepção de dialetos locais pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 21, a maioria da faixa etária I e II não reconheceu as variedades linguísticas na localidade. Confrontando os índices de afirmação e negação de cada idade, a diferença na faixa etária I é de 20%, e na faixa etária II sobe para 36%, isto é, a diferença entre SIM e NÃO da faixa etária I e da faixa etária II sugere que os mais jovens são mais atentos aos dialetos locais. Acreditamos que os mais jovens, na tentativa de serem aceitos pelos grupos, tendem a ser mais atentos aos dialetos diferentes, como as gírias, e assumem tais dialetos. Nossa hipótese encontra eco em Silva-Corvalán (1989), a qual defende que a variação dos mais idosos pode atribuir certo *status* ou autoridade dentro de alguns grupos, porém é na fala do mais jovem que existe propensão a diferenciar-se, querem se identificar com o seu grupo por meio da língua, utilizando vocabulários e expressões próprias e de seu tempo. Assim, o jovem consegue reconhecer e assimilar a diferença linguísticas em seus próprios grupos; a título de exemplo, podemos citar a variação ocorrida na fala dos jovens com o uso das gírias. Conforme ilustramos com os excertos que se seguem:

(126) Em cada região, mesmo aqui no município de Cananéia, cada setor aqui ao redor do município, **em cada lugar um fala diferente do outro**, fala português, mas fala uma maneira diferente. Por exemplo, em Pedrinhas já falam diferente, não sei imitar, mas falam diferente, palavra diferente, o jeito de falar [187-Cananéia/Inf.3 H.FII].

(127) Ciganos, fala assim tudo meio rastejado assim, por exemplo, você assim ele não trata de pronome, trata “garim” (mulher), o homem é “garom”, para outro quase igual, eles chamam de calão [177-Itapetininga/Inf.1 H.FI].

(128) **Daqui é tudo igual, a fala igual a nossa**, logo, pergunto você é de fora, não é de Macaé não. Pessoas diferentes de outro estado, não daqui, o jeito de falar e tratar são diferentes [198-Macaé/Inf. 2 M.FI].

(129) Eu conheço gente aqui mesmo que fala diferente. Conheço um rapaz que morava na Suécia... Um da Alemanha, esse foi embora. (Gente que nasceu em Taubaté?) **Não, tudo igual**. (As pessoas mais idosas? Tua mãe.) Fala igual eu, só se nasceu com algum problema [175-Taubaté/Inf.1 H.FI].

(130) A linguagem todo mundo fala igual, não tem nenhum que fala diferente aqui não [185-Ribeira/Inf. 3 H.FII].

O informante do excerto (126), de Cananéia-SP, identifica que, ao redor da cidade, nos bairros, os habitantes falam diferente a língua portuguesa e atribui essa diferença, que não sabe imitar, ao jeito de falar. O informante do trecho (127), de Itapetininga-MG, observa que o grupo étnico-cultural dos ciganos têm fonética diferente, discriminada como “meio rastejado” e que existem léxicos exclusivos dos ciganos.

O informante do exemplo (128), de Macaé-RJ, não reconhece que, dentro da localidade em que reside, existem dialetos diferentes; ele alega que quem fala diferente não é da localidade, são pessoas provenientes de outras regiões. O informante do trecho (129), de Taubaté-SP, não reconhece que, na localidade, possam existir pessoas nativas que falam diferente a língua portuguesa, exceto se tiver alguma deficiência, e os que falam diferente são de outro idioma. O informante do excerto (130), de Ribeira-SP, é categórico ao negar a diversidade de dialetos na localidade.

Elaboramos a tabela 20 para apresentar os índices percentuais das atitudes linguísticas no interior da Região Sudeste.

Tabela 20: Atitudes linguísticas dos informantes do interior do Rio de Janeiro

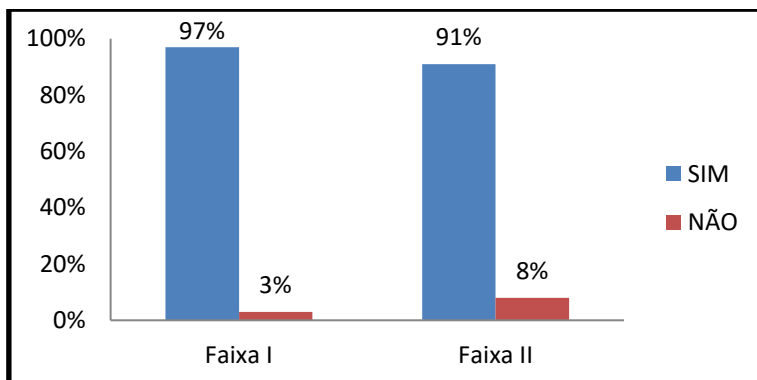
Sexo	Atitude positiva	Atitude negativa	Faixa etária	Atitude positiva	Atitude negativa
Homens	12%	42%	Faixa I	7%	43%
Mulheres	8%	38%	Faixa II	11%	39%
Total:	20%	80%	Total:	18%	82%

Elaborado pelo autor com dados do projeto ALiB

Em conformidade com a tabela 20, homens e mulheres e mais idosos e mais jovens apresentaram mais atitudes negativas sobre os dialetos locais. Entretanto, no tocante as atitudes positivas, por pouco, os homens (12%) e as os mais idosos (11%) tenderam a serem mais tolerantes.

O Gráfico 22 aponta os índices das respostas da quarta pergunta metalinguística, ou seja, apresenta os índices dos informantes que constataram a existência de dialetos conforme a variável idade.

Gráfico 22: Percepção de dialetos pelos informantes do interior da Região Sudeste de acordo com a variável idade.



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Projeto ALiB.

Conforme o Gráfico 22, a grande maioria de ambas as faixas etárias alegaram existir dialetos em regiões. O resultado do Gráfico 22, o reconhecimento em massa de dialetos, pode estar relacionado ao acesso dos informantes às mídias, como televisão e rádio. Cardoso (2013) declara que, mesmo estabelecendo critérios para a escolha de informantes pouco deslocados geograficamente, isto é, informantes topoestáticos, a presença dos meios de comunicação favorece a consciência linguística das mais diversas regiões.

O confronto dos resultados dos Gráficos 21 e 22 aponta que a maioria, tanto da faixa etária I quanto da faixa etária II, não reconheceu os dialetos locais, todavia, ao serem indagados sobre a existência de dialetos em outras regiões, os informantes declararam veementemente a existência e, ainda, alguns conseguiram citar léxicos que acreditam pertencer ao dialeto lembrado ou mesmo utilizar adjetivos para caracterizar o sotaque e, dessa forma, muitas vezes, manifestaram as percepções e as atitudes que possuem sobre o que consideram diferente. Vejamos alguns exemplos dados pelos informantes sobre os dialetos:

(131) Eles falam né, tem uns lugares que falam **puxando**, Rio de Janeiro mesmo falam puxando o /R/, [iʃˈkejɾɔ], ‘vamu pra praia’, e ai vai indo, cada lugar falando **diferente**, diferente assim, ... o modo deles falar diferente, **mas só que se você for ver a palavra tudo igual**. Gaúcho, tchê, carrega o caminhão tchê, tô com pressa tchê... é tus. (O que acha do jeito deles falar) acho legal, tinha um cara que ia carregar lá na usina, um gaguinho que ia começar a carregar, a gente começava a rir [160-Mococa/Inf.1 H.FI].

(132) Aí é **sotaque**, cada estado tem um sotaque né [...] bom existe muita faixa etária de gente, por exemplo, essa rapaziada nova fala na gíria, outro fala... tal né, a gíria eles falam meio lascado. E tem o pessoal, assim do Nordeste que fala diferente por causa do estado mais, todo mundo (inaudível) a linguagem, tem palavra assim pra gente lá é outro nome né, por causa da linguagem deles, eles entendem de **outro jeito**, ele acaba trocando o nome dos objetos [...] eu calculo assim, conheci uns dois três estado, um estado pro outro

da assim uma diferença, cada um fala um pouquinho **diferente** do outro. Aqui em **São Paulo eles falam mais correto**, no Rio fala mais diferente, na gíria, na Bahia fala mais arrastado, no Paraná e Santa Catarina eles falam mais **corrido, puxando** mais pro lado dos italianos, os paranaenses são **mais rápido** [166-Marília/Inf. 3 H.FII].

O informante (131), de Mococa-SP, ao ser questionado sobre a existência de dialetos em outras regiões, relata que, no Rio de Janeiro, os cariocas falam puxando o /R/, o qual acreditamos serem as róticas fricativas velares [x] ou [χ], que pode designar uma sensação de rótico ‘puxado’ em virtude da produção sonora velar do arquifonema /R/. Além dos informantes terem destacado a palatalização que acontece no /S/ e, também, o alçamento da vogal [i], por exemplo, em [is'kejɾo], notamos a síncope do /S/ e o alçamento da vogal alta posterior arredondada em ‘vamu’. Consciente de que o léxico é o mesmo, reafirma que o ‘modo’ de falar que é diferente. Sobre o dialeto do gaúcho, o informante cita a expressão regional ‘tchê’ e o uso do pronome *tu*, recorrente em algumas regiões gaúchas. Ao ser questionado acerca dessa variação, o informante avalia como legal, afirmação incompatível com atitude negativa, de deboche, ao rir derrisoriamente do dialeto do gaúcho.

O informante do excerto (132), de Marília-SP, argumenta que cada Estado tem um sotaque, manifesta consciência da variação diatópica no Brasil e, em seguida, aponta também para a variação diastrática, isto é, aponta para a gíria utilizada pelos mais jovens. A atitude do informante frente ao uso da gíria é negativa, uma vez que reprova e admite ser uma “*fala meio lascado*”. Este informante relata que, no Nordeste, existem denominações diferentes para os objetos, que os cariocas falam com gírias, que os baianos falam arrastados e que os catarinenses e os paranaenses falam mais “*corrido*”. Na avaliação deste informante, quem fala correto são as pessoas do Estado em que reside, o Estado de São Paulo, isto é, o informante manifesta uma atitude positiva sobre a própria variação.

6 CONCLUSÃO

O estudo das atitudes linguísticas pode ajudar a compreender as preferências e as rejeições linguísticas e, por sua vez, a entender os processos de mudanças ou de manutenções da língua. Para além disso, analisar as atitudes linguísticas pode evidenciar não apenas os dialetos locais estigmatizados ou valorizados, mas desvendam os caminhos que os preconceitos trilharam ou ainda percorrem, preconceitos não somente na esfera linguística, mas também de ordem social. A análise das atitudes linguísticas pode auxiliar na compreensão da identidade da comunidade de fala, dos funcionamentos internos e, mais do que isso, entender os anseios, as recusas e os julgamentos linguísticos dos falantes sobre eles mesmos ou sobre o outro.

As pesquisas sobre atitudes linguísticas derivadas de princípios da Sociolinguística, da Psicologia Social, da língua em relação à sociedade e, acrescidas dos estudos da Dialectologia, principalmente a vertente pluridimensional e relacional (THUN, 1998), encontraram um imenso campo para atuação.

Esta tese, observando as três áreas do conhecimento supracitadas, a saber: a Sociolinguística, a Dialectologia e a Psicologia Social, buscou investigar as atitudes que os informantes do interior da Região Sudeste têm sobre as falas locais e sobre as falas de outras regiões.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, por meio das perguntas metalinguísticas de 2 a 5, oportunizaram a investigação das atitudes linguísticas de informantes situados na Região Sudeste do Brasil, a saber, os Estados do Espírito Santo-ES, do Rio de Janeiro-RJ, de Minas Gerais-MG e de São Paulo-SP.

O exame sobre a consciência linguística das diferenças nos dialetos locais, segunda pergunta metalinguística, e a consciência dos dialetos espalhados pelo Brasil, quarta pergunta metalinguística, retratam não apenas o saber da existência linguística, evidenciam, principalmente, as percepções que os informantes têm acerca do que é diferente e, muitas vezes, quais as atitudes linguísticas sobre o que consideram diferente. Tais manifestações de atitudes podem indicar o porquê das valorações positivas que, muitas vezes, se tornam línguas privilegiadas e, portanto, almeçadas, ou valorações negativas, que se revestem de preconceito.

A avaliação das atitudes que os informantes têm sobre as variedades locais, além de auxiliar o entendimento acerca do avanço da mudança ou da manutenção de alguma variante e as causas e os trajetos do preconceito não apenas linguístico, pode desvendar as relações de

forças sociais que se estabelecem por meio da língua. Sobre esses indícios, as respostas da terceira pergunta metalinguística, que é derivada da segunda pergunta metalinguística, revelam em quais percepções os informantes se apoiam para justificar o que consideram diferente e, algumas vezes, revelam quais as forças que operam no julgamento linguístico, como relações de trabalho (chefe e subordinado), parentesco (primos, netos etc.), valorização do nível de estudo (mais estudado) ou, mesmo, procedência (rural).

A investigação da consciência sobre a existência de dialetos, quarta pergunta metalinguística, além de demonstrar um extrato de quais dialetos são lembrados, evidencia, muitas vezes, como o contato com esses dialetos pode ocorrer, seja por meio televisivo, seja por relações trabalhistas, seja por proximidade geográfica ou mesmo por vizinhos ou visita de familiares. A quinta pergunta metalinguística, decorrente da quarta pergunta metalinguística, além de identificar os dialetos e como a variável idade e a variável sexo podem interferir nesse reconhecimento, reflete quais atitudes linguísticas os informantes têm sobre os dialetos, bem como algumas relações sociais transfiguradas em atitudes linguísticas.

Para analisar os dados, utilizamos o método direto de observação das respostas dos informantes, tanto as transcrições quanto os áudios, e recursos computacionais, como o Programa R e o Excel (versão 2019).

No Estado de Minas Gerais-MG, os informantes alegaram existirem três dialetos mineiros: um ao norte, próximo à Bahia, um ao sul, próximo a São Paulo, e um dialeto próprio da capital Belo Horizonte. Como citado no decorrer da seção sobre o estado, a mesma divisão é sustentada por Zágari (2013), que investigou e concluiu que Minas Gerais possui acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais que distinguem os falantes dos demais estados.

Os homens apresentaram mais consciência linguística sobre as diferenças na localidade. As percepções mais recorrentes para justificar as diferenças nos dialetos locais foram o desvio da norma, a fala caipira e o uso de gírias. As percepções do desvio da norma e da fala caipira frequentemente foram correlacionadas. As atitudes linguísticas sobre os dialetos locais tenderam a ser negativas, desvalorizadas, por serem procedentes de zonas rurais e se distanciarem da norma, além de adjetivarem como erradas, enrolado, mal, antigas etc.

Tanto os homens quanto as mulheres reconheceram a existência de dialetos regionais; os homens, todavia, foram unânimes. Constatamos que alguns informantes de Minas Gerais manifestaram bastante preconceito sobre os dialetos, principalmente sobre o dialeto carioca e o dialeto paulista. Dos informantes que apresentaram avaliações dos dialetos, as mulheres foram

as mais tolerantes, já alguns informantes mais jovens revelaram-se mais preconceituosos, principalmente sobre a percepção da fala caipira.

Os dialetos mais recordados pelos informantes mineiros foram procedentes da região Sudeste, majoritariamente, seguidos pelos dialetos nordestinos. Os dialetos paulista e carioca são mais lembrados que o próprio dialeto mineiro.

No Estado de São Paulo-SP, por pouca diferença, as mulheres e os mais jovens mostraram-se mais atentos e apresentaram mais consciência linguística sobre os dialetos locais. As mulheres tenderam a apresentar atitudes mais negativas e justificaram as diferenças por meio da percepção do sotaque do /R/, da fala caipira e, principalmente, do uso das gírias.

Tanto os homens e as mulheres quanto os jovens e os mais idosos foram propensos a afirmar a existência de dialetos em outras regiões, ou seja, o exame da variável sexo e da variável idade no interior de São Paulo para determinar quem demonstra mais consciência sobre a existência de dialetos apresentou índices de afirmação muito próximos. Na indicação dos dialetos, entretanto, os mais idosos e as mulheres indicaram mais diversidade de dialetos e os dialetos procedentes da Região Nordeste, principalmente da Bahia e de Pernambuco, foram alvo de muitas atitudes negativas por parte de alguns informantes. O fluxo migratório ocorrido entre as regiões do Nordeste e do Sudeste balizaram o contato linguístico entre paulistas e nordestinos e, assim, direcionaram as indicações dos dialetos nordestinos, as percepções e as atitudes linguísticas dos informantes paulistas.

As percepções do uso de gírias, do desvio da norma, da fala caipira, do nível escolar e do sotaque (puxam o /R/ ou puxam o /S/) conduziram, geralmente, para atitudes negativas, e as percepções do nível escolar, desvio da norma e fala caipira estavam, por vezes, entrelaçadas. Diante disso, a hipótese (iii), de que algumas percepções frequentemente interferem de forma negativa nas avaliações linguísticas, foi confirmada. Além das percepções sugeridas pelos informantes, constatamos que a afinidade que os informantes têm sobre um falante do dialeto citado interferiram nas avaliações e, conseqüentemente, nas atitudes linguísticas.

No Estado do Espírito Santo-ES, a variável sexo e a variável idade não foram significantes para determinar a consciência linguística sobre os dialetos locais. As atitudes linguísticas, geralmente negativas, foram justificadas pela percepção de que, nas localidades, os descendentes de imigrantes, mas que falam a língua portuguesa, a fala dos mais idosos e o desvio da norma eram as responsáveis pelas diferenças linguísticas.

Sobre os dialetos regionais, a variável idade mostrou-se significativa e os mais jovens tenderam a ser mais conscientes sobre a existência de dialetos espalhados pelo Brasil.

A investigação da variável sexo aponta que não existe, nas amostras, diferenças entre os homens e as mulheres que possam determinar quem é mais atento à existência de dialetos. As mulheres, entretanto, mostraram-se mais conhecedoras da diversidade de dialetos, principalmente sobre os dialetos da região Sudeste. O dialeto carioca foi o mais reconhecido e este dialeto junto com o dialeto paulista foram os que tiveram mais avaliações negativas.

No Estado do Rio de Janeiro-RJ, os homens e os jovens identificaram mais os dialetos locais. Os informantes apontaram, frequentemente, a percepção das *gírias*, a *fala caipira*, *sotaque* (palatalização do /S/) e o *nível escolar* para justificar as diferenças locais. A percepção do *desvio da norma*, a *fala caipira* e o *baixo nível escolar* geraram recorrentemente tendências para atitudes negativas.

No reconhecimento de dialetos em outras regiões, tanto os homens quanto as mulheres alegaram existirem dialetos. Embora a variável sexo tenha sido inconclusiva para determinar o maior ou menor grau de consciência linguística, os homens demonstraram conhecer um número maior de dialetos, isto é, indicaram mais diversidade de dialetos do que as mulheres (tabela 13). Sobre a variável idade, os mais jovens apresentaram, também, mais indicações de dialetos em outras regiões.

Os informantes dos pontos de inquéritos próximos à capital Rio de Janeiro, majoritariamente, citaram o dialeto paulista. Apontamos que a facilidade de acesso entre Rio e São Paulo e a relevância de ambas as capitais no cenário político-econômico brasileiro sejam as responsáveis por estabelecer essa consciência linguística. Os dialetos dos estados vizinhos ao Rio de Janeiro e os dialetos baiano e paraibano foram os mais estigmatizados. As mulheres e os mais jovens foram os mais intolerantes com os dialetos regionais.

Sobre os resultados gerais da Região Sudeste, identificamos ao todo 45 dialetos. O dialeto do baiano, do cearense, do paranaense, do gaúcho, do mineiro, do carioca e do paulista foram lembrados com mais frequência pelos informantes de todos os Estados, sobretudo os dois últimos. A maioria dos dialetos lembrados pelos informantes dos Estados da Região Sudeste são procedentes dos estados vizinhos, reforçando que o contato geográfico é, por enquanto, também um fator determinante para a formação da consciência linguística. Nos dados, entretanto, já apareceram dialetos de regiões mais distantes, sugerindo que outras formas de contato, como a migração interna, a televisão, a internet e o rádio, também são operantes para

estabelecer a consciência linguística sobre a existência de dialetos. O dialeto gaúcho, procedente de um estado que não faz divisa política com a região Sudeste, foi o que mais apareceu nas respostas dos informantes; algumas vezes, percebido por meio de traços culturais vistos pelos informantes na televisão.

No geral, os informantes do interior da região Sudeste propenderam a não reconhecer as diferenças linguísticas na localidade, sendo os informantes do estado de São Paulo, estado com mais entrevistados, os que mais negaram os dialetos locais.

Sobre o reconhecimento de dialetos em outras regiões, os informantes foram quase categóricos para afirmarem a existência, apenas o estado do Espírito Santo não apresentou índice superior a 90%.

A investigação das respostas e os índices da região Sudeste apontaram que ambos os sexos e ambas as idades tenderam a negar as diferenças linguísticas locais (gráficos 19 e 21) e a afirmar categoricamente sobre as diferenças nos dialetos em outras regiões, reforçando que, para os informantes, as diferenças, isto é, o ser diferente é o outro. Diante desses dados, dos gráficos sobre o reconhecimento de dialetos locais, constatamos que a hipótese (ii), os falantes de mais idade têm maior consciência sobre os dialetos da localidade, não se confirmou, devido à proximidade dos índices nas respostas de falantes das duas faixas etárias. Ainda que, em cada estado separadamente, possam existir algumas diferenças, as variáveis sexo e idade parecem interferir pouco na consciência linguística sobre a existência de dialetos, isto é, ambos os sexos e ambas as idades tenderam a negar as diversidades locais e a afirmar sobre as diferenças dialetais.

Os informantes da Região Sudeste geralmente manifestaram atitudes linguísticas negativas sobre os dialetos, principalmente acerca dos dialetos dos estados vizinhos da própria região e, quando citados, da Região do Nordeste. Sendo assim, a hipótese (i) foi confirmada, as variedades regionais são mais evidentes e caracterizadas majoritariamente com atitudes negativas.

De acordo com as análises, concluímos que os informantes da Região Sudeste quase não identificaram os dialetos locais e, quando o fizeram, manifestaram percepções que tendem a ser variáveis diastráticas, como, por exemplo, nível de escolaridade, cultura, desvio da norma etc. Os informantes constataram, com altos índices, os dialetos regionais e, geralmente, alegaram os sotaques, as denominações diferentes e as expressões regionais para justificar o que é diferente na fala do outro. Desse modo, a hipótese (iv) mostrou-se verdadeira, os aspectos

linguísticos percebidos e recorrentes para caracterizar a fala diferente são os sotaques, as denominações e as expressões regionais.

Por fim, vale ressaltar que muitos dos exemplos citados pelos informantes sobre os dialetos revelaram que outras formas de contato linguístico, além do contato geográfico, como o contato televisivo, foram operantes e contribuíram para estabelecer a consciência linguística de alguns informantes e para manifestar as atitudes linguísticas, principalmente sobre dialetos procedentes de regiões mais distantes do Sudeste. As relações de trabalho, a afinidade e a convivência com o falante de outro dialeto também interferiram nas avaliações linguísticas de alguns informantes.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. **Hombre, etnia, estado:** actitudes lingüísticas em hispanoamérica. Editorial Gredos: Madrid, 1986.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008.
- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo:** abordagem prévia. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 1979.
- BAENINGER, R. São Paulo e suas migrações no final do século 20. In: *SciELO Brazil: São Paulo em perspectiva*. São Paulo, 2005. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300008>> Acesso em 8 nov. 2021.
- BEM, D. J- 1938. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1934.
- BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolingüísticas em Cáceres – MT:** efeitos do processo migratório. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares – Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- BOTASSINI, J. O. M. A importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a sociolingüística. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, n. 18/1. Londrina, 2015. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p102
- BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo dos róticos em coda silábica. In: **Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística:** nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera. (org.) Altino, F. C. Londrina: Midiograf, 2012.
- BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes lingüísticas:** um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. (Tese de doutorado). Londrina, 2013.
- BRASIL. Prefeitura Municipal de Mariana. **Histórico**. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/historico>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolingüística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: Sociolinguistics. In: **Proceeding of the UCLA sociolinguistics conference**, 1964. 3 ed. Mouton, The Hague, 1966.
- BUFFON, J. A. **O café e a urbanização no Espírito Santo:** aspectos econômicos e demográficos de uma agricultura familiar. 1ª Edição. Campinas: UNICAMP, 1992.
- CALVET, L. J. **Sociolingüística:** uma introdução crítica. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, S. A. **A geolingüística no terceiro milênio:** monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2 mar. 2016.
- CARDOSO, S. A. Caminhos Andados e a Percorrer. In.: **Documentos 1:** Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004.
- CARDOSO, S. A. **Geolingüística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T; RIBEIRO S. S. C. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – versão 1999. In: **Documentos 4:** Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.

- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2013.
- DIAS, A. O. Mariana, o maior desastre ambiental do Brasil: uma análise do conflito socioambiental. In: LADWIG, N. I.; SCHWALM, H. (Org.) **Planejamento e gestão territorial: a sustentabilidade dos ecossistemas urbanos**. Criciúma, SC: EDIUNESC, 2018.
- ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora GRYPUS, 2015.
- FERREIRA, C. S. S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2009, pp. 251-263
- FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística**: o caso das laterais /ɲ/ e /ʝ/ no falar paraibano. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.
- GARCÍA MOUTON, P. **Cómo hablan las mujeres**. Cuadernos de Lengua Española 66. Madrid; Arcos Libros, 2000.
- GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GONZÁLEZ GONZÁLEZ, M. (dir.). **Atitudes linguísticas em Galicia**. Galicia: Seminário de sociolinguística. Real Academia, Galega, 1996.
- HYMES, D. On Communicative Competence. In PRIDE, J. B. e HOLMES, J. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972. 381 p. p.269-293
- HORA, D. (org.). **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: 2004.
- IBGE. **Agência IBGE notícias**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31461-ibge-divulga-estimativa-da-populacao-dos-municipios-para-2021#:~:text=S%C3%A3o%20Paulo%20segue%20como%20o,%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20habitantes> > Acesso em: 19 set. 2021.
- IBGE. **História**. 2010. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/historico>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- IPA CHART, <http://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-chart>, disponível sob uma licença Creative Commons Attribution-Sharealike 3.0 Unported. Copyright © 2015 International Phonetic Association.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism**. Journal of Social Issues. 1967.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- LERBACH, B. C. **Dos movimentos sociais para o Estado**: um estudo das carreiras de atividades ambientais no Espírito Santo. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo: 2015.

- LIMA NETO, N. V. **Brasília, sua gente, seus sotaques**: difusão candanga e focalização brasiliense na capital federal. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2018, 259 p.
- LOPES, C. R.; MOTA, M. A. A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (PE): uma abordagem experimental. In. Working Papers em Linguística. Vol 20. nº 2. Ano; 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2019v20n2p135>>
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2 Ed. Editorial Gredos AS. Madrid, 1993.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et Linguistique générale**. Paris: Champion, 1982.
- MENÉNDEZ, F. G.; MONTOYA, B. **Sociolingüística**. Universitat de València, 2014.
- MIRANDA, G. L. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2007.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. (orgs). 4ª ed. 5ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019.
- MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4ª ed. corrigida y actualizada. Barcelona: Ariel Letras, 2009.
- MOTA, J. A. Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de texto. In.: **Documentos 1**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA:EDUFBA, 2004.
- NEGRO, Antonio Luigi; BRITO, Jonas. **A Primeira República muito além do café com leite**. *Topoi*, v. 14, n. 26, p. 198, jan.-jul. 2013.
- OLIVEIRA, J. T. **História do estado do Espírito Santo**. 3ª Edição. Vitória: Coleção Canaã, 2008.
- OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolingüísticas. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i1.3100. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 21 out. 2021.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção lingüística na cidade de São Paulo. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo (USP) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2015.
- PAIM, M. M. T. A variação diageracional nos dados do projeto ALiB. In.: CARDOSO, S. A. M. **Documentos 3**: projeto Atlas lingüístico do Brasil / Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012.
- PRETI, D. A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação. São Paulo: Contexto, 1991.
- R CORE TEAM (2020). **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.
- RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SILVA, H. C. da. **O /R/ caipira no triângulo mineiro**: um estudo dialetológico e de atitudes lingüísticas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, 2012.

SILVA, D. L.; FERREIRA M. C.; SCOTTI, M. R. O maior desastre ambiental brasileiro: de Mariana (MG) a Regência (ES). In: **Arquivos do museu de história natural e Jardim Botânico/UFMG**. Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2. 2015, p. 136-159.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: Teoría y Análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SIMIELLI, M. H. **Geoatlas**. 32ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

TAUNAY, A. E. **História da cidade de São Paulo**. Vol. 23. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004.

THUN, H. (dir.). **Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay**. Kiel: Westensee-Verl., 2000.

THUN, H. **A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: ZILLES, A. M. S. (org.) Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

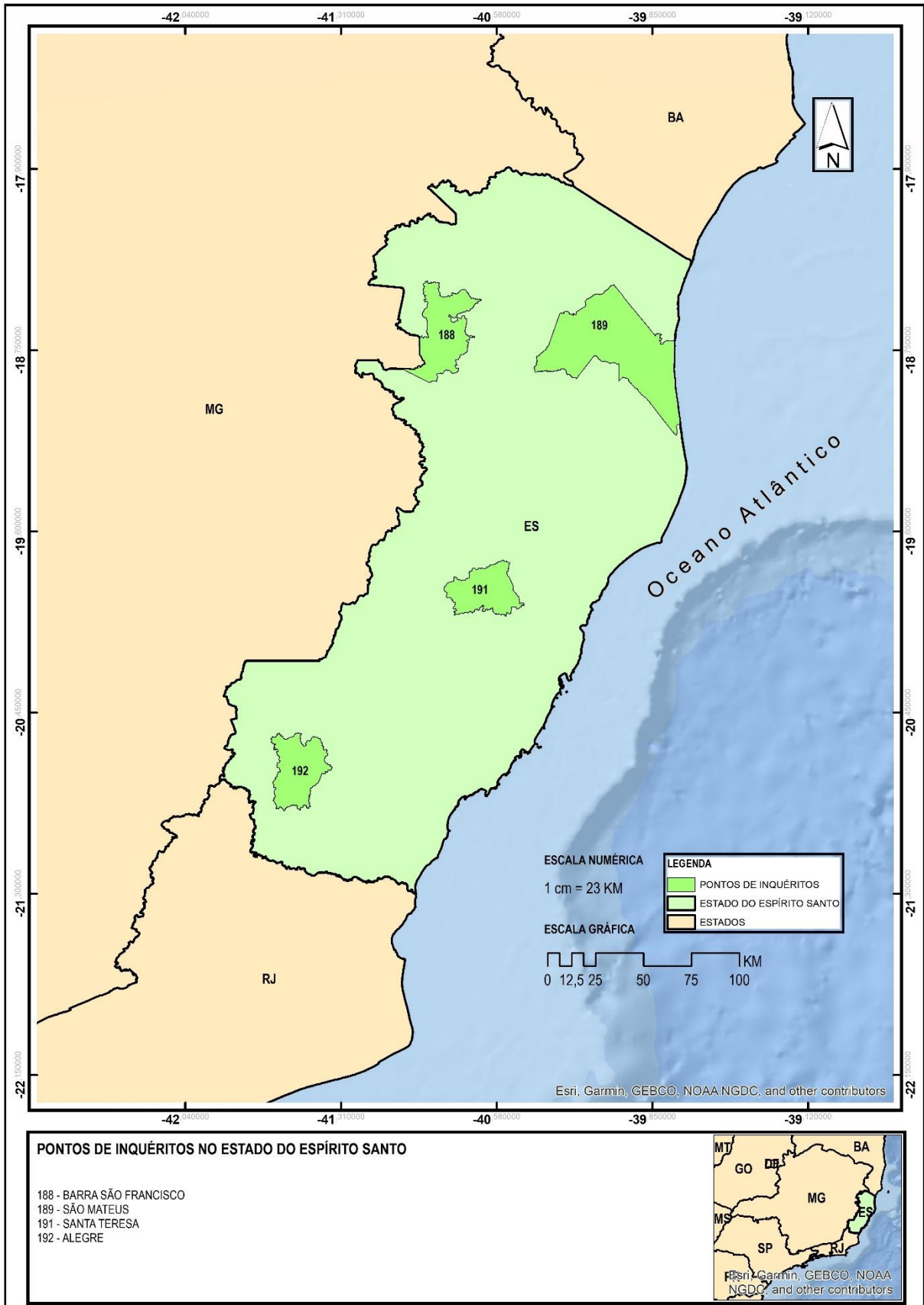
THUN, H. **La geolingüística como linguística variacional general: com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay**. In. *Dialettologia, geolingüística, sociolingüística*. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1998.

VICENTE, A. K; JUNIOR, J. Z; AIDAR, T. Evolução da produção da cana-de-açúcar em regiões canavieiras tradicionais e em expansão do estado de São Paulo. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). **Regiões Canavieiras**. V. 6. São Paulo: NEPA/Unicamp, 2013.

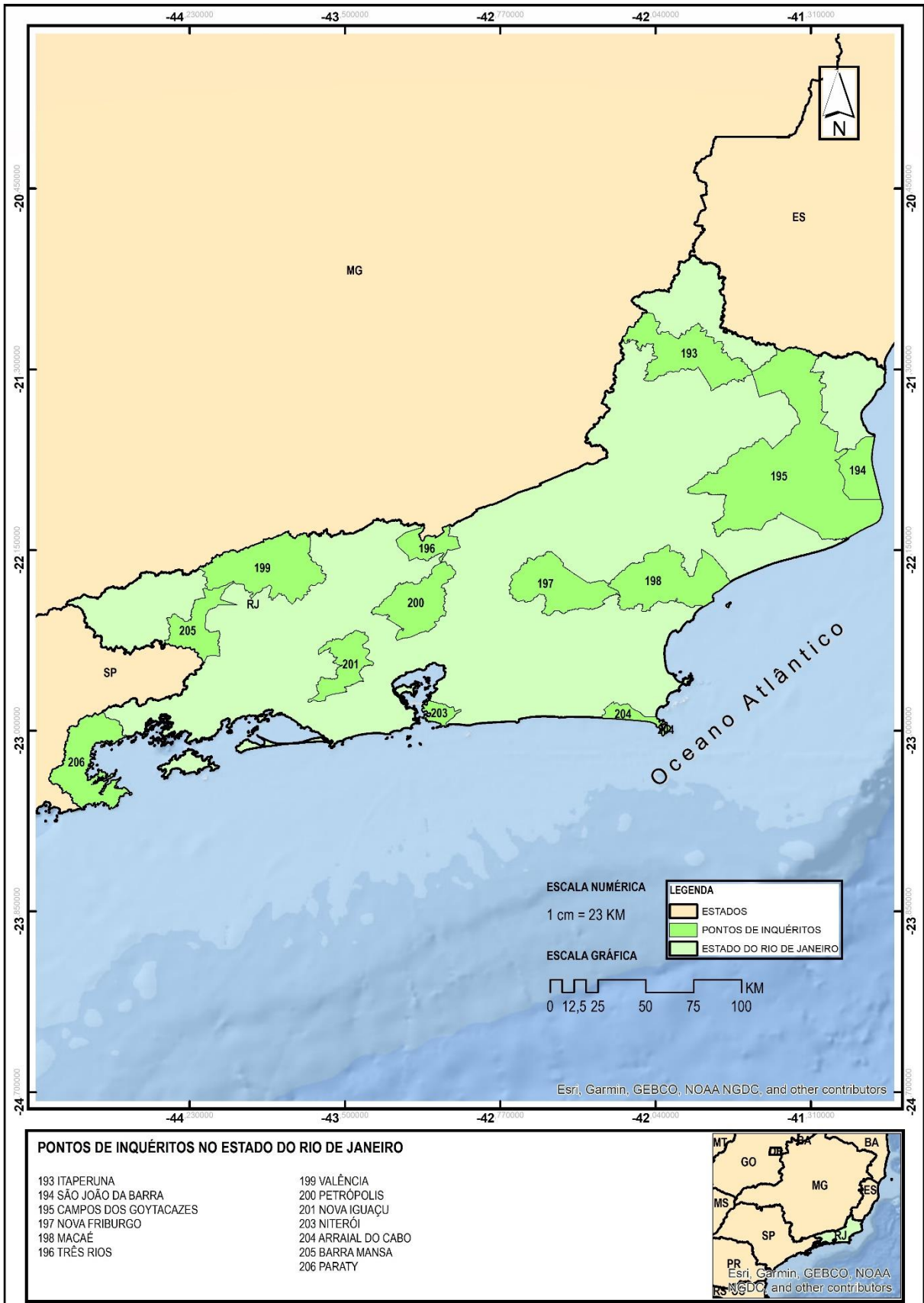
ZÁGARI, M. R. L. *Os dialetos mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. In AGUILERA, V. A. (ORG) **A geolingüística no Brasil: Trilhas seguidas, caminhos a percorrer** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013.

ANEXOS

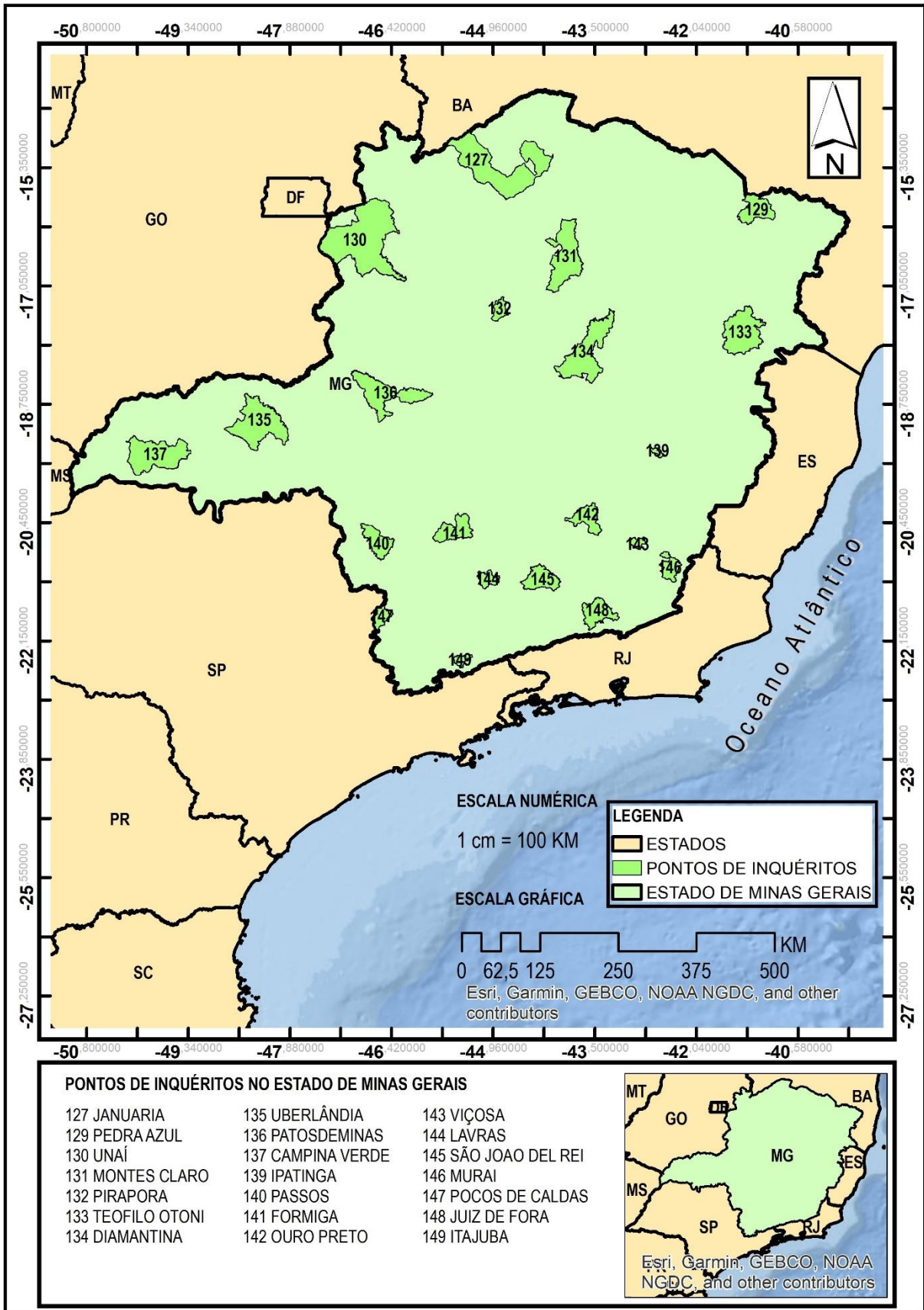
ANEXO I – Pontos de inquérito no Estado do Espírito Santo-ES.



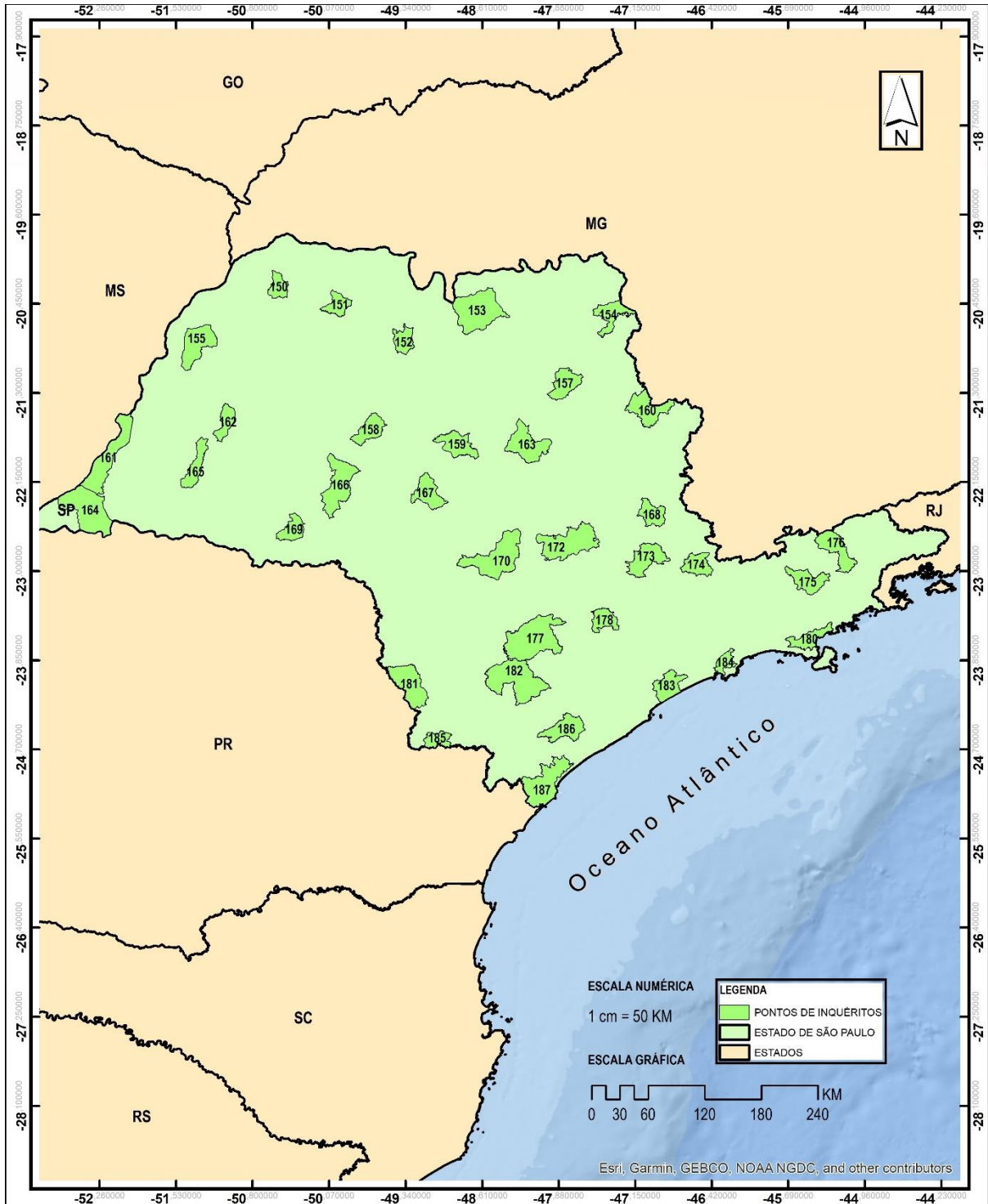
ANEXO II – Pontos de inquérito no Rio de Janeiro-RJ.



ANEXO III – Pontos de inquérito no Estado Minas Gerais.



ANEXO IV – Pontos de inquérito no Estado de São Paulo-SP.



PONTOS DE INQUÉRITOS NO ESTADO DE SÃO PAULO

- | | | | |
|--------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------------|
| 150 - JALES | 159 - IBITINGA | 168 - MOGIMIRIM | 177 - ITAPETININGA |
| 151 - VOTUPURANGA | 160 - MOCOCA | 169 - ASSIS | 178 - SOROCABA |
| 152 - SÃO JOSE RIO PRETO | 161 - PRESIDENTE EPITÁCIO | 170 - BERNADINO DE CAMPOS | 180 - CARAGUATUBA |
| 153 - BARRETOS | 162 - ADAMANTINA | 171 - BOTUCATU | 181 - ITARARE |
| 154 - FRANCA | 163 - ARARAQUARA | 172 - PIRACICABA | 182 - CAPO BONITO |
| 155 - ANDRADINA | 164 - TEODORO SAMPAIO | 173 - CAMPINAS | 183 - ITANHAEM |
| 156 - ARACATUBA | 165 - PRESIDENTE PRUDENTE | 174 - BRAGANÇA PAULISTA | 184 - SANTOS |
| 157 - RIBEIRÃO PRETO | 166 - MARÍLIA | 175 - TAUBATÉ | 185 - RIBEIRA |
| 158 - LINS | 167 - BAURU | 176 - GUARATINGUETA | 186 - REGISTRO |
| | | | 187 - CANANEIA |



Esri, Garmin, GEBCO, NOAA NGDC, and other contributors